

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

LAYANE DE SOUZA ONOFRE

ATORES HEGEMÔNICOS E NÃO HEGEMÔNICOS: TERRITORIALIDADES
HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE CARAMBEÍ – PR

PONTA GROSSA
2019

LAYANE DE SOUZA ONOFRE

ATORES HEGEMÔNICOS E NÃO HEGEMÔNICOS: TERRITORIALIDADES
HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE CARAMBEÍ – PR

Dissertação apresentada para a obtenção de título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território.

Orientadora: Prof.^o Dr^o Celbo Antonio da Fonseca Rosas

Co-orientador: Prof.^o Dr^o Niltonci Batista Chaves

PONTA GROSSA

2019

O58 Onofre, Layane de Souza
Atores hegemônicos e não hegemônicos: territorialidades históricas do município de Carambeí - PR / Layane de Souza Onofre. Ponta Grossa, 2019. 107 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Celbo Antonio da Fonseca Rosas.
Coorientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves.

1. Carambeí. 2. Território. 3. História oral. 4. Atores hegemônicos e não hegemônicos. I. Rosas, Celbo Antonio da Fonseca. II. Chaves, Niltonci Batista. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. IV.T.

CDD: 981.62

TERMO DE APROVAÇÃO

LAYANE DE SOUZA ONOFRE

“ATORES HEGEMÔNICOS E NÃO HEGEMÔNICOS: TERRITORIALIDADES HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE CARAMBEÍ - PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



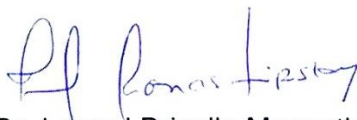
Orientador: Prof. Dr. Celso Antonio da Fonseca Rosas

UEPG



Profª. Drª. Márcia da Silva

UNICENTRO



Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

UEPG

Ponta Grossa, 12 de abril de 2019.

Dedico ao meu maior admirador, do sorriso largo, com doçura
e força de viver: Paulo Eduardo Onofre, meu pai.

AGRADECIMENTOS

Em homenagem ao meu pai, quem me ensinou a ser forte, corajosa, ao sonhar e ir atrás dos objetivos. A pessoa que tirava de si, para dar a mim e sempre me mimava com seu jeito de ser.

Agradeço a minha mãe, uma pedra bruta, de coração e alma generosa. No momento mais difícil de nossas vidas se fez um espelho de fé, de amor e esperança.

Ao meu irmão Layon, com quem compartilho a vida, que incontáveis vezes se fez presente, do qual sorrisos e carinhos são melhores ditos do que palavras.

Ao meu irmão Rafael, do qual nos mantivemos longe por anos, e a vida nos faz alimentar um sentimento bom, mesmo à distância.

À minha família Souza e Dias, por me fazerem ser melhor a cada desafio, a enfrentar a vida de cabeça de erguida. Por compartilharem comigo momentos de alegria e serem meus braços nos momentos de tristeza. São eles: Zeruza, Amadeu, Priscila, Marcos, Yan Gustavo, Catyna, João e Pyetra.

Ao meu orientador, do qual a palavra se estende a ser amigo e presente na construção de um trabalho.

Ao meu co-orientador, a quem eu admirava e por ter aceito caminhar junto nessa fase.

À banca examinadora, Leonel Brizolla Monastirsky, por estar presente há anos na minha vida acadêmica, de quem sinto tanto orgulho e me ensinou muito. À Márcia Silva, pelas ótimas contribuições ao trabalho e palavras doces.

Agradeço imensamente aos atores envolvidos nesse estudo, aos diferentes sujeitos carambeienses que disponibilizaram prontamente nas entrevistas, que me abriram as portas de casas e lembraram suas histórias, desejando contribuir significativamente, dos quais sem eles não existiria essa dissertação.

Sou grata pelos amigos que auxiliaram nas entrevistas, facilitando no contato com esses sujeitos, são eles Marcos Marcondes Carneiro e Deodoro Nogueira.

Reforço os agradecimentos aos amigos próximos, que por meio de conversas, palavras de força, impulsionamento, coragem, se mantiveram próximos confortando e apoiando no dia a dia, pessoas das quais seria equívoco nomeá-las, pois acabaria esquecendo.

Os agradecimentos se estendem às pessoas presentes na distância, de amizades antigas que nunca deixaram de apoiar, de direcionar palavras motivadora e fizeram-se memoráveis.

Aos colegas de mestrado, que juntos passamos por aflições, decepções mas superamos.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, em específico ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, por proporcionar trilhar meu caminho.

RESUMO

A presente dissertação busca compreender a formação e enredos que ocorreram desde os primeiros moradores da antiga colônia Carambeí, até o presente momento, dando visibilidade a diferentes vozes das etnias que juntas configuram o município, do qual abarca uma miscigenação étnica e estruturas hierárquicas sociais atreladas a uma cultura de representação. Essa tem por objetivo caracterizar a fundação de um discurso e a formação do município por meio de atores hegemônicos e não hegemônicos. Respalda-se na reconfiguração de uma tradição crítica que se faz presente há décadas. A metodologia utilizada é a história oral, que proporciona visibilidade a uma parte ofuscada da raiz de Carambeí. Dividida em três capítulos, o primeiro por meio da oralidade dos moradores e concomitante relação campo-cidade. O segundo capítulo esclarece e dialoga com as entrevistas (história oral) e a história documentada, enfatiza-se as diferentes vozes. O terceiro capítulo apresenta análises utilizando inicialmente das entrevistas transcritas em um banco de dados, e posteriormente em gráficos que auxiliam e melhor dão visibilidade ao estudo. Assim, o trabalho estabelece um vínculo entre o empírico (moradores do município), com a produção científica, com discussões conceituais sobre território, história oral, relação campo-cidade e memória.

Palavras- chave: Carambeí; Território; História Oral; Atores hegemônicos e não hegemônicos.

ABSTRACT

The present dissertation tries to understand the formation and entanglements that occurred from the first inhabitants of the old colony Carambeí, until the present moment. Giving visibility to different voices of the ethnic groups that together configure the municipality, of which it embraces an ethnic miscegenation and hierarchical social structures linked to a culture of representation. The purpose of this work is to characterize the foundation of a discourse and the formation of the municipality through hegemonic and non-hegemonic actors. It supports the reconfiguration of a critical tradition that has been present for decades. The methodology used is oral history, which provides visibility to an overshadowed part of the Carambeí root. Divided into three chapters, the first through orality of the residents and concomitant field-city relationship. The second chapter clarifies and dialogues with the interviews (oral history) and documented history, emphasizing the different voices. The third chapter presents analyzes using interviews initially transcribed in a database, and later in graphs that help and better give visibility to the study. Thus, the work establishes a link between the empirical (residents of the municipality), with the scientific production, with conceptual discussions about territory, oral history, field-city relationship and memory.

Keywords: Carambeí; Territory; Oral history; Hegemonic actors and non-hegemonic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	– Caminho da rota dos tropeiros.....	19
FIGURA 2	– Tríade da Colônia.....	66
FIGURA 3	– Representação dos holandeses nos discursos.....	67
FIGURA 4	– Nuvem de palavras.....	76
GRÁFICO 1	– Percepção da influência holandesa.....	68
GRÁFICO 2	– Relacionamento dos holandeses com as etnias.....	68
GRÁFICO 3	– Categorias discursivas.....	69
GRÁFICO 4	– Formação da colônia.....	70
GRÁFICO 5	– Povos.....	71
GRÁFICO 6	– Trabalho.....	73
GRÁFICO 7	– Religião.....	74
MAPA 1	– Espacialização dos entrevistados.....	14
QUADRO 1	– Check-list – Pré Admissão Associados.....	32
QUADRO 2	– Palavras na história documentada e história oral.....	44

LISTA DE SIGLAS

ACI	Aliança Cooperativa Internacional
APHC	Associação do Parque Histórico de Carambeí
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
 CAPÍTULO I ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CARAMBEÍ – PR.....	17
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	17
1.2 TERRITÓRIO – EXPRESSÃO SOCIAL.....	25
1.3 A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE NO CONTEXTO DO COOPERATIVISMO....	29
 CAPÍTULO II OS SUJEITOS E SUAS TRAJETÓRIAS.....	41
2.1 GRUPOS HEGEMÔNICOS E NÃO HEGEMÔNICOS NA HISTÓRIA ORAL..	41
2.1.1 Diversas etnias.....	45
2.1.2 Trabalho.....	49
2.1.3 Cidade.....	51
2.1.4 Cooperativa	53
2.1.5 Monumentos de representação.....	54
2.1.6 Sujeito.....	57
2.2 A PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA DE DIFERENTES SUJEITOS.....	58
 CAPÍTULO III CARAMBEÍ: PODERES E REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS.....	64
3.1 A INTERAÇÃO SOCIAL – GEOGRAFIAS PALALELAS.....	64
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84
Apêndice A – Tópico guia pré-elaborado.....	89
Apêndice B – Família Ventura.....	90
Apêndice C – Tereza Ventura na casa da Sinhara.....	90
Apêndice D – Tereza Ventura, família Spinardi e Deodoro Nogueira.....	91
Apêndice E – Banco de dados (Análise de Conteúdo).....	91
Apêndice F – Análise de conteúdo na base de dados.....	92
Apêndice G – Análise de conteúdo na base de dados II.....	92

Apêndice H – Código do programa desenvolvido.....	93
Apêndice I – Lista de nuvem de palavras e frequência.....	94
Apêndice J – Cessão gratuita de direitos de depoimento oral.....	95
Anexo A - Regulamento da Brazil Railway Company.....	103
Anexo B - Título definitivo de propriedade da Brazil Railway Company aos colonos.....	106
Anexo C – Hino de Carambeí.....	106

INTRODUÇÃO

Pensar em iniciar esse trabalho é retomar minha vida pessoal alguns anos atrás, quando iniciei por meio do Bacharelado em Geografia descobrir e refletir sobre o mundo do qual vivemos, cheio de possibilidades, conflitos, vivências que carregamos conosco e que tais norteiam constantemente, as vezes inconsequentemente, nossos caminhos. Ter saído de uma cidadezinha, da qual sua população é em torno de 10.000 habitantes, para morar em Ponta Grossa, carretou em grandes transformações que foram modelando aquela menina da qual era afetivamente caracterizada.

No segundo ano de graduação, costumo dizer que fui escolhida enquanto primeira oportunidade, de estar no grupo de estudo do professor Leonel Brizolla Monastirsky, do qual me proporcionou, inicialmente acolhimento, aliado a vínculos e descobertas acadêmicas e geográficas. O primeiro estudo como pesquisadora PIBIC centrava no município de Carambeí, no seu povoamento, alinhado a Rota dos Tropeiros. A continuidade da pesquisa me fez perceber que havia um elemento gastronômico, referenciado tradicionalmente, as tortas holandesas. Estas foram objeto central no Trabalho de Conclusão de Curso, sua importância se fez e faz presente na história do município.

A hipótese inicial era que as tortas fossem mesmo holandesas, ou seja, a receita advinha com os primeiros imigrantes, porém constatou-se que foram feitas no Brasil, com ingredientes fáceis e dispostos na rotina, como por exemplo a famosa “torta holandesa” que tem como ingredientes leite, cacau, bolacha e manteiga. Criada por um casal apreciador de doces, a fim de recepcionar amigos que haviam se instalado na colônia, essa prática foi se tornando frequente, realizada por diversas pessoas e, assim, incluída no cotidiano alimentar dos holandeses. Mesmo que essa hipótese não tenha se confirmado, há constatação de que as tortas são famosas, apreciadas e consideradas um símbolo, legitimadas enquanto patrimônio cultural imaterial.

Esse trabalho não se fez por concluído, especialmente na cabeça da pesquisadora. Muitos questionamentos não se encontravam explicados, entendidos, tais como “quais etnias estavam presentes quando esses imigrantes chegaram?”; “são os holandeses os impulsionadores do município?”; “como a população se vê diante da história, ou história contada, do município?”; “quais elementos, motivos, que sustentam essa tradição nos discursos?” “em quais espaços as etnias fizeram

presente ao longo dos anos?” Impulsionando assim, a continuar a pesquisa no programa de Pós-Graduação.

Agradeço ter ouvido essas inquietações internas, pois foram tais que nortearam e me fizeram capaz. Assim, a atual dissertação propõe uma reflexão em torno do processo de formação do município de Carambeí – PR, o qual é sede de diferentes etnias, atreladas ao processo de migração e ao assentamento de imigrantes europeus. O município possui um caráter multidimensional, que se expressa na linguagem, práticas cotidianas e nas relações sociais materializadas territorialmente. Práticas que foram moldadas ao longo do tempo e em determinados espaços. Ao pensar nessa configuração, encontram-se diferentes paisagens em território construído por grupos sociais. Alguns elementos como memória social, trabalho, são muitas vezes vistos de forma natural, porém essa pesquisa traz esse questionamento, do tradicionalismo, de uma herança histórica e cultural.

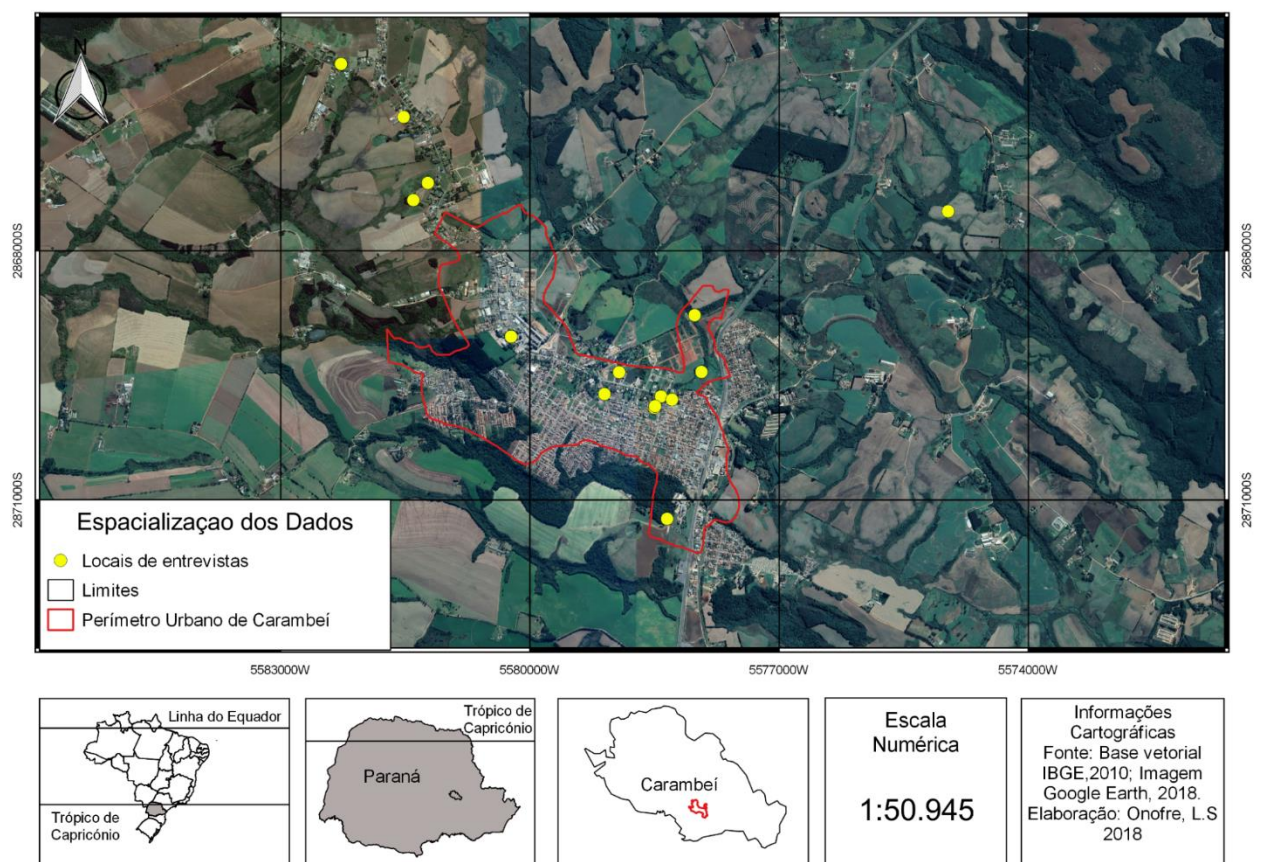
O primeiro capítulo demonstra a partir da narrativa de moradores antigos, suas histórias atreladas a da colônia, da qual foi povoada por diferentes etnias, com ênfase nos atores não hegemônicos, que nesse trabalho é representado pelas etnias portuguesa, italiana, alemã e polonesa, porém para criar esse paralelo se faz jus a história desses atores hegemônicos, condizentes aos holandeses. Não obstante, considera-se a presença de caboclos, índios e migrantes que se encontravam na terra. A sequência do capítulo é uma relação de campo-cidade, já que ao estudar esse avanço do município que se transformou de uma colônia, com grandes fazendas, em uma cidade, com grande influência econômica. Destaca-se assim um avanço epistemológico, na compreensão dessa estruturação do município, de seus agentes, desse espaço de profundidade social, uma relação de identidade, proximidade e distanciamento dos sujeitos com a própria cidade.

O segundo capítulo aborda as transcrições das entrevistas, dialogando com elementos que ela mesma forneceu, como: diversas etnias, cooperativa, relação trabalho..., buscando a partir deles um amálgama da história local e global, no mesmo sentido de global e local. Da representação desses sujeitos frente à história do seu município, uma composição entre o ser e a natureza apropriada e transformada. O avanço do capítulo passa então a explorar as narrativas e a história documentada, cujo objetivo é estabelecer dicotomias, paralelos e concomitâncias entre a história documentada e a história oral.

O terceiro capítulo tem por objetivo a sintetização, por meio de um banco de dados, das entrevistas, retomando-as e enfatizando as relações sociais construídas e ilustrado através de gráficos, figuras e nuvem de palavras. Apresenta e une as transcrições com ferramentas ilustrativas, visto que sua finalidade é trazer aspectos visuais que maximizam a compreensão do leitor.

Estas entrevistas foram realizadas pela técnica *snowball*, conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve”. (GOODMAN, 1961, apud ALBUQUERQUE, 2009). Da qual, os entrevistados indicam outros participantes e assim sucessivamente, até que o ponto de saturação seja atingido, ou seja, quando os relatos coincidem e o objeto em estudo consegue se configurar a partir das respostas. Ao total somam-se dezesseis entrevistados de diferentes etnias e consequentemente posições geográficas e sociais. O mapa organizado ilustra esses sujeitos.

Mapa 1 Espacialização dos entrevistados



Fonte: A autora (2018).

Consequentemente a dificuldade ao longo de todo estudo, foram as interpretações das narrativas desses sujeitos, no cuidado de ler e reler, dando ênfase a cada parte da transcrição que mais referia-se a cada contexto. Para tanto, as transcrições foram grifadas objetivando o olhar tanto do pesquisador, quanto do leitor. Soma-se a adaptação da metodologia de Análise de Conteúdo do Discurso (BARDIN, 1977), a qual consiste na transcrição das entrevistas de acordo com a fala dos sujeitos, que é desmembrada de acordo com o que cada fração da transcrição diz respeito.

Esse banco de dados apresenta as seguintes unidades de análise: “Categoria Discursiva”¹, remete a uma parcela da construção do município, como “formação da colônia”, “etnias” e “trabalho”. A unidade “Espacialidade Discursiva”² agrega ênfase a categoria discursiva, somando-se a mais características (análises), a citar como exemplo “miscigenação étnica”, “empregado” e “influência holandesa”. A última unidade “Evocação” compete a transcrição, literalmente conforme a oralidade, dos sujeitos, resultando em setenta e nove evocações de dezesseis entrevistados.

A partir dessa etapa, as análises em tabela se reestruturam para gráficos, a fim de dar maior respaldo a essas transcrições, podendo correlacionar e contrapor as unidades de análises. Para finalizar, a dissertação elenca as palavras mais ditas e conexas em um mapa ilustrativo, com tamanhos de acordo com a quantidade repetida dessas palavras. São formas diferenciadas, porém atreladas e sequenciais, que juntas representam a estrutura social do município de Carambeí.

Objetiva-se compreender a formação do município e seus territórios históricos por meio de grupos hegemônicos e não hegemônicos, especificamente por meio da caracterização desses atores, com suas respectivas vivências e discursos, frente a formação do município e, compreender a realidade histórica criada e recriada territorialmente por esses sujeitos materializada nos discursos, no seu papel diante de uma história documentada e oral.

A dissertação busca colaborar com o campo específico e ainda proporcionar aos moradores de Carambeí um estudo do qual represente sua vivência, sua história ao longo desses anos, do qual proporcionou voz a diferentes sujeitos, sendo

¹ Formação da colônia; História do sujeito; Início do Trabalho; Etnias; Emancipação; Holandeses; Trabalho; Imigração e Igreja.

² História do início da colônia; Tripé da colônia; Projeto de povoamento; Etnias constituintes; Prefeito; Percentual; Influência Holandesa; Empregado; Miscigenação étnica; Povos formadores; Cooperativa; Relacionamento das etnias; Relação com os holandeses; Emancipação; Igreja e Função Social.

abordados como atores hegemônicos – representa a etnia holandesa – e atores não hegemônicos – agrupa todas as demais etnias presentes. Essa distinção se fez pertinente de primeiro momento para começar a identificar os discursos, entretanto, foi notório no decorrer que, em sua maioria, as demais etnias reproduzem os discursos de anos, mas não o mesmo lugar de fala dos holandeses.

Sendo assim, o trabalho é proposto na ambivalência de relações, posições sociais, hierarquias históricas, a discursos apologéticos que se materializam no cotidiano, na relação de trabalho e no poder. São retratados nas paisagens, na imagem construída pela e na cidade, nas tradições e nas festividades. Significados que se materializam e materializaram ao longo dos anos tão pertinentes e representativos, que já nem sequer questiona-se sua veracidade, por estarem vinculados intrinsecamente nos costumes e formas de se pensar.

CAPÍTULO I

ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CARAMBEÍ - PR

Este primeiro capítulo discorre a respeito da formação do município de Carambeí - PR, a partir da história documentada, referenciada em livros e trabalhos acadêmicos, além de referências eletrônicas. Nesse contexto encontramos a referência histórica da formação do município atrelada a uma única etnia pioneira, convém assim, uma visão heterogênea que traga visibilidade e melhor dialogue com a sociedade. Para tanto, o capítulo dividiu-se em três seções, a primeira “Contextualização do município” apresenta elementos históricos decorrentes de sua formação. A segunda seção “Território – expressão social” conjuga um conceito geográfico à realidade local dos carambeienses, de forma a proporcionar cunho epistemológico a respeito do município, condizente a terceira seção aborda “A relação campo-cidade no contexto do cooperativismo” objetivando a inter-relação de uma prática enraizada no município advinda com os imigrantes as diversas etnias existentes, capazes de se unirem em uma concomitância que se materializa há décadas.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Os oitocentos (1800) foram marcados, no Brasil, pela presença dos chamados viajantes europeus. Eram engenheiros, naturalistas, artistas e botânicos que percorreram todas as regiões brasileiras estudando e registrando – em textos e imagens – a fauna, a flora, as “gentes” e as práticas culturais brasileiras. Naquele momento o capitalismo europeu em expansão já percebia as potencialidades das regiões periféricas – como a América do Sul – como mercados fornecedores e consumidores com grandes potenciais e possibilidades.

Foi nesse contexto que Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire, um naturalista francês que percorreu o sul do Brasil entre 1816 e 1822 estudando e escrevendo sobre a natureza, a topografia, a sociedade e as práticas culturais encontrados nessa região, produziu o seguinte registro sobre os Campos Gerais do Paraná:

Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia. Assim como os habitantes do lugar, eles poderão criar gado; recolherão o seu estrume para fertilizar as terras, e com o leite, tão cremoso quanto o das regiões montanhosas da França, poderão fazer manteiga e queijo, que encontrarão fácil mercado nas partes mais setentrionais do Brasil. Como teria sido vantajoso para esta região, por exemplo, se, ao invés de ter sido mandada para Cantagalo, a colônia Suíça se tivesse estabelecido na parte dos Campos Gerais vizinha das terras habitadas pelos índios selvagens. Pelo seu número, eles teriam intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações; teriam ensinado aos antigos habitantes do lugar os métodos europeus de agricultura, que certamente são aplicáveis a essa região e, segundo tudo parece indicar, dificilmente se ajustarão às terras vizinhas ao Rio de Janeiro. Felizes em sua nova pátria, cujo aspecto lhes teria lembrado, em certos pontos, a sua terra natal, eles teriam descrito o Brasil para os seus compatriotas com as mais belas cores, e essa parte do império teria adquirido uma população ativa e vigorosa. (SAINT-HILAIRE, 1978.p. 17).

Até o começo daquele século, os Campos Gerais do Paraná se configuravam como uma região quase desabitada e praticamente sem nenhum valor econômico. A atividade do tropeirismo, iniciada no século XVIII, tornou os Campos Gerais um lugar de passagem obrigatório para os comerciantes paulistas que cruzavam o sul do Brasil para buscar o gado vacum e muar que abasteceria as minas gerais, então o locus da produção econômica brasileira. Foi assim que surgiram os pousios, que ao longo do tempo se tornaram povoados, que depois passaram a condição de vilas, freguesias e, por fim, cidades.

FIGURA 1 Caminho da rota dos tropeiros



Fonte: Secretaria Municipal do Turismo de Caxias do Sul. (2019)
Org: A autora (2019).

Portanto, as cidades existentes nos Campos Gerais (bem como a própria região) nasceram de um processo histórico comum: a atividade tropeira. Isso fez com que nela se desenvolvesse uma identidade própria ligada à passagem das tropas, às invernadas, aos criatórios, aos latifúndios e aos agrupamentos humanos que – ao longo do tempo – tornaram-se cidades.

A entrada de imigrantes europeus no Brasil foi um fenômeno que teve início na década de 1850 e teve como principal objetivo a substituição do trabalho escravo, que começa a escassear no país em razão das leis antitráfico assinadas pelo governo de Pedro II.

De acordo com Kowarick (1987), existiam grandes contingentes de homens livres no Brasil do século XIX que poderiam ter sido incorporados ao sistema regular

de trabalho. Eram descendentes de portugueses e miscigenados que vagavam pelo território nacional despossuídos e vivendo de trabalhos eventuais. Mas então, qual o motivo fundamental para trazer imigrantes europeus e não inserir tais homens livres no mercado de trabalho? Explica:

Não é difícil entender também porque os fazendeiros procuraram encontrar a solução para o problema da mão-de-obra por intermédio do colono europeu. Este, desconhecendo as condições de trabalho que iria enfrentar, fechado no grande latifúndio, onde a lei é a vontade do senhor, poderia ser submetido às formas de violência das quais o braço nacional procurava de todas as formas escapar. (KOWARICK, 1987, p. 73.)

O Paraná, nascido em meados do XIX, nasceu com vários problemas. Um dos principais, a necessidade urgente de ocupação de um território que, até 1853, contava com população esparsa e centrada no litoral, primeiro planalto (Curitiba) e segundo planalto (Campos Gerais). A imigração europeia, pela soma dos fatores, foi a solução buscada pelos administradores paranaenses. Poloneses, ucranianos, russos-alemães, italianos, alemães, suíços, entre outros, logo chegaram em solo paranaense e se estabeleceram tanto nas poucas áreas urbanas do estado como em sua área rural.

Na região dos Campos Gerais foram inúmeras as colônias formadas a partir da chegada dos imigrantes europeus. Uma delas, a de Gonçalves Junior, estruturada na região do atual município de Irati, caracterizou-se tanto por seu isolamento (algo comum em muitos casos em todos os estados do sul do Brasil) e por sua formação multiétnica, reunindo alemães, poloneses e, por fim, holandeses.

Em menor número quando comparados a outros grupos, como eslavos e germânicos, os holandeses chegaram ao Paraná em 1908 e foram levados para Gonçalves Junior. De acordo com Kooy (1986, p. 10), a integração e a própria sobrevivência dos holandeses foi muito difícil, pois “a terra e as condições viventes não favoreceram o pertencimento, ficavam alojados ainda em meio a mata e a colônia ficou conhecida como cemitério das mulheres”, devido ao fato destas, bem como as crianças, serem mais suscetíveis às doenças.

Em pouco tempo, os holandeses se decepcionam com a experiência da colônia e decidiram, coletivamente, retornar para sua pátria de origem. Antes disso, um pequeno grupo decidiu percorrer áreas próximas nos Campos Gerais que pudessem abrigar o grupo em novas condições de vida. O ano era 1911, momento em que a

Ferrovia São Paulo – Rio Grande estava em fase de expansão e a necessidade de braços para a mão de obra da estrada de ferro e da montagem de infraestrutura básica para atender as demandas dos próprios ferroviários era crescente.

A confluência de interesses fez com que os holandeses encontrassem condições propícias para a sua sobrevivência no Brasil, enquanto a ferrovia conseguiu resolver o problema do abastecimento de gêneros alimentícios para seus funcionários.

A esse respeito, Kooy produziu o seguinte registro:

Os primeiros colonizadores de Carambeí se estabeleceram aqui porque a “Brazil Railway Company” tinha um plano de colonização para esta área onde possuía muitas terras. Seus planos eram conseguir uma produção agrícola pra carga de seus trens. Foi no dia 4 de abril de 1911, que Leendert Verschoor, como primeiro holandês, aceitou fazer um contrato com a Companhia. Esta data pode ser considerada a data da fundação da colonização holandesa em Carambeí. (KOOY, 1986, p. 28).

É importante salientar que tanto a terra, quanto os animais, inicialmente cedidos pela Brazil Railway Company aos holandeses, foram devidamente cobrados nos anos seguintes pela ferrovia, ou seja, não houve doação de bens, mas a antecipação das condições básicas para que a produção se efetivasse na colônia e atendesse aos interesses e necessidades da estrada de ferro.

Em pouco tempo, a produção de laticínios mostrou-se viável a ponto de os colonos decidirem se organizar em torno de uma cooperativa³ – 1925 – com o fim de racionalizar a atividade produtiva e valorizar os produtos oriundos das famílias colonizadoras. Essa decisão moldou de forma definitiva o modelo da colonização holandesa em Carambeí e se tornou o pilar sobre o qual ocorreu o desenvolvimento social, cultural e econômico da colônia. A Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios contribuiu decisivamente para que as relações de produção do grupo se tornassem mais próximas e se configurou, ao longo das décadas seguintes, no centro das atividades econômicas da comunidade holandesa e dos demais grupos étnicos que se juntaram aos fundadores da colônia com o passar do tempo.

A historiografia que trata do processo histórico de formação de Carambeí – por exemplo: Kooy (1986), Sato (2008), Chaves (2010/2011) – referendam tal perspectiva

³ Cooperativa é “uma associação de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma empresa de propriedade comum e democraticamente gerida”. (ACI, 1998).

e apontam para a perspectiva de formação de um território de múltiplas faces, uma produção social reconfigurada ao longo do tempo.

A ocupação holandesa em Carambeí no começo do século XX expressa a experiência de uma etnia que, ao se estabelecer em solo brasileiro, reterritorializou e se mostrou indispensável para a formação e desenvolvimento da colônia e, depois, para o município de Carambeí. Ao criarem vínculo com a terra e se adaptarem ao que ela oferecia em termos de possibilidades, extraíndo recursos e se adaptando a chegada de novos grupos (holandeses ou não).

Essa formação territorial pode ser compreendida a partir da perspectiva de um leque construído a partir da realidade socioeconômica, da ação empreendedora e da participação de diferentes grupos étnicos. É importante que se perceba esse processo histórico trouxe consigo tensões, disputas e enfrentamentos – velados ou explícitos – entre os colonizadores iniciais e aqueles que chegaram posteriormente.

Desse processo nasceu um diverso patrimônio cultural, resultado da mescla e de sua elaboração a partir da realidade brasileira. Elementos políticos, econômicos e sociais são ao mesmo tempo incentivadores, mas ofuscados na hierarquização do grupo social holandês. Essa miscigenação originou um lugar com identidades espaciais, com relações de poder espacializadas, onde é visível a finalidade de defender seus modos de vida, enquanto práticas e hábitos, todavia privilégios de inclusão e exclusão, fundamentados no cotidiano. São tradições de riquezas materiais e imateriais vistas nas expressões sociais, que fortalecem as identidades⁴ individuais ou de um grupo.

O espaço onde se construiu essa cidade nos convida para o reconhecimento de uma realidade plural. É nesse plano intrincado que mulheres, homens, crianças, adultos e idosos estabelecem suas vidas. O que cada qual realiza, está distante de qualquer possibilidade de determinação. No entanto, o presente estudo propõe estabelecer algumas amarrações e confrontos que caracterizam um território, instituindo matrizes explicativas do fazer cidadão carambeiense.

A esse espaço geograficamente abordado é discutido por Harvey (2008) ao buscar uma compreensão a partir da sua natureza, assim sendo possível entender seus processos e ramificações. Um sinônimo dessas ramificações é distinguido pelo

⁴ A noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal (individual) e a social (coletiva). (OLIVEIRA, 1976, p. 4).

autor de espaço absoluto, relativo e relacional. O primeiro trata de um espaço delimitado fisicamente e fixo, enquanto um instrumento que classifica e distingue. Ao espaço relativo cabe a relação dos objetos, de maneira que escolhemos o fenômeno ao qual está inserido em uma geometria, cabendo ao observador o seu olhar e sua interpretação, em outras palavras, o espaço relativo significa múltiplas características e olhares nos quais destinamos a compreensão, trazendo ou inibindo elementos.

À visão relacional do espaço para Harvey (2008), cabe a consideração de um objeto contido de espaço na sua relação com outro, na realidade o espaço relacional existe na relação com uma especificação social, simbólica, econômica etc. Ao tomar por base outro caminho de compreensão, sem estabelecer uma dicotomia, temos uma relação entre três partes, sendo o espaço material, incubido da experiência e percepção; a representação do espaço como percebido e representado; e espaços de representação, que cabe ao espaço vivido das representações, emoções, abstrações, são reflexos, marcas internas que são expressas na maneira, nos significados, nas expressões corporais, práticas do cotidiano, modos de vida e pensamentos.

A dimensão espacial combina um aporte de relações sociais que se interagem no tempo e espaço, expressa fenômenos e transformações que exprimem as especificidades e contornam as organizações sociais. Esse diálogo com o autor dá luz para pensar no município em estudo, onde cada local e apropriação do espaço denota uma percepção e reprodução da história, ou melhor, histórias.

Logo, ao longo deste caminho, estaremos percorrendo representações de caráter universal, onde o ser próprio, porém, encontra-se em um movimento e em relação permanente com determinações específicas; onde a própria razão de ser se define por algo particular e próprio de aspectos específicos da formação social sem, no entanto, perder seu elo, sua relação com planos gerais/universais.(MONTENEGRO, 1994,p.10).

O espaço onde se constrói um município é formado por um caleidoscópio de determinações/relações. É nesse âmbito que homens, mulheres, crianças e velhos projetam suas vidas. Nesse movimento, o particular adquire formas próprias, recriando constantes parâmetros sociais, históricos e culturais.

A imigração europeia, sobretudo a holandesa, com maior intensidade, torna-se decisiva para o cooperativismo⁵. Esse desenvolvimento é crucial na representatividade do município, fator chave na sua própria emancipação territorial⁶.

Carambeí se fez (faz) visível por ter sido construída e constituída predominantemente da cultura holandesa, por ter sido o local da criação da marca hoje reconhecida como Batavo, e esses imigrantes depositaram na antiga colônia seu modo de empreender os negócios – capitalistas -, nas técnicas de trabalho, com suas características históricas e culturais, simbolismos, elos profissionais e familiares.

Predominantemente holandesa, Carambeí chegou ao final do século XX como um dos poucos casos de sucesso entre as colônias criadas no Paraná. Referência tecnológica e exemplo a partir da experiência do cooperativismo, desmembrou-se de Castro e Ponta Grossa, tornando-se oficialmente um município em 13 de dezembro de 1995. A partir desse acontecimento regional, definitivamente gravou seu nome na história por meio de um belo exemplo de superação e de capacidade de resistência. (CHAVES, 2010, p.101).

A formação do município e seus respectivos habitantes, é importante para a compreensão histórica de apropriação, sobretudo que se tramam cotidianamente, que estabeleceu por meio de um dinamismo entre migrantes e imigrantes, uma miscigenação formadora de um território ímpar, construções sociais fundamentadas no cotidiano, no respeito e na perpetuação de suas memórias. Cada grupo social é singular e fundamental em sua composição.

A respeito dessa miscigenação, aliada ao processo de imigração e urbanização, especialmente nos séculos XIX e XX, Oliveira (1976) faz sua argumentação que “um dos fenômenos mais comuns no mundo moderno talvez seja o contato interétnico, entendendo-se como tal as relações que têm lugar entre indivíduos e grupos de diferentes procedências “nacionais”, “raciais” ou “culturais”. (OLIVEIRA, 1976, p.1).

Por conseguinte, objetiva-se ao longo desse estudo apresentar os entrelaçamentos, de forma que o contato com cada grupo social e concomitantes análises não poderão ser feitas sem a devida percepção de que tais grupos são

⁵ Tripé: Religião, Educação e Cooperativismo.

⁶ “A evolução econômica autóctone de Carambeí, através de sua cooperativa de produção e do trabalho de seu povo, tornou possível o seu processo de emancipação política do território de Castro, que culminou em 13 de dezembro de 1995, com a criação do atual município de Carambeí. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 15, de 12.09.96)”. (SATO, p.24, 2008).

complementos, por fatores sociais, culturais e políticos. Assim, o subcapítulo a seguir denota uma similaridade entre a realidade em estudo com conceituações de cunho epistemológico.

1.2 TERRITÓRIO – EXPRESSÃO SOCIAL

Para melhor entendimento da formação de Carambeí, buscou-se referenciá-lo por meio de conceituação de território, enquanto categoria de análise, tendo em vista que o município é uma configuração heterogênea, de diferentes contextos, apropriações, usos e poderes do espaço que criaram formas específicas, assim como o próprio conceito em si, que caminha em parâmetros materiais e imateriais, isto quer dizer, em elementos administrativos, políticos, econômicos, mas também sociais, culturais e históricos.

Os modos de apropriações materiais e imateriais interagem-se, definindo espacialidades, temporalidades padrões culturais fundados em relações sociais, representantes do poder, são práticas que se fecundam constantemente. Assim, a conceituação de território se faz pertinente, ao analisar o enlace entre grupos étnicos e a formação de uma colônia e posteriormente um município. Sustenta as especificidades que cada grupo constituiu reedificando suas histórias e tradições.

O território conceitua-se em pertencimento, pela apropriação, por assim se atrelar a esses elementos materiais e imateriais, dos quais podemos exemplificá-los como econômicos, políticos, sociais e culturais. São marcas culturais que representam o ser, a sociedade, que se territorializam e se reterritorializam através do tempo, criam identidades em seus espaços.

Saquet (2007) denota a dimensão subjetiva do território como “o desenrolar de todas as atividades diárias que se efetivam, seja no espaço do trabalho, do lazer, da família etc.”. (SAQUET, 2007, p.72).

O município é uma realidade complexa, constituindo territórios múltiplos, ora um elemento em maior evidência que o outro, espaços de vivência em constante movimentação, reapropriações e ressignificações. Espaços esses tomados por diferentes grupos sociais, com práticas culturais distintas, vivendo em um mesmo bairro e/ou cidade. São novas formas de territorialização, que existiam, porém com níveis maiores, de experimentar simultaneamente diferentes territórios. Territórios

presentes em nosso corpo, em nossos pensamentos, maneira de viver, hábitos, compreendendo-o como em constante movimento.

O território é assim interpretado, onde se produziu uma ação, que por consequência releva poder. Uma construção a partir da realidade do espaço, assegurando a ligação entre as intencionalidades e as realizações. Ainda assim, é preciso se ater a quem desempenha esse papel de poder, criando nos espaços certos controles e autonomia. A partir daí, pode-se perceber uma representação restrita, vinculada a apenas uma etnia ou cultura.

O território movimenta e fixa-se sobre o espaço geográfico. Nessa análise Fernandes (2005) complementa:

São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice e versa, sendo o espaço um a priori e o território um a posteriori. O espaço é perene e o território é intermitente. Da mesma forma que o espaço e o território são fundamentais para a realização das relações sociais, estas produzem continuamente espaços e territórios de formas contraditórias, solidárias e conflitivas. Esses vínculos são indissociáveis. (FERNANDES, 2005, p. 28).

O território como espaço geográfico contém elementos naturais e produzidos por relações sociais. São contínuos e descontínuos, formado por diferentes escalas, envolvendo os países, estados, municípios, assim como bairros, vilas, casas, pensamentos e conhecimentos. O território é, portanto, material e imaterial, é uma totalidade, portanto multidimensional. Há assim, múltiplas determinações do território, que precisam ser consideradas a partir de seus estudos, isso requer categorias apropriadas para sua compreensão, para melhor gestão do território, categorias sociais, naturais, econômicas, políticas, culturais, históricas e etc.

O conceito de território foi adquirindo formas, possuindo recursos naturais e detentor da história construída pelas sociedades, por meio de valores, tradições, crenças, hábitos e formas de organização social. É detentor de forças políticas, estruturas de poder e dominação, acumulador de capital e retentor de produções concretas e abstratas e essas ações ocorrem em um espaço socialmente e historicamente construído.

Assim “o território é produzido com o passar dos dias, meses, anos, décadas, através de relações sociais incessantes que se estabelecem, com influências, interferências, dominações e domínios, imprimindo marcas no seu *interior* (do território)”. (SAQUET, 2009, p.212).

Nessa pesquisa o conceito de território é abordado de uma forma integradora, no qual, alinhado ao processo histórico do município, cada período denotou um significado, pelas experiências, relações de domínio e apropriação. “Fica evidente neste ponto a necessidade de uma visão de território a partir da concepção de espaço como um híbrido- entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura”. (HAESBAERT, 2011, p.79).

O território está presente em toda formação social, em todo processo histórico, indissociável a condição humana, ao adotarmos enquanto manifestação da vida em sociedade. A partir de múltiplas relações ditas inicialmente de pertencimento da terra, relação com a terra da qual vem o seu sustento, relações econômicas e até de forma mais simbólica, no convívio social, no poder entre culturas e identidades. Enquanto relação social, o mais importante é sua trajetória no processo histórico, aqui, no processo histórico de formação/construção do município de Carambeí.

Assim, diversas dessas etnias que pertencem atualmente ao município vieram em anos próximos a 1910, como acredita-se, em busca de uma terra melhor, longe da guerra e, concomitante a modo hierárquico (escalar), fixaram na antiga colônia. O sujeito carrega consigo o simbolismo, as práticas das quais norteiam sua vida. De forma alguma esse sujeito, mesmo estando em outra nação (neste caso) vai se distanciar repentinamente, por isso um processo ambíguo, no qual se adapta recriando sua identidade.

As relações são historicamente produzidas, como um elemento presente na formação de territórios. As próprias relações são materiais e imateriais, mudam e permanecem no cotidiano, sendo plurais e coexistentes. Essas diferentes atividades cotidianas, presente nas práticas espaciais, construindo malhas e nós, é para Raffestin (1993) as territorialidades, efetivadas pela economia, política e cultura, nas quais representam interfaces e representações múltiplas. São espaços apropriadas para produção, circulação e valorização do capital e reprodução da força de trabalho.

As pessoas e relações sociais produzem territórios e territorialidades, em um sistema dinâmico, complexo e contínuo. Apropriado por um determinado grupo que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder, por intencionalidades políticas, econômicas e culturais.

Para delinear essas reflexões a conceituação de território se fez útil, na construção teórico-prática, que possibilita a compreensão de intencionalidades, de relações de poder, visíveis no cotidiano.

De acordo com Raffestin (1993), territorialidade “reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”. (RAFFESTIN, 1993, p. 158). São práticas vividas individuais ou coletivamente, que transcendem demais territórios, pois toda relação social implica uma relação territorial, a intercessão de territórios que desencadeiam por meio do espaço vivido a multiterritorialidade.

Referenciando Fernandes (2009) compreendemos o território enquanto uma apropriação de diferentes sujeitos, que criam seus simbolismos e relações, que podem ser mutáveis, além disso relações de subordinação por elementos que esses grupos consideram fundantes, norteadores, que exclui e inclui, ou seja, subordinação e interdependência. Uma produção de relações baseadas na economia, produção e carga étnica. Território está presente nos bairros, nas casas, no trabalho, escolas, assim território não se concentra apenas no fazer material, mas imaterial, nas intencionalidades, na subjetividade em diferentes espaços, que determinam o agir social.

Assim, território é processualidade, se faz e se refaz pelos seus atores, logo, lhe é atribuído um elemento social. É neste território que as pessoas se identificarão, se organizarão. “A identidade tem sido tratada de diferentes maneiras em estudos do território, especialmente, como continuidades históricas-culturais, simbólicas, inerentes à vida de certo grupo social em um determinado lugar”. (SAQUET, 2007, p.147).

As identidades construídas em Carambeí, muito se vinculam ao processo migratório, tanto de brasileiros como de imigrantes, juntos construíram suas identidades, a partir de elementos de sociabilização, mantendo os costumes de sua cultura, sendo modelada em um contexto de formação territorial (relações de poder, lutas de classes, exploração, alienação, trabalho, pertencimento etc.).

O uso da conceituação de território se faz presente e capaz de subsidiar essas ramificações no processo histórico do município. Tendo em vista que território é feito pelos cidadãos, pelas pessoas em determinadas localidades, de acordo com suas potencialidades naturais, sociais e intencionalidades de interferências, são construídos em movimentos e produções feitas por diferentes indivíduos.

Com o uso carregado da palavra “poder”, se faz digno pontuar, brevemente, sobre suas implicações, com finalidade de melhor explicitar o estudo. A vista disso, poder se estende a diferentes maneiras e conceituações, é a possibilidade de deter

algo através de força moral ou física. O presente estudo se baseia em Bourdieu (2007) que conceitua em uma perspectiva simbólica o poder. “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. (BOURDIEU, 2007, p.15).

É por meio desse poder que os grupos sociais estão propensos a vincularem-se, a se identificarem (ou não), uma duplicidade em sua estrutura. Esse “poder simbólico é um poder de construção da realidade” (*Id, Ibid*, p. 9).

O poder não se concretiza sem que seus integrantes percebam e aceitem “não há influência que seja exercida ou poder explícito que se concretize sem que seus limites espaciais, ainda que as vezes vagos, igualmente sejam menos ou mais perceptíveis”. (SOUZA, 2013, p.87), ou seja, um poder que se mantém em uma ordem simbólica, enraizado nas histórias e identificando esses grupos, sendo legitimado, e reproduzido socialmente em diferentes territórios.

Carambeí se concretiza enquanto ramificações sociais interligadas, das etnias que juntas dão simbolismos ao município e a si mesmas. Por diferentes forças do poder ao longo do espaço – tempo.

A formação (construção) do município, inicialmente uma colônia, passa de um contexto de práticas rurais, para atividades centradas na cidade. Para tanto, essa demonstração de um caminhar da colônia se sustentará na e (não somente), aliança cooperativista. Prática essa trazida pelos imigrantes e demarcando suas características ao longo de mais de um século.

1.3 A RELAÇÃO CAMPO – CIDADE NO CONTEXTO DO COOPERATIVISMO

O município de Carambeí possui uma realidade peculiar e ao mesmo tempo comum com as histórias de formações de municípios através de imigrantes, especialmente europeus. A inserção de etnias externas relaciona-se com políticas de incentivo à exploração, realidade essa do território brasileiro, que por anos incentivou e auxiliou esses imigrantes que desempenharam características próprias e marcantes na história, junto com o modo de vida brasileiro.

Ao especificar o processo histórico de formação de Carambeí, Lopes (2004) nos apresenta que as terras da antiga fazenda *Carambehy* foram pertencentes a sesmaria de Pedro Taques de Almeida no século XVIII. Desde o fim do século XIX e

início do século XX, a construção de ferrovias foi um elemento predominante na formação de municípios a margem de seus trilhos.

Havia uma companhia (Brazil Railway Company), assentando colonos em boas terras, além de trabalho na construção da linha Ponta Grossa-Castro. Essas ofertas expandiram para outros países e por volta de 1911, três famílias de colonos holandeses, que haviam tentado se fixar na colônia Gonçalves Júnior em Irati – PR, viram nessa atual fazenda uma melhoria, pois na primeira tentativa, encontraram muitos empecilhos e até morte de várias mulheres, o que fez muitos imigrantes recém-chegados voltarem ao país de origem. “Para aquelas três famílias acima mencionadas (com efeito, Jan Vriesman, Leendert e Jan Verschoor) a oferta da Brazil Railway era interessante”. (SATO, 2008, p.43).

Esses colonos que trabalhavam na construção da ferrovia, receberam vacas para a produção de leite e derivados, sementes para a agricultura, fortalecendo o permanecimento na colônia. Ao passar dos anos, novas famílias chegavam motivadas por aquelas que estavam no país. Com o aumento desses colonos, a própria Companhia instala a primeira fábrica de laticínios para atendê-los bem como facilitar a comercialização dos produtos feitos por eles.

Como todos ganhavam vacas leiteiras, era comum a fabricação e comercialização de leite e queijo, entretanto houve uma saturação na produção e consequentemente uma perda financeira. Foi quando dois colonos resolveram se unir e criar uma firma, que posteriormente seria uma cooperativa. Em 1925 surge a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios⁷, a primeira cooperativa no Brasil. Em 1941 passou a se chamar Cooperativa Mista Batavo Ltda, reconhecida nacionalmente por Batavo⁸. O município se desenvolveu através desse sistema cooperativista, sendo o cooperativismo uma ramificação do tripé, que agrega também a educação e religião.

Ao refazer esse resgate histórico, nota-se a colonização predominante dos holandeses, que incentivavam a construção de uma pequena Holanda em terras

⁷ Com a fundação, em 1925, em Carambeí, da “Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios – BATAVO”, atual Cooperativa Agropecuária Batavo Ltda, passou-se na época também a construção da primeira fábrica de laticínios da cooperativa. (OCEPAR, 1986, p.12).

⁸ Em 1º/03/54, a Cooperativa Agropecuária Batavo Ltda, juntamente com a Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda, fundaram a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda – CCLPL. (OCEPAR, 1986, p.12).

brasileiras, inter-relacionando o elemento natural físico com transformações sociais, apropriações, representações e costumes materializados no espaço.

O processo de apropriação e produção do espaço geográfico é constituído pelo movimento histórico e por simultaneidades. Há um movimento constante que se materializa na vida cotidiano e no espaço, centrado na intersecção entre os tempos histórico e coexistente. O espaço é resultado de relações históricas e escalares, em que há uma conjugação entre aspectos da economia, política, cultura e da natureza exterior ao homem (E-P-C-N). Este espaço está contido no território e é condição para a reprodução territorial. (SAQUET, 2005, p.13882).

Essa imigração europeia para Carambeí, especialmente a holandesa, torna-se pioneira para a fundação da cooperativa de laticínios Batavo, e do que viria a se tornar o município, pela sua importância econômica. Esse desenvolvimento econômico está atrelado a emancipação política de Carambeí do território de Castro.

A Cooperativa da qual desencadeou a emancipação política-administrativa de Carambeí, foi ao longo dos anos sendo vendida a corporações maiores, resultando em fusões empresariais. Em 2011 a antiga cooperativa (no que podemos distinguir) retoma a industrialização, inaugurando a Central de Processamento de Leite Frísia, que em 2014 insere na sua linha de produção a área de trigo e suínos. Essa Central de Processamento era gerada pela Batavo Cooperativa Agroindustrial, que muda seu nome para Frísia Cooperativa Agroindustrial, empresa cuja a sede é no município de Carambeí. Portanto, o enlace cultural que estruturou a antiga Cooperativa é hoje nomeada de Frísia.

A Cooperativa⁹ é a figura de ordem material e imaterial da qual estabelecemos a relação campo-cidade, enquanto um elo que se propagou ao longo do tempo e transformou desde o primeiro momento de troca de mercadorias, de cooperação, até hoje, o alicerce da produção do gado, da ração, sendo o elo da produção local e produção global. No Brasil “o principal marco legal a regular a prática cooperativista no Brasil é a Lei nº5764, sancionada em 16 de dezembro de 1971, também conhecida como “Lei do Cooperativismo”. (BRDE, 2003. p. 18).

O único contato possível com a cooperativa foi via e-mail do qual apenas disponibilizaram uma tabela das exigências necessárias para ser um associado, sendo que 264 residem no município dos 836 cooperados do atual quadro da Frísia.

⁹ No Brasil, as primeiras experiências cooperativistas ocorreram nos Estados do Sul, com a chegada de imigrantes europeus a partir da década de 1840. (BRDE, 2003, p. 21).

Quadro 1 Check-list – Pré Admissão de Associado

Agrícola
Mínimo de 40ha próprio
Arrendamento: Mínimo de 80h sendo o somatório de área própria e arrendada ou 80ha se for 100% arrendado
Áreas para cultivo e aptidão dos solos
Estrutura mínima de máquinas e equipamentos disponíveis
Barracões para armazenamento de insumos
Pecuária de Leite
Volume mínimo de 250 litros/dia, expansível até 300 litros/dia
Adoção de BPF na produção
Ordenha, equipamentos e armazenamento de leite
Silo para ração
Silo para forrageira
Licença Ambiental
Suinícola
60 suínos terminados por entrega
Licença Ambiental
Silvícola
Mínimo de 7ha de florestas se já for associado em outra atividade
Mínimo de 20ha de florestas se for associado somente na Silvicultura
Licença Ambiental
Infraestrutura de estrada adequada

Fonte: A Autora

A relação campo-cidade da realidade de Carambeí¹⁰ foi inicialmente abordada através das características do passado, na construção de uma antiga colônia, que por meio do seu desenvolvimento econômico a uma cooperativa, levou a condição de município, desmembrando do município de Castro. Assim, esse processo histórico nos permite correlacionar com aquilo que Willians (2011) descreveu em sua literatura “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”. (WILLIANS, 2011, 471).

As cidades surgem de pequenas concentrações de famílias¹¹, essas podem possuir a mesma pátria ou não, e até mesmo da mesma pátria, mas com costumes

¹⁰ Antes de conhecer o “leite búlgaro”, o Paraná conhecia o leite e o queijo das suas colônias holandesas, uma das quais, Carambeí, é um exemplo revolucionário de agricultura: prosperou, ao contrário das ideias correntemente admitidas, em plena terra de campo limpo. “O grande êxito desta pequena colônia holandesa”, escreve Léo Waibel, “é tanto mais surpreendente porquanto os solos de Carambeí são decididamente pobres em substâncias nutritivas; o cálcio e o fósforo são completamente ausentes. Contudo, são solos profundos, fáceis de arar e relativamente ricos em água subterrânea. Uma terra como está só poderia ser cultivada com a aplicação regular de fertilizantes e estrume. Isto os holandeses, ao contrário dos alemães do Volga, sabiam logo, desde o início. Disseram-nos que a companhia ferroviária inglesa embarcou da Europa para Carambeí um navio cargueiro cheio de adubo artificial superfosfatado. Mais tarde, deu-se ênfase ao adubo animal e, para obtê-lo, o gado foi guardado nos estábulos todas as noites. Estes colonos não podiam deixar as suas rezes vagarem pelo vasto campo, como o fazem os donos das grandes fazendas de gado. Assim, os holandeses fizeram da necessidade uma virtude e logo desde o princípio aplicaram a rotação de culturas combinada com a criação de gado, como estavam habituados a fazer na Europa. (MARTINS, 1989, p. 160).

¹¹ O Paraná cresceu juntamente com uma diversidade de família imigrantes: portugueses, italianos, alemães, poloneses, ucranianos, espanhóis, japoneses, entre outros, auxiliaram na composição multifacetada da capital paranaense. Esses imigrantes contribuíram na consolidação de novas técnicas

diferentes. A cidade se solidifica nessas amarrações interpessoais, em relações sociais, econômicas e políticas.

[...] a cidade, conceituada como um organismo, dotada, portanto, de vida: uma estrutura complexa, suportando uma infinidade de atividades que a transformam constantemente. Para retratar essa realidade dinâmica, é preciso buscar sua compreensão, diagnosticando e prognosticando, estabelecendo uma simplificação suficiente de seus elementos componentes, a fim de estabelecer, tentativamente, quais elementos são predominantes, significativos, substantivos. (WILHEIM, 1976, p. 57.).

As concepções de cidade vêm para elucidar as questões do campo, até mesmo porque a Geografia compreende esse complexo de relações e interações. A relação campo-cidade se transformou ao longo da história. Essas modificações são essência para diversos autores, cujas bases epistemológicas muitas vezes se opõem. As mudanças, ditas no Brasil, a partir do processo de industrialização e consequente urbanização, causaram consequências positivas e negativas nessa relação campo-cidade, abarcando aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Com esse exposto, busca entender campo e cidade, através de perspectivas que se convergem ao mesmo tempo em que se interagem, considerando que não são perspectivas inquestionáveis, já que as mesmas foram pensadas em espaços e tempos diferentes. A análise inicial remete a Lefebvre (1991), através de bases materialistas a distinção entre campo e cidade a partir da divisão social do trabalho, onde cada local concentraria uma produção, visto que o campo proporcionaria o alimento e a cidade as fábricas, de acordo com a época. Segundo Lefebvre

O campo, ao mesmo tempo realidade prática e representação, vai trazer as imagens da natureza, do ser, do original. A cidade vai trazer as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão, sem que essas representações se alastrem de atividades reais. Dessas imagens confrontadas irão nascer grandes simbolismos. (LEFEBVRE, 2011, p. 36).

Visto assim, para o autor, que campo e cidade estão presente no imaginário, ficando muitas vezes nas representações que não se sustentam no real, denotada por ideias iniciais contraditórias. Nenhum dos dois conceitos são puros e sim criados de acordo com as dinâmicas territoriais. Porém, esta concepção foi contestada e superada.

de trabalho – tanto no meio rural, quanto no meio urbano, pela expansão do comércio e pela chegada de novos investimentos financeiros ao Paraná. (PEREIRA, 2015, p.117-118).

E nesse contexto, considera-se campo-cidade em Carambeí, uma relação de interdependência, visualizadas em diferentes formas como: espacial, demográfico, sociocultural, econômico, histórico que se concretizam cotidianamente, em momentos mais próximos e em momentos dicotômicos. Essa ideia pode ser associada ao conceito de *continuum*, onde práticas acontecem, além do seu limite físico proposto, ou seja, no campo encontramos atividades que antes eram ligadas a cidade, como: indústrias, áreas de lazer, atrativos comerciais através de práticas com a natureza, na cidade encontramos criações de animais, hortas e plantações de subsistência. É a imaterialidade transposta em lugares, que podemos denominar de rural e urbano, representando uma mesma sociedade.

Foram nos anos 1950 e 1960 que os estudos sobre a temática se intensificaram. Era notável a dicotomia entre campo e cidade, para muitos autores eram conceitos distintos. De forma que o campo era o que não é a cidade. Se partia de uma compreensão da cidade e posteriormente ao campo. Tanto que para o IBGE, cidade é concentração de indivíduos (dentre demais categorias), e campo é o elemento que não tem classificação.

Essa descrição proposta pelo IBGE foi criticada por Veiga (2002) questionando a metodologia, na qual todos os municípios são, automaticamente, considerados urbanos, ou seja, desconsidera características locais e a descrição se baseia apenas na quantidade populacional. Para o autor é preciso uma discussão de atrelar sem embasamento cidade (com práticas urbanas) e campo (com práticas rurais). O mesmo autor argumenta que a contraposição entre rural e urbano existem desde a Antiguidade, centrada na separação da capacidade de produção de excedentes básicos, portanto divisão social do trabalho e espaço de produção. O autor discute por uma perspectiva de quantificação de dados, calculando o quão urbano é a uma cidade através do número de habitantes, ao propor refletir se é mesmo urbano uma cidade entre 10 e 20 mil habitantes, onde suas práticas estão fortemente ligadas ao campo, além de fatores como grau de impermeabilização e baixos graus de artificialização.

Entretanto, o autor é criticado, a citar como exemplo, Endlich (2006), considerando essa proposta setorial, voltada à práticas específicas e delimitadas. A autora baseia suas perspectivas em exemplos de Lefebvre (2001) e Santos (1959) “pois a cidade constitui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem e, por outro lado, preside as relações de um espaço maior, em seu derredor,

que é a sua zona de influência”. (SANTOS, 1959, p. 07). São visões do espaço amplamente difundido pelas cidades, pelos centros do poder. As cidades são vistas nessa perspectiva como ponto central, que exerce influência no seu entorno.

Para Hespanhol (2013)

A abordagem que considera a dicotomia campo-cidade vincula-se a uma visão marcadamente setorial, considerando que o campo está restrito à produção agropecuária e a cidade se volta à produção industrial e ao fornecimento de bens e serviços para a população nela residente e no seu entorno. (HESPANHOL, 2013, p.106).

Descentrando das concepções em torno da cidade, mas compreendida enquanto elemento conexo, elucidaremos o campo enquanto “esse conjunto dinâmico e diverso de processos, conflitos e objetos materializados no espaço rural”. (FAJARDO, 2015, p.39). São representações ligadas aos costumes, modos de viver. Campo e cidade são delimitações específicas, uma forma concreta. São maneiras de viver que modificam ao passar dos anos, não necessariamente fixas e impossíveis de se transformarem, mas se dinamizando, mesmo com influências externas.

O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas. (WILLIAMS, 2011, p.471).

A cidade se alimenta do campo e o campo produz aquilo que a cidade consome de alimentação, porém essa realidade é maior e transpassa aquelas divisões do trabalho. Atualmente, contudo, existe uma dependência mútua, mas a cidade concentra o poder político, o comércio e o campo já conta com atividades de lazer e complexos agroindustriais (CAIs). Essas novas alternativas inseridas no campo, o transformou em um lugar não visto mais como arcaico, atrasado, e sim, detentor de atrativos financeiros. O contraste de campo e cidade, não pode se fomentar em reduções a formas e imagens, seu valor não é mensurável comparando-o com a cidade, mas pondo em amarrações que valorizem suas especificidades.

Retornando a uma referência quantitativa, o município, segundo o Censo de 2000 ¹²do IBGE, possuía uma população de 14.860 mil, sendo urbana 10.494 mil e

¹² Disponível em: < <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acesso em 3 nov. 2018.

rural 4.366 mil. Já no Censo de 2010 ¹³seu total populacional apresentava 19.163 mil, sendo a distribuição percentual de 72,6% vivendo em área urbana e 27,4% em área rural.

Com a finalidade de aproximar a teoria com a prática, é necessário apresentar e relacionar as dimensões e enfoques de campo e cidade, pelo viés social, econômico, político e cultural, por fazer jus a uma ampla compreensão, não fechada, mas aberta, passível a modificações, interligadas ao processo de construção do espaço. A dimensão social na configuração campo e cidade, é compatível ao conceito de espaço para a Geografia, por possuir uma gama de significados e abarcar todos os outros conceitos. O social compete as relações humanas construídas e que constroem o campo e a cidade, em respectivos espaços/tempos, “pois as transformações dos espaços ocorrem através dos direcionamentos e interesses sociais”. (ROSAS, 2015, p. 122).

O econômico permeia todas as dimensões, assim como o social, vigente no modo de produção capitalista, atrelado ao espaço e território, de acordo com quem o detém, respeitando seus níveis de apropriação. Todos necessitam do econômico para viver e/ou sobreviver. O enfoque político diz respeito as divisões administrativas, cabe a ela o ordenamento territorial, atingindo níveis abstratos.

As implicações políticas também estão interligadas com as construções ideológicas e com as relações de conflitualidade em busca de poder na construção territorial. A constante luta pelo poder em diversos níveis reflete a busca constante pela representação e acesso a recursos em âmbito local, caracterizando símbolos no cerne das sociedades”. (ROSAS, 2015, p.122).

Já o enfoque cultural, trata das representações materiais e imateriais presentes no espaço, a tudo que remete pertencimento, reconhecimento, denota um sentimento de acolhimento, de sentir-se em casa. Uma cultura passada de gerações, mas o modo como é transmitida e preservada deve-se ter cuidado. Nenhuma cultura continuará “intocável” ou imutável, ela agregará costumes de outras, ao que Canclini (2003) entende por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2003, p. XIX).

¹³Disponível

em:<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais_tab_uf_zip.shtm>. Acesso em 3 nov. 2018.

Essas sustentações teóricas são vistas na realidade carambeense, onde uma mesma cultura é “preservada” há mais de um século e consiste na amarração prática de todos esses enfoques, concebendo atividades socioeconômicas empreendedoras, diferentes grupos étnicos, relações de poder espacializadas, sendo visível a finalidade de defender seus modos de vida, predispostos em inclusão e exclusão. Tanto campo quanto a cidade são expressões das dimensões da sociedade, num determinado espaço e tempo, de acordo com os enfoques que os constituem nos seus entrelaces.

O município de Carambeí tem em sua essência o cooperativismo. A Cooperativa Frísia, exerce esse papel econômico, político, social e cultural na relação campo-cidade. De uma produção leiteira, de aves e rações traz do campo para o processamento na cidade, atingindo milhares de pessoas, seja na mão-de-obra (direta e indiretamente) e no consumo. Gerando na e fora de cidade a melhora da economia e do fortalecimento cultural. A cooperativa é um dos elos da relação entre o campo e a cidade, seja econômica, social ou culturalmente. Representando assim, o território de Carambeí, ou melhor, os territórios formados a partir da vivência de seus atores sociais.

Ao pensar nos grupos étnicos em estudo, cada qual produzirá experiências e significados de acordo com o que vivencia na cidade, de forma que uma fisionomia represente culturalmente um grupo e para o grupo exterior não traga nenhuma ou pouca lembrança e pertencimento. A cidade pode então ser posta enquanto uma delimitação física, representação, criação, uma fisionomia produzida por diferentes agentes e por ser abarcadora de tais, cada cultura se olhará, se identificará de uma maneira, até mesmo com diferentes intensidades de apropriação(ões).

Estudar campo e cidade significa reestruturar a forma de refletir da sociedade em relação ao seu espaço de vida, de trabalho e de relações pessoais e materiais. Pensar tais espaços é conhecer a história de cada lugar, sua essência sentida através das paisagens nos diferentes territórios, compreendendo e vivendo suas relações e evolução ao longo dos tempos. O modo de vida nesses espaços compreende a forma que as famílias se expressam no dia-a-dia. Que seus hábitos sejam reconhecidos e repetidos nas diferentes sociedades, buscando sua reprodução contínua, diante de tantas dificuldades, introduzidas no contexto da reprodução do capital, principalmente as rurais, na maioria das vezes, dos espaços urbanos. (ROSAS, 2015, p.124).

Nas últimas décadas do século XX, constatou-se o aparecimento de uma nova realidade no campo, rompendo com a sua função inicial de produção de alimentos e

de animais, destina-se um novo olhar ao campo, à imaterialidade rural. (Re)descobre a sua valorização cultural, construindo um patrimônio.

Verifica-se, de fato, a ocorrência de três tendências que, por motivos parcialmente autônomos, convergem num mesmo sentido: o movimento de renaturalização, centrado na conservação e proteção da natureza, aspectos agora hipervalorizados no âmbito do debate sobre os processos de desenvolvimento sustentável; procura de autenticidade, que leva a encarar a conservação e a proteção dos patrimônios históricos e culturais como vias privilegiadas para valorizar memórias e identidades capazes de enfrentar as tendências uniformizadoras desencadeadas pelos processos de globalização; a mercantilização das paisagens, como resposta à rápida expansão de novas práticas de consumo decorrentes do aumento dos tempos livres, da melhoria do nível de vida de importantes segmentos da população e, como consequência, da valorização das atividades de turismo e lazer. (FERRÃO, 2000, p. 126).

O que está em pauta são as transformações do mundo rural, que desencadeiam para novas formas de relações com o espaço urbano, respaldando nas dimensões campo-cidade. São atividades que mantêm o campo e o rural vivos, revalorizados pelas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. São paisagens moldadas com a presença humana, de acordo com suas intencionalidades¹⁴ e potencialidades. Não obstante, a realidade das sociedades atuais, são centradas nas moradias em áreas urbanas, amplamente dependentes de políticas e ferramentas organizacionais.

A construção de uma nova relação rural-urbano desenvolvida na ótica dos espaços rurais poderá assentar em dois objetivos de âmbito geral: consolidar relações de proximidade mutuamente benéficas e de natureza sinérgica em detrimento de relações assimétricas e predadoras do mundo rural; transformar as cidades em pontes efetivas entre as áreas rurais e o mundo exterior. (FERRÃO, 2000, p. 128).

Esses dois objetivos postos pelo autor demonstram as novas relações entre campo-cidade, mais simples do que rural-urbano, atrelados por enfoques que se fazem úteis e promissores a ambas partes, como por exemplo, nas fazendas de gados leiteiros, que dependem da cidade para a circulação de produtos derivados, para o consumismo, mão-de-obra e serviços indiretos. É preciso reconhecer então, que ambos possuem funcionalidades diferentes e complementares, são facetas,

¹⁴ “As intencionalidades propõem diferentes leituras para a realidade gerando conflitualidades materializadas pelas disputas nas interpretações dos fatos. A intencionalidade como opção histórica é também uma posição política, uma preferência pelas leituras de uma determinada classe e/ou segmentos sociais”. (FERNANDES, 2008, p. 7).

fragmentos de uma realidade maior, composta de peculiaridades, mas que compõem uma amálgama.

Tem-se o campo e a cidade, cada um com suas especificidades, uma construção social do espaço, dentro de uma mesma lógica de produção, mas com interesses diversos no que tange às singularidades. Esses dois conceitos são frutos de diferentes conteúdos, bases formadas através do modo de vida e das oportunidades. (ROSAS, 2015, p. 131).

Visto assim, campo e cidade são elementos de uma paisagem, reflexos sociais, associados a uma multiplicidade de formas e intensidades. Devido ao município possuir uma tradição na produção de leite, as criações se estendem por todo o período urbano e rural do município, com criações extensivas e intensivas e até mesmo fazendas que dispõem de tecnologias avançadas para o melhor cuidado com as vacas, um exemplo é o uso de músicas que as relaxem, melhorando na qualidade do leite. Essa produção quem gerencia hoje é a marca Frísia. Por meio dela, podemos elencar outro elemento na configuração campo-cidade, já que uma parte do seu montante é produzido em fábricas dentro da cidade, no entanto a produção não é restrita somente ao campo, mas com grande predominância na cidade, no centro administrativo e político.

Há no campo também as granjas, fontes da matéria-prima da Batavo, mas essa criação não se restringe somente ao município, existem outros locais que comercializam esses animais. É outra maneira de inter-relação, entretanto com um mesmo enfoque, ou seja, a produção tanto no campo como na cidade, agregando dimensões a essa configuração socioespacial. “[...] campo e cidade são formas concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem”. (BIAZZO, 2008, p. 144).

Fica evidente que ao se tratar da relação campo-cidade em dinâmicas territoriais materiais e imateriais, é grande o leque de possibilidades para se destacar. Depende da região e das características em cada espaço e/ou melhor territórios. Cada qual, mantêm entre si condições que favoreçam ambas partes. Com maneiras de produção de valorização ambígua, que fortaleçam o vínculo.

Embora existam diferenças entre os espaços, deve-se considerar que tais espaços existem dialeticamente, produzidos de maneiras diferentes, com dimensões distintas partes de uma complexidade gerada através da diversidade. Trata aqui, não de estudá-los em lados opostos, mas na relação recíproca, nos espaços de vida das

sociedades. Pensar esses espaços é conhecer a sua história, os elementos que nortearam suas feições, vistas geograficamente pelas paisagens, compreendendo-os ao longo dos tempos.

Diante do exposto, se fez uma leitura prévia do município, através dos olhos da Geografia, que tem no espaço geográfico sua característica fundante. Os conhecimentos aqui elaborados buscam estar a par desse movimento socioespacial e socioterritorial, fragmentando-o e desfragmentando-o para melhor enfoque e jus a todo o referencial sobre o tema. Por fim, é inegável que a realidade que nos cerca é bem maior e complexa do que podemos diagnosticar, nos cabe uma análise parcial, mas perspicaz e em constante movimento.

CAPÍTULO II

OS SUJEITOS E SUAS TRAJETÓRIAS

A atual proposta corresponde a caracterização de grupos hegemônicos e grupos não hegemônicos nesse processo histórico. Por conseguinte, a primeira seção denominada “Grupos hegemônicos e grupos não hegemônicos na história oral” estabelece esse processo histórico associado a diferentes etnias, como tais se vincularam ao longo dos anos e o papel que assumiram diante de uma história repercutida. Utiliza de uma história oral, ou seja, os próprios sujeitos contam a respeito do município, na relação sujeito e sociedade.

A segunda seção intitulada “A percepção e experiência de diferentes sujeitos” constitui-se de um paralelo com indivíduos presentes em uma posição preponderante e conexas à diferentes atores, bem como seus olhares diante do enlace que se formou no município.

2.1 GRUPOS HEGEMÔNICOS E NÃO HEGEMÔNICOS NA HISTÓRIA ORAL

Os sujeitos que compõem essa pesquisa são hegemônicos e não hegemônicos. Deve-se uma explicação bem clara a respeito dessa distinção. Assim sendo, “a noção de hegemonia foi criada no seio da tradição marxista para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço”. (ALVES, 2010, p.71).

A organização de uma sociedade perpassa naturalmente por essa noção, enquanto uma base política aperfeiçoada pelos seus atores. Essa hegemonia se manifesta através de grupos, na aliança entre dominação e domínio. Cabe dizer que ambos precisam concordar com tal aliança.

A ampliação da base social da classe fundamental, através de um sistema de alianças e a conquista de outros grupos pelo consenso, constitui aspectos fundamentais para o estabelecimento de um aparato hegemônico. Desse modo, Gramsci aponta que a questão da hegemonia não deve ser entendida como uma questão de subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida [...]. (ALVES, 2010, p.78).

Essa relação equilibrada caracteriza esses grupos sociais e consequentemente o território ao qual desempenham essa subordinação-subordinado. Originando diferentes atores, que historicamente agregam-se em determinados grupos. Assim, não são relações fixas, mas que podem ser alteradas em diferentes espaços e tempos.

A hegemonia¹⁵ no presente estudo refere-se a etnia¹⁶ holandesa, pelo seu papel influente na antiga colônia e para a emancipação do município. Entretanto, condizente com a conceituação de hegemonia, não significa que seja a única e superior a outras, mas que é seguida historicamente, com impactos culturais sobre as diferentes etnias que compõem Carambeí. “Portanto, temos aqui, a hegemonia entendida não apenas como direção política, mas também como direção moral, cultural, ideológica”. (GRUPPI, 1978, p. 11).

Os grupos não hegemônicos foram intitulados assim, representando as demais etnias (não holandesas) encontradas em Carambeí. Em conformidade, as entrevistas foram organizadas levando em consideração dois parâmetros: o tempo de moradia no município e sua etnia. Buscou-se essa distinção visando o discurso que geraria dos entrevistados e análises a partir desses relatos, com equivalências ou não.

Evidencia-se uma práxis com o objeto de estudo, por meio desse referencial teórico e a metodologia utilizada na identificação de sujeitos para as entrevistas. Um método qualitativo que melhor se comunica com o objeto de estudo.

Por pesquisa ou metodologia qualitativa, pode-se compreender a prática ou conjunto de procedimentos voltados à coleta de informações que envolvem o uso da linguagem, em geral objetivadas para a captura de subjetividades e/ou significados contidos nos textos produzidos no levantamento em trabalho de campo. (HEIDRICH, 2016, p. 22).

Essa abordagem qualitativa é um procedimento delineado por uma necessidade de trabalhar com o imaginário, com as subjetividades, por meio da fala e da correlação com o/os espaço/os que o sujeito está inserido e se sente pertencente. Há um diálogo com o entrevistado, com ênfase no próprio entrevistado, que ele se sinta a vontade para relatar sua história, em um ambiente acolhedor, até por isso,

¹⁵ “O termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa “conduzir”, “ser guia”, “ser líder”, ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa “ser guia”, “preceder”, “conduzir”, e do qual deriva “estar à frente”, “comandar”, “ser o senhor”. (GRUPPI, 1978, p.1).

¹⁶ O termo etnia é empregado, de modo geral, na antropologia para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural. Este conceito está ligado diretamente ao conceito de grupo étnico biológico, mas também ao de cultura. (REIS, 2000, p.3).

todas as entrevistas foram feitas em suas residências ou local de serviço. É uma conversa que podem surgir imprevistos, como, aparecimento de outras pessoas ou uma interrupção, mas o entrevistador (pesquisador) deve manter-se atento, pois podem surgir elementos novos.

O diálogo aberto é priorizado nessa metodologia, com questões subjetivas, mas o pesquisador mantém seu enfoque e objetivo estruturado mentalmente, para que informações básicas de interesses, sejam referenciadas. É uma concepção de história, de narrativas criadas, a partir da vivência do sujeito e guiada pelo pesquisador.

As narrativas são espaços de criação através dos quais os atores recriam suas trajetórias e elaboram seus pertencimentos. Revelam não apenas as histórias de vida, mas sentidos e sistemas culturais por meio dos quais os atores se expressam. (GAMALHO, 2016, p. 43).

A obtenção dos sujeitos embasou-se na técnica metodológica denominada *snowball*, conhecida no Brasil como “amostragem em Bola de Neve”, ou “Bola de Neve”. (GOODMAN, 1961, apud ALBUQUERQUE, 2009). Na qual, os entrevistados indicam outros participantes e assim sucessivamente, até que o ponto de saturação seja atingido, ou seja, quando os relatos coincidem e o objeto em estudo consegue se configurar a partir das respostas.

Os primeiros escolhidos foram as pessoas que residem a mais tempo no município, e sucessivamente indicaram outras. Tais, podem não estar alocadas em proximidade, mas suas relações são mantidas. A técnica permite, ainda, a possibilidade de integrar, à amostra, perfis diferentes de sujeitos, econômica e socialmente, bem como das atividades por eles praticadas. (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 335).

Nesse enlace de histórias elaborou-se um quadro comparando as palavras mais citadas nas entrevistas com a história documentada, formando um par dialético entre a história documentada e a história oral, e ainda, as transcrições que justificam e norteiam as discussões. “A história oral tem como matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos memoraria voluntária”. (MONTENEGRO, 1994, p.151). É um trabalho de seleção da memória, envolvendo subjetividades, dando vida a algo perdido no dia a dia.

O quadro por si só se apresenta de suma importância no estudo e, a partir dele são expostas as entrevistas realizadas. No enlace das referências documentadas e

orais estão as palavras que melhor representa a configuração do(s) território(s) de Carambeí. O questionário estruturado pode ser visto no apêndice 1.

Quadro 2 Palavras na história documentada e história oral

PALAVRAS	DOCUMENTADA	VIVIDA	REFERÊNCIA
2.1.1. DIVERSAS ETNIAS	DIVERSAS ETNIAS	DIVERSAS ETNIAS	SATO (2008); CHAVES (2011);
2.1.2. TRABALHO	DESCENDÊNCIA HISTÓRICA DE DOMÍNIO	HOLANDESES DONOS-DEMAIS ETNIAS TRABALHADORES	CHAVES (2011); “Até hoje a influência, eles que são os empresários, toca o movimento bem alto, leiteria, bastante lavoura” (Transcrição da entrevista- João Ari Pedroso).
2.1.3. CIDADE	UNIFICAÇÃO DAS PESSOAS	UNIFICAÇÃO MASCARADA	“A sim, porque na verdade se não fosse os holandeses, Carambeí não crescia, cresceu por causa deles, da fábrica e tudo mais que eles trouxeram [...]. Acredito que com eles que cresceu tudo, porque tem trabalho e vem muita gente de fora também”. (Transcrição da entrevista – Conceição).
2.1.4. COOPERATIVA	GESTORA	GESTORA	“Eu vim para cá nos anos sessenta, aqui tinha a Cooperativa Batavo e a Cooperativa Central de Laticínios, eu vim trabalhar na Cooperativa Batavo”. (Transcrição da entrevista – Deodoro Nogueira).
2.1.5. MONUMENTOS DE REPRESENTAÇÃO	PARQUE HISTÓRICO	RIO, PRAÇA, BAIRRO, PARQUE HISTÓRICO	“No rio Pitangui, gostávamos de ir fazer piquenique, de nadar, pescar enfim, fica uma tristeza”. (Transcrição da entrevista – Dick de Geus).
2.1.6. SUJEITO	PROMISSOR	DESENVOLVE/EU TRABALHOS PARA HOLANDESES, RESPEITO, ADENTRAMENTO A UMA VIDA AO MESMO TEMPO QUE ESTÁ DISTANTE	“[...] mas, Carambeí não é dos holandeses, porque acredito que tenha muito mais brasileiro do que holandês. Eles são orgulhosos em dizer que se não fossem eles, não tinha Carambeí, mas acho que se não fossem os dois juntos, uma aliança, não tinha”. (Transcrição da entrevista – Conceição).

Fonte: A autora (2018)

O passo seguinte são as análises das transcrições das entrevistas. Compondo um conjunto diverso de textos, que devem ser trabalhados, explorados pelo

pesquisador. Após ter explorado a memória¹⁷, o particular, subjetivo do pesquisado, cabe uma identificação, elementos a serem identificados. Tendo o intuito da entrevista como pano de fundo.

Cabe ao pesquisador/autor interpretar as narrativas, de um modo aguçado para não deixar escapar o que pode estar obscuro nas falas, “mais do que apresentar as categorias construídas na análise, deve constituir-se a partir de algo importante que o pesquisador tem a dizer sobre o fenômeno que investigou”. (GAMALHO, 2016, p.45). Essa interpretação condiz com o imaterial da pesquisa, na organização do pesquisador com o objeto geográfico, construída pelo próprio sujeito, na sua simbologia com o espaço.

2.1.1 Diversas etnias

Ao retomar as transcrições das entrevistas, um primeiro elemento que é encontrado paralelo a todas, são as “diversas etnias¹⁸”. Parte-se de uma análise histórica e percorrida já anteriormente, sobre a intenção de povoamento, colonização dos europeus em terras brasileiras, concomitante esse número intensificou-se com as grandes guerras e incentivos às terras promissoras, climas favoráveis e auxílio inicial.

Não obstante esses referenciais são encontrados em Sato (2008) *Formação histórica de Carambeí*, ao relatar que inicialmente, o que hoje configura Carambeí, era uma área para criação de gado e efetivamente povoada a partir do século XVIII por portugueses e luso-brasileiros. Foram eles que construíram os antigos casarões, como a casa da Sinhá e logo depois a vinda de alemães, que hoje, seus descendentes representam uma parcela bem pequena dos imigrantes.

O governo brasileiro de então tinha uma política declarada de incentivo à imigração europeia, chegando, inclusive, a pagar a viagem, permitir o

¹⁷ Somente uma pequena parte das experiências humanas são retidas na consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas, isto é, consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Se não houvesse esta sedimentação o indivíduo não poderia dar sentido à sua biografia. A sedimentação intersubjetiva também ocorre quando vários indivíduos participam de uma biografia em comum, cujas experiências se incorporam em um acervo comum de conhecimento. (BERGER, P; LUCKMANN, T; 2004, p. 95).

¹⁸ A etnia é um “classificador” que opera no interior do sistema interétnico e ao nível ideológico, como produto de representações coletivas polarizadas por grupos sociais em oposição latente ou manifesta. Esses grupos são étnicos na medida em que se definem ou se identificam valendo-se de simbologias culturais, “raciais” ou religiosas. O caráter étnico de um grupo social tende a ser altamente determinante. (OLIVEIRA, 1976, p. XVII).

transporte gratuito de grande quantidade de bagagem por membro de cada família, estimular o financiamento de propriedades, entre outros benefícios. O objetivo das autoridades, revelado em documentos e pronunciamentos de agentes políticos da época, era preencher os espaços considerados vazios-embora não o fossem, dada a presença de populações nativas nesses locais, como índios e caboclos – e sanar uma suposta escassez de mão-de-obra, notadamente após a abolição da escravidão. (CHAVES, 2011, p. 20).

É necessário esse parêntese de conciliação entre o povoamento em terras brasileiras e o cenário mundial. Nota-se o intuito de prevalescimento de etnias europeias, que encontraram terras a preços generosos, auxílio e nessa região dos Campos Gerais, o clima parecido com o habitual da Europa.

Faz jus um olhar analítico para o panorama que se iniciava no Brasil, no final do século XIX e início do XX, sendo características que sublinham toda uma realidade histórica ainda com reflexos atuais. Um cenário de criações e desconstruções de um país com políticas de desenvolvimento, com elementos como o café, leite, ferrovias e mão-de-obra. Uma nova era, denominada de modernização, que na teoria estava atrelada a possibilidades, sujeitos livres e inclusão, porém “em vez da trajetória assimilacionista que se apresentava como estrada de percurso longo, mas possível, houve a retomada de um projeto hierárquico agora pautado na diferenciação racial”. (SCWARCZ, 2012, p. 20).

Esse projeto de modernização, não atinge toda extensão brasileira, ora até mesmo porque, havia um país com grandes sertões, áreas imensas vazias ou povoada por sujeitos recém libertos. Libertos individualmente, mas ainda inclusos em conflito social, com disparidades, um novo racismo a partir de elementos físicos, como exemplo a cor da pele, tipo de cabelo e etc.

Dessa maneira, o Brasil estava firmado em dois paralelos, um que buscava a modernidade, um desenvolvimento, com estados de maior importância, uma aliança internacional, mas combinado a um tradicionalismo, a um setor com práticas passadas, na expressão o “novo e o velho” postos de suas maneiras. Essa modernização não conseguiu atingir a todos as localidades com a mesma intensidade.

O fato é que no final do século XIX, e a partir de tantas novidades ofertadas por esse momento de mudanças velozes, reordenava-se a velha tópica do “paraíso terreal”, da “terra sem males”, dos “trópicos plácidos”: ideário que inundou a imaginação local e, sobretudo, dos estrangeiros durante tanto tempo. Um país de muitas raças convivendo em situação de conflito social, moral e político; uma nação dividida por tantas diferenças regionais e raciais, eis aí novas polarizações que se enraizavam no discurso local. De um lado, a cidade, definida pela indústria, pelas oportunidades de trabalho, pelo mercado, mas também por uma política de exclusão e distanciamentos [...]

Aí estavam “dois Brasis” que eram na verdade um só, mas a conviver de maneira ambivalente e conflituosa. (SCWARCZ, 2012. p. 23-24).

Vão se delineando essas sociedades que ganham força a considerar o espaço a qual se enquadra, recebendo imigrantes, incentivados por projetos de colonização, por visão de modernidade, atrelados a uma economia, proporcionando uma imigração, urbanização e industrialização, elementos que mudaram e construíram as feições de locais, com costumes, linguagem e culinária. São uma das fases históricas construídas, condicionando também tradições, em locais mais internos do país.

É certo que essa história proporcionou diferentes contextos, diferentes convívios sociais e formas de atuação. Carambeí, distante 22 km de Ponta Grossa, município esse que representa grande entroncamento rodoferroviário, sentiu o início dessa modernização. Havia uma fazenda, integrada a companhia férrea, já mencionada, com um projeto de assentamento de colonos, inicialmente povoada por colonos alemães e posteriormente por holandeses.

A cidade sentia os reflexos da ferrovia que passava pelos Campos Gerais, foi incorporada à rede ferroviária a partir do final do século XIX, com a implantação de vários equipamentos ferroviários no seu espaço urbano e rural. Como descreve Monastirsky (2006) foi implantada no início do século XX a linha férrea São Paulo/Rio Grande, a primeira ferrovia integradora do Brasil.

A ferrovia foi um elemento de suma importância para a antiga colônia, já que os colonos estavam assentados e em troca precisavam produzir queijos e derivados, contavam com tal para a comercialização. Consequentemente sua produção foi crescendo, atingindo nível nacional, com a marca “Batavo”. Essa contextualização, se faz pertinente para entender a natureza de uma colonização e sua construção social, atrelada a uma memória comum. Aqui então questionada no limiar de um espaço não local, mas com a todo um contexto, projetos construídos nacionalmente e até mesmo internacionalmente, já que estão presentes diversas etnias. São elementos aliados, em movimento e não meras ou melhor, e não apenas capacidade natural de produção e visão.

Dessa maneira, concomitante a história documentada, apresenta-se a história oral, coletada a partir das entrevistas com os moradores. Tais como:

Estava correndo pela Holanda um projeto de colonização do Brasil, que era bem interessante, bem atrativo, dizendo que no Sul do Brasil tem um clima muito bom, áreas de terras disponíveis, praticamente doadas, davam gados,

então eles se entusiasmaram e vieram para cá e, aqui a realidade era bem diferente, não foi tudo aquilo que prometeram, mas isso é sempre assim, nesses projetos de imigração, não foi só no Brasil, mas em toda parte do mundo quase, eles falam, eles pintam um quadro mais bonito do que é a realidade. (Dick Carlos de Geus. Entrevista realizada em 01/03/2018).¹⁹

Era bem pouco, até tinha, meu falecido pai falava, uns holandeses morenos, que eram chamados de holandeses pretos. E tinha mais era brasileiro, o Rico Pedroso, uns do Catanduvas que se mudaram para cá, tinha bastante brasileiro que morava aqui, daí que veio vindo os holandeses, os holandeses eram poucos naquele tempo. (Dalva Maria Dória Kremer, entrevista realizada em 10/04/2018).

Os primeiros imigrantes vieram fugindo de uma crise que tinha na Europa, tinha uma empresa que estava construindo uma estrada de ferro e precisava que alguém produzisse alimentos para os empregos deles e já previam que mais tarde ia ter transporte. Eles vieram, no começo foi muito difícil, muita insistência. Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu tão rápido na região. (Henrique Harms, entrevista realizada em 10/04/2018).

Essas transcrições sintetizam o surgimento de Carambeí, atrelado a um processo de crescimento, modernização do país, porém não em sua totalidade. Com a colônia crescendo economicamente, aqueles que se encontravam aqui indicavam, uns até mesmos, retornavam ao seu país de origem, na intenção de trazer mais imigrantes e fortalecer sua etnia. Anterior a isso, o atual município era ponto de descanso, de encontro, dos tropeiros, que se acomodavam na antiga Casa Sinhara (apêndice 3).

A hospitalidade da Sinhara do Carambeí, ficou conhecida. O ambiente da fazenda fora sempre dos mais agradáveis e quando os viajantes se retiravam levavam recordação do bom acolhimento e trato recebidos [...] Os tropeiros vindos do Sul, invariavelmente procuravam a pousada do Carambeí, onde sabiam que eram bem-vindos e que podiam contar com as Rosas – alcunha ou apelido com que ficaram conhecidos os filhos de Maria, curiosamente, por ser o sobrenome do padraсто destes, pois sabiam que, baseados em sua honestidade, aumentavam as possibilidades de segurança e êxito nos seus negócios (NETTO, 1994, p. 2).

Com o passar dos anos, essa fazenda foi adquirida pela Brazil Railway Company, com planos de colonização para produção agrícola, norteando e dando visibilidade à colônia. Dessa forma, foi aqui apresentado o primeiro elemento desse par dialético entre a história documentada e a história oral, através de um cunho histórico do país, que transcende e amarra com o olhar local.

¹⁹ Entrevistas transcritas literalmente como foram expressas por seus autores.

2.1.2 Trabalho

É oportuna essa descrição e muito está atrelada ao subitem anterior. Sua contextualização se faz presente enquanto uma ramificação da presença de diversas etnias e ao projeto de colonização, concomitante ao projeto de modernização do país.

O trabalho predominante do período era a agricultura, que se estendia a todos os limites territoriais, cada qual com suas especificidades, mas ímpar no consentimento de práticas tradicionais na produção, valorizava-se como cada grupo, sociedade desempenhava seu trabalho, enquanto um saber fazer. Não obstante, algumas práticas ainda se mantêm, mas se adequam a produções maiores. A citar como exemplo, no município existem várias fazendas ou áreas de produções agrícolas, que destinam toda essa produção à Frísia (antiga Cooperativa Batavo). Essa constatação se faz na entrevista com a família alemã Degger:

Nossa produção sempre foi para a Cooperativa, até hoje, a maioria aqui dos rancheiros é só para a Cooperativa. Nós ganhamos um prêmio de 65 anos sócios. (Yolanda e Walter Degger, entrevista realizada em 21/07/2018). (grifo do autor).

A história de construção do município é centrada na prática agrícola e produção leiteira, uma aliança formada por uma empresa internacional que dispunha de capital para subsidiar esses imigrantes, incentivo brasileiro à indústria, acessibilidade para o transporte e, claro, mão-de-obra. Todos esses artifícios culminaram para um povoamento bem-sucedido, um município pequeno movimentando altos valores financeiros²⁰.

O trabalho é um aspecto importante para se pensar essa construção, do qual muito se atrelou aos imigrantes que se fixaram também por motivos estratégicos. Servidos de terra, gado leiteiro, que proporcionaram os primeiros trabalhos, as produções de derivados de leite, como o queijo e laticínios. Essa produção em um período se viu cessada, no sentido de que grande parte dos colonos fabricavam esses produtos e não havia demanda que cobrissem os gastos e custos para todos. Foi

²⁰ De acordo com o IBGE, em dados de 2016, Carambeí ocupa a 22ª posição no ranking do Estado, sendo o salário médio mensal de 2.6 salários mínimos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/carambei/panorama>>. Acesso em: 21 ago, 2018.

assim, que em 1925 os colonos fundaram a Sociedade Cooperativa Holandesa de Lacticínios²¹, voltada para a produção de queijo e manteiga.

Nota-se a histórica participação dos colonos holandeses nessa geração de trabalho, de cooperativismo e de liderança. Aliados aos outros imigrantes europeus, formaram uma aliança, visando a atividade pecuária e a comercialização dos seus produtos para o varejo. Esse vínculo de um cooperador, foi um motivo para o crescimento da colônia, uma parceria entre uma produção tradicional e um início de industrialização que se fomentava. Motivo chamativo para a fixação de novos colonos nativos.

Foram esses colonos, ou melhor, essa fração de colonos, nascidos no Brasil e moradores há anos na antiga colônia, que a pesquisa dedicou seu olhar. No intuito de dar voz, visibilidade à determinadas culturas, pouco relatadas historicamente. A história encontrada traz peculiaridades, singularidades muitas vezes despercebidas no dia a dia. Historicamente os imigrantes europeus desenvolveram e mantiveram-se a frente da Cooperativa e conseqüentemente na liderança do trabalho. Todos poderiam ser cooperados e participar do lucro, mas dirigir a Cooperativa sempre foi algo restrito a um pequeno grupo. Isso fica nítido no posicionamento dos entrevistados em relação ao seu local de trabalho e tipo de trabalho.

Acho que sim, porque eu só trabalhei para os holandeses, desde o começo só os holandeses. (José Francisco Martins, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Pois é, a maioria que eu trabalhei já morreram os patrões. **Eu aqui em Carambeí nunca trabalhei para brasileiro, é holandês e alemão**. Por exemplo brasileiro patrão não tive, gringo. (José Francisco Martins, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Quando começaram a instalar as indústrias, a maioria era os holandeses que davam esses serviços. (Cornélia Helena, entrevista realizada em 10 abr, 2018).

É uma coisa até interessante, porque os primeiros, **os pioneiros**, que era meu avô, a maioria tinha **empregados brasileiros**, empregados almoçavam junto com os patrões, na mesma mesa e os holandeses tem o costume de na hora do almoço sempre **ler uma parte da bíblia**, liam em holandês e quem sabia eles compravam para ler o mesmo texto. Depois os filhos desses primeiros uma parte continuou com esse costume, tem outros que já foram criando um **distanciamento**, até conheço **história de um homem que trabalhava há trinta anos para um holandês que nunca passou da porta da casa dele**. (Henrique Harms, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

²¹ Disponível em: < <http://www.frisia.coop.br/pt-BR/Paginas/historia.aspx>>. Acesso em: 21 ago, 2018.

É, aqui mais cresceu por causa dos holandeses, **se não fossem os holandeses não tinha nada**, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastante leiteria, criando frango, suínos, isso ajudou muito. (José Chagas Maciel, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

O conhecimento meu é grande, dos holandeses principalmente porque ficaram fregueses, **não sou agrupado com eles, apenas trabalho para eles**. Muitos de firmas. Os holandeses em parte são claros, **mas aqui o povão somos nós ... são eles que dão trabalho para o pessoal** aqui de Carambeí, vamos falar a **verdade, sem eles acho que nós também não existiríamos**, porque Carambeí tem muito do trabalho todo, eles fazem, produzem, é um patrimônio enorme que eles têm, que dão muito trabalho para gente, que consegue gerar o Carambeí, **porque sem eles eu não estaria aqui** hoje. (Paulo Baninski, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

É, **eles assim são gente boa, mas não se misturam**, tem contato, muitos trabalham com eles, para eles. (Jaime, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Com base no contido pelas falas recuperadas de agentes sociais diversos (descendentes de holandeses, poloneses, portugueses), que ocupam diferentes lugares na estrutura social de Carambeí, é possível notar a construção de um discurso que refuta aos holandeses a ideia do desenvolvimento local e coloca os demais grupos étnicos numa condição de subserviência. O tom apologético das falas com relação aos holandeses muitas vezes se contradiz especialmente quando trata das relações interétnicas contidas desde os primórdios da colônia.

2.1.3 Cidade

A passagem da condição de distrito de Castro para cidade faz com que ocorra uma série de mudanças do ponto de vista político-administrativo em Carambeí. Esse novo contexto acabou por produzir novas disputas discursivas, entre os grupos que compõem a sociedade local. Para tentar compreender esse momento foram realizadas entrevistas com pessoas que expressam diferentes grupos e vozes na coletividade.

O quadro elaborado tem como base as entrevistas, cujas palavras são mais citadas, e a terceira é a “cidade”, porém, através da discussão feita no primeiro capítulo, a conceituação de cidade diz respeito somente a área urbanizada, não atingindo as moradias mais afastadas que mantêm ligação direta por meio dos

serviços. Dessa forma, a “cidade” será estudada como município, que mantém relações intrínsecas entre campo e cidade.

O município possui uma ligação estreita entre campo e cidade, devido a produção leiteira ser feita por diversas fazendas, que comercializam diretamente para a Cooperativa Frísia. A antiga colônia, sede de diversas etnias, com ofertas de trabalho, se fortaleceu, desmembrando de Castro e se emancipando.

Essa emancipação é um ponto a considerar, na permanente construção do município, que a partir de 1950 já via melhorias (ainda uma colônia) e em 1970 o reconhecimento e amadurecimento de décadas de trabalho.

Ao longo da segunda metade do século XX, é possível perceber um acentuado avanço do setor produtivo vinculado ao agronegócio que acabou por gerar uma série de discussões sobre a pertinência do desmembramento do então distrito Carambeí da cidade de Castro. Uma das argumentações centrais nesse processo dizia a respeito à aplicação integral dos valores tributados gerados pelos produtores locais. Desta forma o movimento político nascido na comunidade acabou propiciando a ruptura com Castro e a consequente criação do município de Carambeí. Faz-se pertinente refletir como o novo status político de Carambeí foi absorvido pelos diversos seguimentos sociais que formam o município.

Aqui agora é tudo misturado, e **misturou bastante as famílias**, brasileiros com holandeses. Agora **nem fala que esse é holandês, esse é brasileiro**, está muito boa a cidade. (João Ari Pedroso, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor)

Porque a cidade cresceu, porque no começo vinha gente de Ponta Grossa, vender as coisas de sacolinhas, vendedor de roupa, calçado, **não tinha nada aqui**, aí um foi abrindo uma loja, foi evoluindo, **agora tem quantas lojonas**, foi vindo muita gente de fora morar para cá. Carambeí existia uma fama que era uma cidade rica, mas **acho que os brasileiros também fizeram crescer bastante**. (Conceição Kachinski, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Hoje eu vejo uma cidade bem, que tem que interagir um pouco mais. Antigamente era colônia e nós pertencíamos à Castro, **naquela época a colônia era dos holandeses**, era dos alemães, indonésio tinha pouco, mas **sempre acompanhava os holandeses**, eles não tinham aquele poder de fogo que os holandeses tinham, os **De Geus** principalmente, eles são uma família grande, porque vieram três irmãos para colonizar, junto com sobrenome **Los, Verschoor e Vriesman**, esses foram os pioneiros. Então, Carambeí hoje é uma cidade, não é mais uma colônia, claro que mantém a tradição e acho isso interessante. Hoje Carambeí tem muito mais pessoas

que vieram de fora, vamos dizer assim, que não são nem holandeses, nem alemães, nem indonésios, apesar que tem descendentes pelo meio. Hoje a maioria é brasileiro, mas da imigração são os holandeses. Hoje é uma cidade que interage, antigamente quando estava começando a sair de colônia, quando foi emancipado, eu me lembro que aqui encostava o carro onde queria, agora não, tem locais específicos, regras, é uma cidade. (Bart Janssen, entrevista realizada em 17 abr, 2018). (grifo do autor).

A partir dos depoimentos oriundos de representantes de diferentes grupos, pode-se perceber que a transformação de Carambeí em município não eliminou as percepções do “nós e os outros”, no que respeita as relações interétnicas no município. Ou seja, a mudança de status político não veio acompanhada de novas percepções sobre os papéis de grupos hegemônicos e não hegemônicos.

2.1.4 Cooperativa

A Cooperativa desempenha em toda a história de Carambeí, um papel importantíssimo econômica, política e socialmente. Além disso, ela está presente no imaginário coletivo do município desde o seu surgimento em 1925, agregou toda a população direta e indiretamente, sob uma perspectiva material e imaterial. Uma característica peculiar de formação do município, que reafirmou-se em décadas posteriores e presente na atualidade. A Cooperativa (Frísia) é símbolo carambeiense, de causa e consequência do sucesso, em um espaço territorializado por diversas sociabilidades.

Em outros termos, além de garantir a sobrevivência material, a cooperativa exerce uma força simbólica que fortalece o sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha uma história, uma memória, construída coletivamente e que encontra eco em diferentes formas de associação. (CHAVES, 2011, p. 23).

De todo modo, a Cooperativa opera sobre a vida dos cidadãos, sendo dona das formas de trabalho, pioneira no processo de industrialização e comercialização. Promove e reforça símbolos identitários. Para além da produção do gado leiteiro, nos dias atuais percebe-se o avanço na produção do trigo, na criação de suínos que são comercializados pelas marcas Herança Holandesa e Alegria.

Estudos apontam para permanências no que respeita a manutenção de práticas e sentidos que estiveram presentes desde as origens da colônia.

Vale ressaltar, aqui, o papel ocupado pelo produto e as representações coletivas em torno dele na construção de uma espécie de imaginário da comunidade, de como esta se vê, sente, reproduz saberes tradicionais ligados à socialização dos indivíduos pela educação (familiar e escolar) e pelo trabalho. (CHAVES, 2011, p. 25).

A recuperação atual das memórias a respeito da relevância da Cooperativa para a comunidade carambeense, aponta para o mesmo sentido.

Não tinha nenhum parente aqui, lá na Holanda, porque a Europa estava destruída, e lá surgiram opções para o povo que quisesse sair, tinha a África do Sul e Brasil, escolheram o Brasil, poderiam ter ido para a África do Sul, lá também tem colônias holandeses, mas optou por vir para cá. **Comprou um lote da família Loss**, senhor Leonardo. Vendiam leite para a Cooperativa. (Cornélia Helena, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se **desenvolveu tão rápido na região**. Eu me lembro quando tinha quatorze, quinze anos, trabalhava para um produtor, e ele conseguia produzir uma média de dez litros de leite por vaca e os outros produtores vinham ver como ele fazia para chegar nessa quantia. Hoje tem produtor com vinte, vinte e cinco por média ou até mais. (Henrique Harms, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Eu vim para cá nos anos sessenta, aqui tinha a Cooperativa Batavo e a Cooperativa Central de Laticínios, eu **vim trabalhar na Cooperativa Batavo**. (Deodoro Nogueira, entrevista realizada em 17 abr, 2018). (grifo do autor).

Assim, desde sua implantação, a Cooperativa renova seus vínculos com as etnias e busca o permanecimento, tradições, mesmo que mutáveis, mas gestora, referência na construção do município. No orgulho dos moradores que se vê nas próprias transcrições, sendo um elemento com característica concomitante tanto na história documentada quanto na história oral.

2.1. 5 Monumentos de representação

Nesse ínterim a formação do município, elementos na paisagem sintetizam o vínculo das etnias com a transformação da natureza ainda não apropriada. São elementos ligados diretamente, mas também construídos, que mesmo assim, através da discussão inicial do capítulo, são naturais, por serem assimilados como pertencentes mesmo àquela localidade.

Côrrea (2007, p.09) descreve que “os monumentos são representações materiais de eventos passados. Integram o meio ambiente construído, compondo de

modo marcante a paisagem de determinados espaços públicos da cidade”. O autor aprofunda ao dizer que

Os monumentos, contudo, enquanto construções sociais, politicamente concebidos, são portadores de ambiguidades. A sua capacidade de transmitir aquilo que desejavam os seus idealizadores pode ser limitada e mesmo contestados os significados que deles se desejavam. Os monumentos não constituem fontes seguras para a elaboração de um único conjunto de significados. (CÔRREA, 2007, p. 10).

Cada monumento é dotado de singularidade, de contextos e concepções que o abarcam, assim como na aparência e sentido, mas iguais no seu valor histórico, enquanto partes que configuram e expõem as realidades sociais. Essas realidades sociais são contestáveis, no sentido de que os monumentos estão em espaços públicos e remetem para determinados contextos, expressão um grupo cultural, mas pode ser significativo também para pessoas de outros grupos. A essência está em como esse monumento é lido e repassado as pessoas, a ponto que elas se apropriam se algo não é característico de si mesmo, mas uma concepção histórica ou o grupo do qual promove utiliza de um discurso competente que insere-se na memória coletiva.

Contudo, esses monumentos concebem paisagens, posto que a paisagem “existe em primeiro lugar, na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica” (BERQUE, 2004, p. 84). É preciso entender essa lógica para assim entender o sentido de paisagem, das quais possuem significação.

Duncan (2004) argumenta sobre esse sistema de significação, antecessor a retórica da paisagem. Essa significação é composta por três linhas, a primeira refere-se as pessoas que residem no local que está instituída a paisagem; a segunda é sobre quem está “fora” desse local, resultando na diferença de discurso a ser investigado; já a terceira linha cabe ao geógrafo a interpretação e identificação dessas significações. Presente ainda a retórica da paisagem, da qual “levanta questões sobre os processos por meio dos quais a paisagem é lida como um texto, e então atua como um instrumento de transmissão, reproduzindo a ordem social”. (DUNCAN, 2004, p. 110).

A essa paisagem construída, está associada a valores sociais, políticos, apropriação e controle do espaço. Quem tem o poder de construí-la tem o seu

domínio. Cria-se uma paisagem da classe dominante. Sua compreensão está intrínseca a tempo e espaço, que transpasse (ou não) a ela significados, uma imaginação, familiarização a tal.

Assim, a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e cujo mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho". (COSGROVE, 1998, p.223).

Os monumentos, como representações e projetores de uma paisagem podem suscitar diferentes olhares. Tais representações estão de acordo com as vivências e as apropriações de cada sujeito ou grupo social.

Pois, vou dizer uma coisa para você, menina do céu, eu **tenho paixão pelo Parque Histórico**, porque eu **trabalhava lá de diarista**, eu entro lá parece que eu nasço de novo, aquele lugar, a natureza, porque acabou a natureza, é só plantação. Quando eu ia trabalhar lá, trabalhava descalço, a grama parece que saia tudo, agora não estou podendo ir mais lá, mas adoro, nem via passar as horas. Acho muito bonito lá, a natureza. (Dalva Maria, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Eu **gosto de ficar nessa vila** (Boqueirão), porque **é muito sossegado**. Acho que o único lugar que eu conheci é o Lajeado, onde lavava roupa. **Aqui eu gosto, porque é um sítio**, de noite então não escuta nada. (Conceição Kachinski, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Me identifico muito nas aroeiras e o próprio Alagados, o futebol que antes participava, nós temos uma equipe lá na Batavo, trinte e poucos anos já, eu que formei a associação. (Paulo Baninski, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Onde **gosto de ir é no Parque deles**, lá é bonito, **é tudo estilo deles**, para nós aqui não tem. Jogar bola só, tinha campeonato, jogo. Hoje tem lanchonetes, a Frederica's que faz as tortas, tem a Cantina, tem outros ai que fazem pizza, o viveiro, tem bastante lugar para ir, hoje está bom. (Bassai, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Nesse sentido, constata-se que não existe um único lugar de identidade municipal, mas um pluralismo que configura interpretações sociais. As pessoas se identificam pela experiência, pelo se ver reconhecido em algo, seja pelas práticas e/ou pelo permanecimento, por identidades, concomitantes as diferenças, sendo resultado de processos de criações culturais e sociais, atreladas a relações de poder.

2.1.6 Sujeito

Condizente com o item acima descrito, o sujeito também se constrói constantemente, através de práticas, de sociabilidades, experiências, identidades e diferenças. São características históricas, vinculadas com o seu território.

Esses sujeitos estão dicotomicamente presentes na realidade, através das diversas etnias, do trabalho desempenhado, dos monumentos que lhes representam, na composição de um município multiétnico que desenvolve relações de poder históricas. A citar a transcrição com o Senhor Dick Carlos de Geus, descendente holandês e gestor do Parque Histórico de Carambeí.

Procura de novos horizontes, essa talvez **é uma característica dos holandeses, eles são exploradores**, antigamente estavam em toda parte do mundo, eu sempre digo, quem está na proa, lá na frente tem uma vista, quem fica atrás ele vai junto. (Entrevista realizada em 01 mar, 2018). (grifo do autor).

Esta postura, denota-se pela posição que o sujeito entrevistado ocupou durante sua história na colônia. Ao tomarmos contato com atores não hegemônicos percebemos, muitas vezes, que eles inserem seus discursos aliados a dos atores hegemônicos, oscilando entre a crítica e a naturalização de tais percepções.

Acredito que os holandeses ajudaram muito, também se não fosse os brasileiros os holandeses não iam para frente também, **tem que crescer os dois**, os brasileiros estão para os holandeses e **os holandeses para darem serviço para os brasileiros**. Mas, **Carambeí não é dos holandeses**, porque acredito que tenha muito mais brasileiro do que holandês. **Eles são orgulhosos** em dizer que se não fossem eles, não tinha Carambeí, mas acho que se não fossem os dois juntos, uma aliança, não tinha. (Conceição Kachinski, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Eu me sinto meia, parece que o povo brasileiro, **os brasileiros daqui ficaram meio rejeitados**, mas eu **agradeço a vinda dos holandeses**, penso assim, que **se não fosse os holandeses**, não era o movimento que tem agora, eles trouxeram indústrias, trouxeram a plantação da lavoura, havia muito emprego, tinha a Cooperativa, a fábrica de queijo, era um pouco de holandês que comandava e tinha brasileiros também, inclusive meu primo, aí que foi vindo Central, a matança de frango e essas coisas, acho que ajudou muito Carambeí, **porque brasileiro não tem peito para enfrentar as coisas**, não é querendo falar mal, mas é, eles que vieram com maquinário, terra que não era produtiva e hoje colhe milhões de safra, é soja, é milho, é feijão, então acho que foi muito importante a vinda deles". (Dalva Maria, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Acho que sim, **porque eu só trabalhei para os holandeses**, desde o começo só os holandeses. (José Francisco, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Sempre tem diferença. Sábado estava conversando com uma holandesa e ela falou que se não fossem os holandeses não existia Carambeí, **eu concordo**, se não fossem eles Carambeí não crescia. (José Francisco, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor)

Aqui Carambeí, é um lugarzinho bom, hoje em dia tem as pessoas que se aproveitam do poder, mas isso é irrelevante. **Tem alguns holandeses que gostam de se aparecer** um pouco, **mas isso é normal**, tem que considerar todos do jeito que são. (José Chagas, entrevista realizada em 10 abr, 2018). (grifo do autor).

Como fruto da diversidade étnica e social presente, as entrevistas relatam e retratam os conflitos existentes entre grupos hegemônicos e não hegemônicos. Enquanto em alguns momentos os atores expressam aceitação – “para os holandeses darem serviço para os brasileiros”; “senão fosse os holandeses” - em outros apontam para os distanciamentos existentes entre os holandeses e os demais grupos – “eles são orgulhosos”; “tem alguns holandeses que gostam de se aparecer um pouco” – e por fim reafirmam a construção apologética no que respeita a primazia econômica dos holandeses em relação aos demais grupos – “para darem serviço para os brasileiros”; “agradeço a vinda dos holandeses”; “porque brasileiro não tem peito para enfrentar as coisas”; “porque eu só trabalhei para os holandeses”.

2.2 A PERCEPAÇÃO E EXPERIÊNCIA DE DIFERENTES SUJEITOS

A proximidade com o município em estudo, em especial, os diferentes sujeitos que no dia a dia vivenciam suas relações, seus afazeres, criando-se territórios e/ou intensificando os existentes, mostrou-se que tais relações encontram-se tão enraizadas que é praticamente intrínsecas nesses mais de cem anos de construção do município. Contudo, dessa aproximação gerou-se questionamentos, indagações a fim de melhor entender as formas, funções nas quais esse município se estrutura.

Os primeiros relatos foram descritos anteriormente, amarrando os elementos (palavras) mais citados (as) nas entrevistas com a própria história documentada, ou seja, as histórias percebidas pelos moradores e produzidas por eles mesmos. Essa sequência trata para a discussão a história oral de demais sujeitos, encontrados em momentos subsequentes.

Decidiu-se, assim, para esse estudo o contato com um Pastor (que solicitou manter sua identidade oculta), na intenção de enaltecer o trabalho perante seu papel e posição no município de atrelar diferentes sujeitos. Dessa forma, sua transcrição será feita na íntegra, dando visibilidade às suas convicções sobre a formação do município.

Todas as entrevistas feitas, seguiram um modelo estrutural, encontrado no apêndice 1, no entanto, as perguntas foram realizadas de acordo com o caminho da própria conversa com o entrevistado. No primeiro momento era exposto sobre o trabalho, o que objetiva-se e na sequência os entrevistados eram livres para contarem suas histórias diante da história do próprio município, questionando-o sobre o que viveu, aprendeu ao longo dos anos.

O início da colônia aqui aconteceu em 1911, quando um grupo de pessoas vieram para Carambeí, convidados para trabalhar nessa estrada de ferro que tem, para produzir alimentos para aquelas pessoas que trabalhavam na estrada de ferro. Cada família ganhou um pedaço de terra, algumas vacas, ferramentas e aí começaram a colonização. Naquela época Carambeí ainda era um distrito de Castro ou uma colônia de Castro, por isso a igreja aqui é conhecida como a igreja da colônia e hoje é Igreja Evangélica Reformada da colônia. Essa igreja já veio para cá naquela época, com algumas pessoas que vieram. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018). (grifo do autor)

Ao lembrar sobre as palavras mais ditas ao longo das entrevistas, a primeira a ser relatada foi “diversas etnias”. Isso é questionado ao Pastor que comenta:

Não, no começo da colônia ela se formou com um grupo que veio da Holanda, depois vieram outras pessoas para Ponta Grossa, onde tem etnia de vários lugares e aqui em Carambeí se estabeleceu essa colônia holandesa. **No início um pouco fechada**, porque é assim toda colônia logo no início, depois aberta para todo o comércio por causa da Cooperativa Batavo, que se formou também e os trabalhos que realizaram para venderem os seus produtos, tinha que ter muita relação de comércio com as cidades de São Paulo, porque os produtos eram levados para lá, vendidos em Ponta Grossa e foi crescendo o trabalho. A igreja hoje continua como Igreja Evangélica Reformada, porque aqueles que vieram para cá. **Os imigrantes também se estabeleceram como Igreja**, porque quando iam para algum lugar eles levavam a igreja ou um Pastor junto, que começavam a realizar aquele trabalho e foi assim que também aconteceu com essa colônia, que no início não tinha um pastor eles passaram de 1911 até 1936 sem um Pastor que trabalhasse aqui, mas os membros da igreja se revezavam, **estavam sempre fazendo os cultos nas casas**, eles conseguiram se manter também com uma identidade com a igreja. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018). (grifo do autor).

Esse trecho entra em desconformidade com a história documentada sobre o município, ao dizer que “ela se formou com um grupo que veio da Holanda”, ofuscando

migrantes e até mesmo imigrantes, já dispersos pela antiga fazenda *Carambehy*, que era um ponto de parada das tropas e criação de gado. Confirmação feita ao longo do primeiro capítulo e subcapítulo 2.1. Entretanto, é de acordo que esse relato da história represente o início de uma colônia a partir de uma aplicação do trabalho, ou seja, destina-se o início, os primeiros povos a habitarem a colônia para aqueles que criaram a Cooperativa, que organizaram grupalmente em situação de benefícios à ambos.

Ressalvo o trecho em que o pastor empodera historicamente os imigrantes, ao dizer: “os imigrantes também se estabeleceram como Igreja”. Isso deixa nítido, que tais, ocupam desde a sua chegada, uma posição central, de disseminação da “verdade”, da própria história enraizada na formação da colônia. Esse apontamento sustenta-se na análise de Nadalin (2012)

Logo, o imigrante poderia ser encontrado no grupo cultural e (ou) étnico, bem como na Igreja. Via de regra, a instituição religiosa estava estreitamente vinculada não só ao cotidiano do imigrante e seus descendentes, mas também à própria etnicidade. (NADALIN, 2012, p.35).

Subsequente é perguntado ao Pastor sobre as pessoas que ao longo da história frequentavam (ou não) essa Igreja, pois, de acordo com relatos anteriores, moradores a caracterizavam como “igreja dos holandeses”, exatamente pela maneira de como foi criada, vista no relato do Pastor.

Ela sempre foi aberta para todas as pessoas, só que ela era conhecida como a igreja dos holandeses, porque no início aqui só tinha holandeses, depois que vieram as outras pessoas, e, hoje se a gente vai pensar tem bastante holandeses ainda, mas também alemães, poloneses que fazem parte do grupo da igreja. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018).

Atrelado a esse posicionamento do Pastor, intensifica-se a questioná-lo sobre sua visão dessa miscigenação cultural, sendo uma das características de um olhar de fora sobre o município.

Em todos os grupos étnicos eles tiveram sempre a preocupação de manter sua cultura e essa miscigenação acontece de maneira natural, a medida em que as pessoas vão casando com pessoas de fora da colônia, que aquele grupo foi casando com outras pessoas, essa ideia de colônia vai ganhando com tantas outras culturas que vai agregando, porque cada um que vem traz junto seu jeito de ver, sua história e isso vai agregando na colônia, não significa que perde uma cultura, mas significa que ela vai agregando e tendo uma outra cara. Não é objetivo, nem da igreja nem da colônia de ter aquela característica de que “somos assim e vocês diferentes”, tanto que nesses trabalhos na escola, na creche, o objetivo é realmente fazer parte da cultura brasileira como um todo e atuar aqui, não tentando impor

uma cultura, mas tentando fazer com que as pessoas possam ganhar com isso, assim como a colônia também ganha, do que a sociedade traz também para dentro da igreja. Não há nenhuma separação, restrição e nunca houve, as vezes a questão cultural ela separa por si mesma, porque um diz “ai eu sou dessa, sou daquela etnia”, mas não que a comunidade em si tenha imposto isso, **as vezes é mais uma coisa de fora que as pessoas tem**, mas nunca aconteceu uma tentativa nesse sentido de dizer “olha o povo aqui é diferente”, tanto que eles **sempre tentaram atuar na sociedade**, comunidade como um igual, sem essa postura de diferença. **Hoje não tem esse ou aquele, mas tem os cidadãos brasileiros e isso que nós somos.** (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018). (grifo do autor).

Ressalva que na rotina da sociedade, no contato entre as etnias

[...] a marginalização inicial foi ultrapassada, abrindo-se os imigrantes à maior interferência cultural da sociedade paranaense; em função disso; os membros das gerações que se seguem, geralmente já nascidos no Brasil, elaboram e reelaboram constantemente identidades étnicas. (NADALIN, 2012, p.36).

Em parte do trecho acima o Pastor cita o trabalho nas escolas, creches, ambos remetem à pergunta se a igreja desenvolvia algum projeto social, estando diretamente ligada a sociedade.

A igreja mantém trabalho com a creche Betel, que é uma creche que originalmente foi formada pela igreja, e hoje ainda é administrada por ela, como uma instituição do município, onde recebe verbas e repassadas aos professores, o pessoal da igreja só administra, repassa aos professores. Tem outro trabalho em uma instituição chamada ESCO-LAR, que é uma escola de contraturnos, onde as crianças que não tem idade para estar na creche e nem na escola, ou melhor tem idade para ir para a escola, mas não para ficar sozinho em casa, por isso esse contraturno, eles se alimentam, recebem orientação, ajuda com as matérias, esporte, aulas de reforço, da em torno de 130 crianças atendidas por dia. Não são necessariamente membros da igreja, mas atendidas pela mesma. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018).

O caminhar da entrevista é proposto pela exposição dos termos “hegemônicos” e “não hegemônicos” enquanto reflexo de uma cultura amplamente difundida, muito aliada ao trabalho e sucessivamente às diferentes etnias que se fixaram juntas, que vieram posteriormente. Ao indaga-lo sobre esses termos, se ambos são um reflexo real, ele responde:

Eu acho que não, porque a preocupação nunca foi sobrepor uma etnia a outra e sim agregar, tanto que esse ano o Parque Histórico está desenvolvendo um programa de natal chamado “Natal de todos os povos” para valorizar todas as etnias e não apenas uma. O Parque Histórico quer justamente propor essa ideia de que não há segregação de povos, mas sim cada um mantendo suas características, são respeitados, são convidados, mencionados, lembrados,

em um patamar de igualdade não diferença. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018).

Novamente a entrevista é amarrada com as demais entrevistas feitas anteriormente, nas quais percebe-se um reconhecimento das pessoas à etnia holandesa, uma admiração. Desta forma busca-se entender essa realidade a partir também da percepção do entrevistado.

O **reconhecimento existe**, mas aqui você vê não só holandeses, mas indonésios que vieram juntos, são os alemães, poloneses que contribuíram. No início eles que trabalharam aqui, mas juntos com os povos que moravam aqui. Tinham outras pessoas aqui quando eles chegaram e trabalharam juntos. Não sei se essa valorização de uma ou outra etnia, é a coisa mais própria a se fazer, até **pode se dizer que a cultura holandesa teve a sua parcela de contribuição dentro do crescimento do município, mas junto com outras culturas, talvez uns mais outros menos**, mas a gente não quer equiparar essas questões, a gente quer dizer que todos eles foram importantes, dentro da sua condição talvez um contribuiu mais que o outro, mas isso são questões que acontecem com qualquer cultura, qualquer empreendimento de migração, uns talvez tenham parcela maior, mas o objetivo é fazer com que todo mundo se beneficie. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018). (grifo do autor).

A fim de entender a atual situação e contextos gerados, o Pastor relata sobre a cidade e conseqüentemente se é visível uma aculturação nesse espaço-tempo.

Eu vejo a cidade como um lugar muito agradável para se viver, dentro e fora da igreja, não só com as pessoas que fazem parte, aqui como igreja a gente se relaciona com todas as culturas. Essa união é muito positiva. Eu não sei se é visível essa aculturação, porque depende muito de quem está vivenciando, é subjetivo, o que se quer transmitir é uma coisa, mas o que as pessoas conseguem entender, interpretar talvez seja outra. O que eu posso te dizer é que o nosso objetivo é esse, é viver como uma igreja não com um patamar diferente junto com o povo na construção de uma cidade, colaborativa, parceira no empreendedorismo, no trabalho, no cuidado com as pessoas, tratar todos de forma igual. No Parque há essa valorização de todas as culturas, a preocupação nunca foi manter, dizer que essa cidade é dessa ou daquela etnia, mas a realidade é de falar sobre tudo isso como um grupo, isso sendo o município mesmo, até porque todos tem suas vozes, **talvez um grupo que esteve aqui primeiro, mas não que agora ele se sobreponha**, a preocupação é manter esse padrão de igualdade que todos os povos tenham sua contribuição e dentro do seu estilo de vida, do seu conhecimento, da sua procura em ajudar cada um de sua contribuição. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018).

Cabe uma exposição científica de aculturação, na qual são relações que acontecem em determinado espaço/tempo há um elemento inserido, a aculturação, que é o processo pelo qual duas ou mais culturas diferentes entram em contato contínuo, originando mudanças importantes em uma delas ou em ambas, e por si só

o processo histórico cria uma aculturação, pois nenhuma cultura se encontra intacta, pura e única, ela sofre influências, interferências, sejam essas simples ou até mesmo complexas. A esse processo de contato entre duas ou mais culturas podemos nomear também de hibridismo, definido por alguns autores como a forma correta.

Esse termo é utilizado também por Stuart Hall, o autor acredita que o hibridismo seja um aspecto positivo, pois produz novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia. Canclini (2003, p. XIX) entende por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

A partir da descrição verifica-se um território carambiense que se estabeleceu diante de uma etnicidade cultural, que refere-se a atributos ou traços, aproximando os indivíduos de um mesmo grupo e fortalecendo os laços, aproximando de uma noção de cultura, e ainda tem o poder de modificar o sistema e ser modificada por ele. Uma miscigenação que originou um território de características marcantes e reconhecidas. Um lugar marcado pela representação cultural/social holandesa, construído pelas relações sociais, fundamentadas no cotidiano.

CAPÍTULO III

CARAMBEÍ: PODERES E REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS

Os capítulos anteriores trataram, respectivamente, de contextualizar o município, atrelado a elementos do desenvolvimento do país, da região, que puseram no seu espaço físico e social características notórias. Analisados a partir da conceituação geográfica de território, que denota esse enlace “físico” e “social”, de representações visíveis na sociedade carambeiense.

Posteriormente a pesquisa apresentou as entrevistas feitas com os moradores, representando diferentes etnias que encontram-se no estudo. Soma-se a análise um quadro da história documentada e história oral, no intuito de confrontar a perspectiva que subsidiou uma imigração e manteve em posições distintas a outras migrações. Essas transcrições subsidiaram todo o estudo, desde o início, até amarrações finais com contrastes e foram o caminho para se chegar a uma ideia final do presente estudo, mas não única.

Finalmente, como o foco desta dissertação concentra-se nas múltiplas vozes a respeito da antiga colônia e atual município de Carambeí, diante das histórias da etnicidade presente. Para tecer esse capítulo final, foram necessárias essas transcrições transpostas em um banco de dados, conforme relatado na introdução dessa dissertação, afim de apresentar um caminho somativo das histórias relatadas, e, na sequência, a elaboração de gráficos, que denotam aperfeiçoamento da realidade estudada.

3.1 A INTERAÇÃO SOCIAL – GEOGRAFIAS PARALELAS

Sendo o propósito desse estudo a análise das relações sociais, estabelecidas em diferentes espacialidades do município (trabalho, áreas de lazer, comércio), por conseguinte é apresentada uma realidade que se funda na vida cotidiana, que permeia os sujeitos e seus respectivos vínculos e apropriações. Uma sincronia entre cada ser e suas atividades, na interação social, que acaba por produzir experiências, reciprocidades históricas. “A expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifesta-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos

produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum”. (BERGER, P; LUCKMANN, T; 2004, p. 53).

Segundo os mesmos autores, esses sujeitos ocupam-se enquanto papéis²² na sociedade, definidos historicamente a partir das experiências e atuações. Em conformidade cada indivíduo, incluso a sua etnia, grupo social, se fez presente na sociedade de uma forma. Assim, essa fração do estudo busca encontrar paralelos, conformidades em que seus atores se relacionam, em diferentes tempos e espacialidades.

Para essa contextualização dos sujeitos e suas apropriações no município, opta-se pela conceituação de identidade. Da qual perpetuou ao longo de todo estudo. “A identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. (BERGER, P; LUCKMANN, T; 2004, p. 230).

As vivências e experiências cotidianas, estão intrinsecamente relacionadas a identidade, que por assim dizer, não é fixa, e sim, moldada a partir das relações sociais que se estabelecem. Essa modelagem da identidade se vincula as transcrições que tratam da contextualização do início da colônia, da qual se cria uma identidade, aliado ao discurso, de povos pioneiros e valorização de uma imigração.

Eles chegaram aqui nessa área de Carambeí, estava em construção uma ferrovia, era a única oportunidade que eles tinham de começar, a companhia oferecia os atrativos, um pedacinho de terra e gado para começar, mas para pagar em “x” prestações, e assim começou com poucos imigrantes, era um grupo muito pequeno, em 1911. (Dick Carlos de Geus. Entrevista realizada em 01/03/2018).

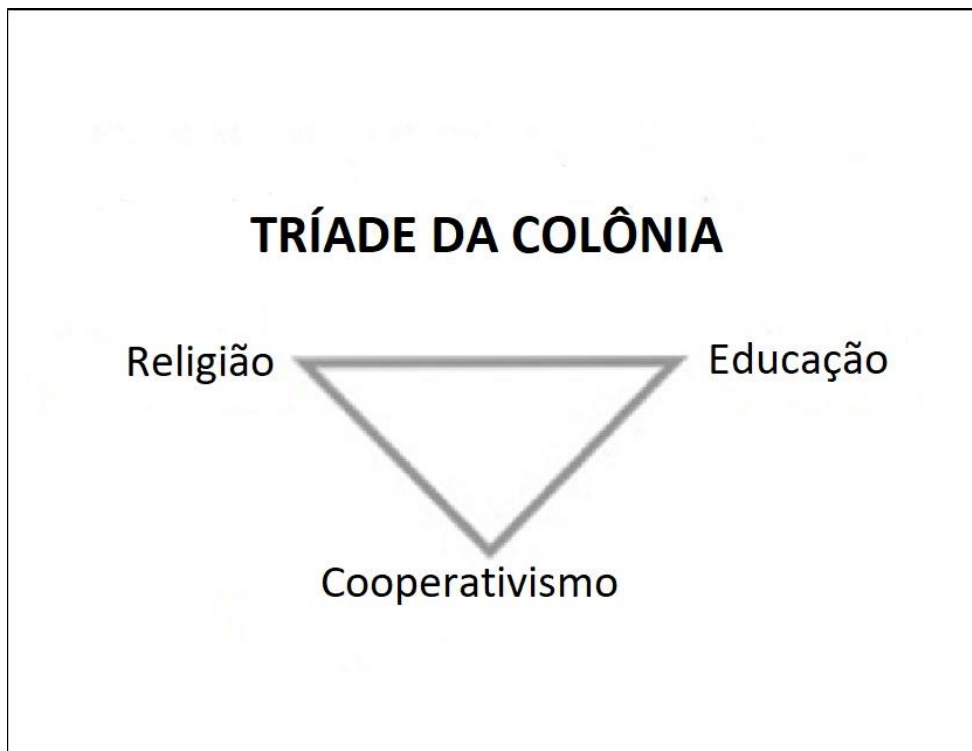
O início da colônia aqui aconteceu em 1911, quando um grupo de pessoas vieram para Carambeí, convidados para trabalhar nessa estrada de ferro que tem, para produzir alimentos para aquelas pessoas que trabalhavam na estrada de ferro. Cada família ganhou um pedaço de terra, algumas vacas, ferramentas e ai começaram a colonização. (Pastor, entrevista realizada em 30 nov, 2018).

Ambos discursos são muito semelhantes. Isto se deve pela valorização da história dos holandeses na localidade, por preservação da história do lugar, transcritas

²² Os papéis são tipos de atores neste contexto. Pode ver-se facilmente que a construção de tipologias dos papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta. [...] Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis; o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele. (BERGER P; LUCKMANN, T. 2004, p.103).

em documentos e oralidades, percebidas em estilos de vida, gastronomia (ex: tortas holandesas) e trabalho (Cooperativa). Esse início de colônia se estruturou seguindo três elementos encontrados ainda na história oral transcrita, vistos na figura 2:

FIGURA 2 Tríade da Colônia



Fonte: A autora (2019).

Portanto, estruturaram-se em princípios bases de uma comunidade. E claro, eles marcaram um lugar, o seu lugar naquela terra. E como notado nos discursos, eles fizeram algo visto como natural, se agruparam, expandiram e conseqüentemente houve uma miscigenação. Esse empoderamento histórico dos holandeses, é visto na figura 3.

FIGURA 3 Relação dos holandeses nos discursos



Fonte: A autora. (2019).

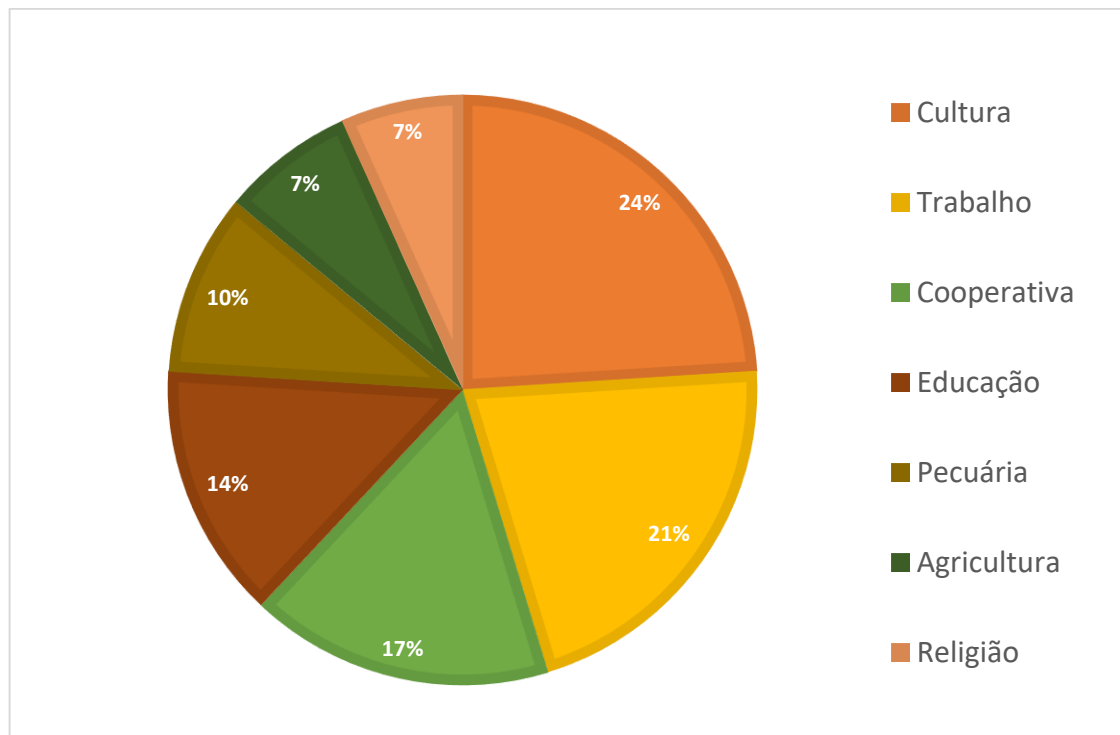
As palavras que mais se destacam encontram-se no centro da figura, sendo elas: Carambeí, colônia, cooperativa, história, 1911, pecuária, Batavo, campo, cultura e trabalho; nas extremidades palavras menos citadas, mas que cabem a análise. Aliado a isso, a análise segue a partir da percepção da influência holandesa, por meio de um gráfico, que apresenta elementos como, cultura, cidade, trabalho, conforme ditos nas entrevistas. Concomitante, apresenta-se um gráfico, do qual sua interpretação é a partir do relacionamento que os sujeitos têm com os holandeses. Essa pergunta é oriunda, após citarem essa etnia como influenciadores, dando brecha a ser perguntado a espacialidade que acontecem essas relações e/ou os sujeitos veem que esses espaços são oriundos dos holandeses.

GRÁFICO 1 Percepção da Influência Holandesa



Fonte: A autora. (2019).

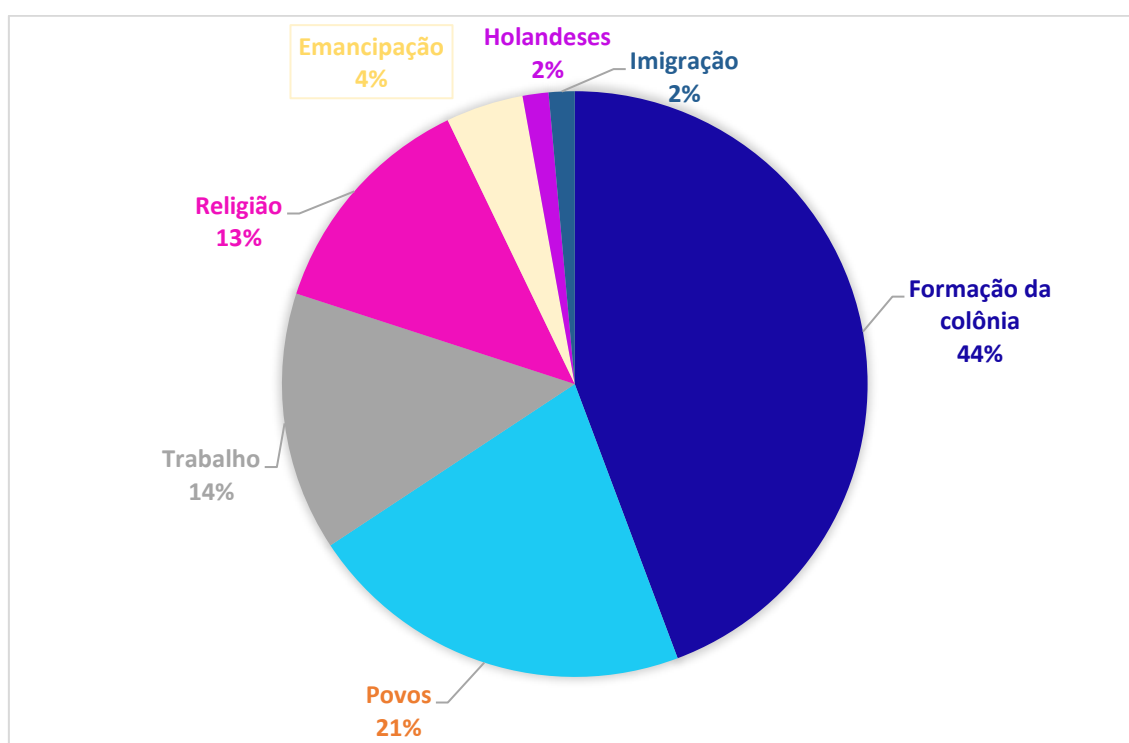
GRÁFICO 2 Relacionamento das etnias



Fonte: A autora. (2019).

Os dados mostram as relações e representações das etnias em diferentes espaços, sendo possível interpretar que o convívio entre tais, se concretiza no trabalho. O convívio, os espaços de vínculos, principalmente, estão centrados nessa espacialidade, da qual se fundou desde o início da colônia (relembra-se a tríade da colônia), exercida no espaço e no tempo. Carambeí é esse vínculo entre culturas, trabalho e convívio. Retomando o banco de dados, o gráfico 3, representa a Categoria Discursiva, com todos os elementos citados inclusos e classificados. Visível abaixo:

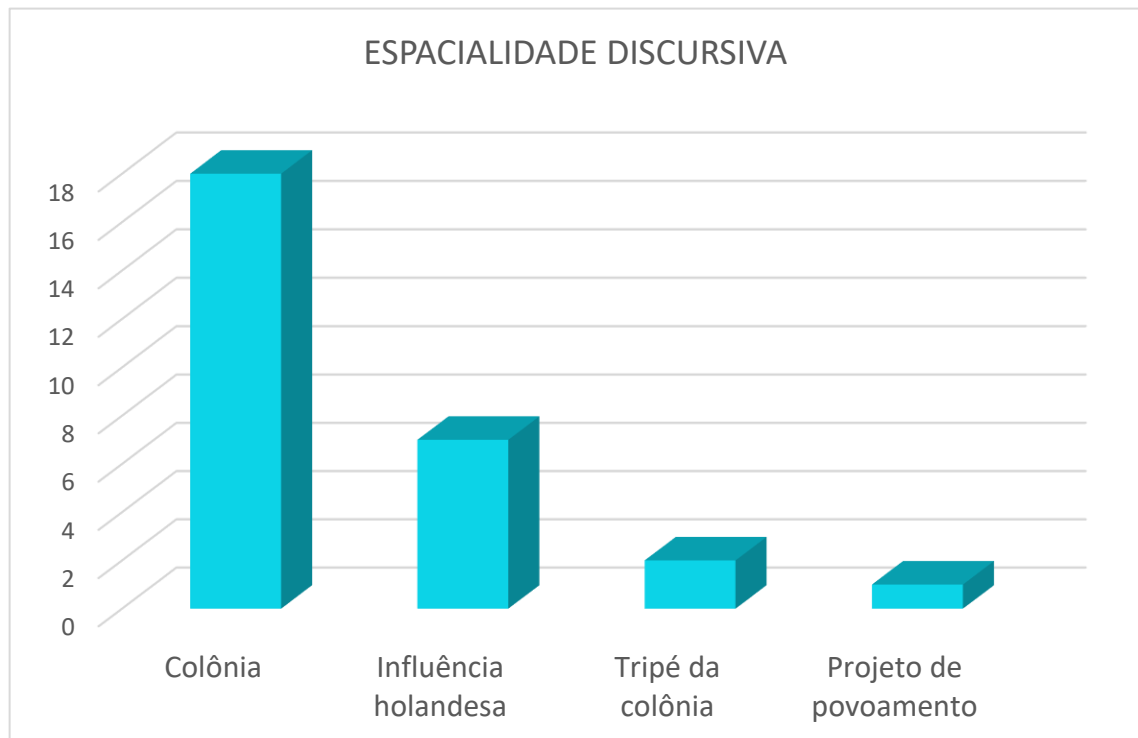
GRÁFICO 3 Categorias Discursivas



Fonte: A autora. (2019).

Sendo assim, as “Categorias Discursivas” se relacionam diretamente com as “Espacialidades Discursivas”, na qual diz respeito a especificidade do assunto abordado, seguindo de acordo com o item mais citado. A primeira Categoria Discursiva de maior destaque é “formação da colônia”. Iniciou-se as entrevistas com essa lembrança e conhecimento que o entrevistado tinha sobre o seu município. Já suas espacialidades discursivas foram: “Colônia”, “influência holandesa”, “tripé da colônia e “projeto de povoamento”. Citados sucessivamente dezoito vezes, três, duas vezes e uma vez. Conforme gráfico 4.

GRÁFICO 4 Formação da colônia



Fonte: A autora. (2019).

As quatro espacialidades discursivas simbolizam as lembranças dos entrevistados aos primeiros anos da colônia, de acordo com cada memória, conhecimento, discurso que se apropriou. A espacialidade mais comentada é “história do início da colônia”, na qual os sujeitos registram oralmente aquilo que te representa. Enfatiza-se com as transcrições:

Meus avós então maternos foram os **primeiros imigrantes de Carambeí...** e assim começou com poucos imigrantes, era um grupo muito pequeno, em 1911 os primeiros 12 e 1913 mais um tanto e depois em 1914 estourou a Primeira Guerra Mundial parou e 1919, 1920, chegaram mais famílias. (Dick Carlos de Geus). (grifo do autor)

Mas a história boa mesmo, os holandeses mais antigos, **porque em 1911 que vieram os primeiros holandeses.** (João Ari Pedroso). (grifo do autor)

Essa vila mudou muito, desde a Avenida do Ouro, não tinha nada, era uma rua só assim, não era asfaltado, vila para cá não tinha nem luz... A colônia, que hoje é uma cidade era tudo **campo**, era muito diferente. (Dalva Maria Dória Kremer). (grifo do autor).

Quando nós viemos aqui, **não tinha praticamente nada.** Essa Avenida do Ouro era só umas buraqueiras, não tinha água encanada, não tinha nada. Nós viemos e fomos morar no Boqueirão, perto de um poço. (Conceição Kachinski). (grifo do autor).

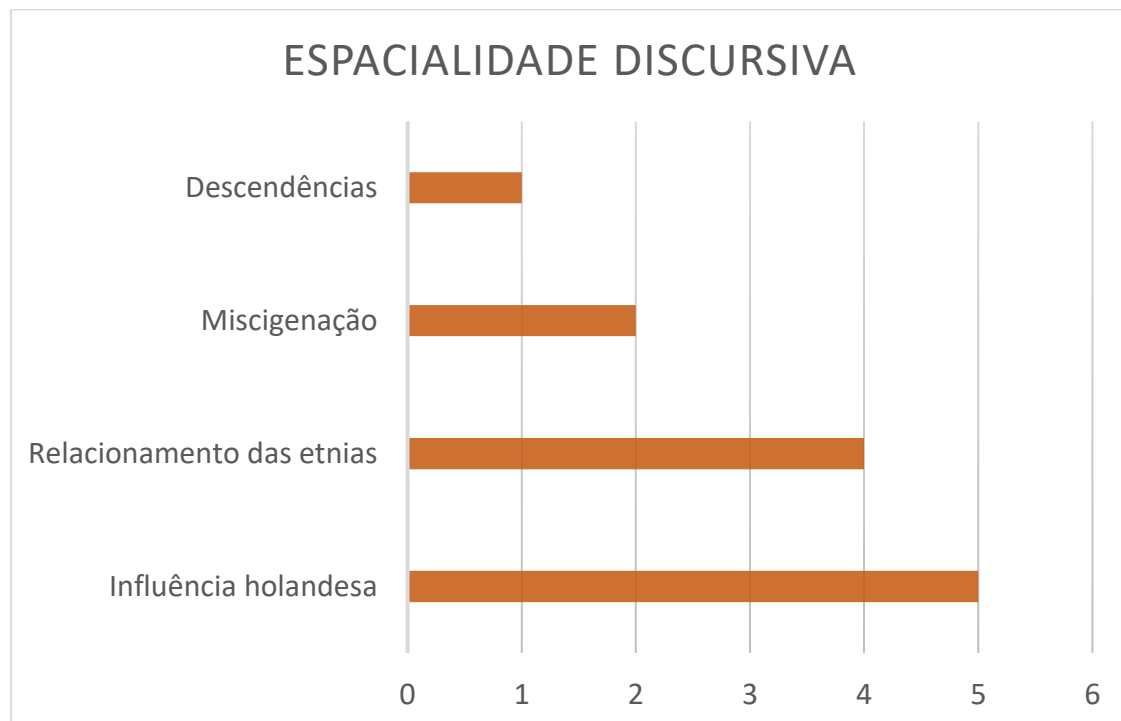
Os primeiros imigrantes vieram **fugindo de uma crise** que tinha na Europa, eles vieram, no começo foi muito difícil, muita insistência. (Henrique Harms). (grifo do autor).

Eu vim em 1984, quando eu vim **não tinha nem asfalto**, o primeiro foi na Avenida do Ouro e estou até hoje. (Paulo Baniski). (grifo do autor).

As transcrições elucidam alguns pontos. O primeiro é que o “início da história da colônia” para alguns remetem aos holandeses, enquanto primeiros imigrantes na formação, a partir de 1911, fugindo de uma crise que tinha na Europa. A outra espacialidade refere-se a uma construção da colônia, de que “não tinha nem asfalto”, “era tudo campo”.

A segunda categoria discursiva mais citada é “povos”, das quais foram abordadas inicialmente como aquelas presentes na etnicidade do município, ou seja, grupos étnicos formadores, presentes na história. Decorrente, a influência holandesa é a espacialidade discursiva mais comentada. Transcritas abaixo:

GRÁFICO 5 Povos



Fonte: A autora. (2019).

É uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, **empregados almoçavam junto com os patrões**, na mesma mesa e os holandeses tem o costume de na hora

do almoço sempre ler uma parte da bíblia, liam em holandês e quem sabia eles compravam para ler o mesmo texto. (Henrique Harms). (grifo do autor).

Aqui Carambeí, é um lugarzinho bom, hoje em dia tem as **pessoas que se aproveitam do poder**, mas isso é irrelevante. Tem alguns holandeses que gostam de se aparecer um pouco, mas isso é normal, tem que considerar todos do jeito que são. (José Chagas Maciel). (grifo do autor).

É boa, eles são mais fechados, não se misturam, alguns, mas se chegar conversar com eles, são tranquilos. Não tenho queixa. **A casa deles já são diferentes da nossa, o estilo.** (Bassai). (grifo do autor).

Eu acredito que agora é tudo misturado. (Deodoro Nogueira)

Hoje eu vejo uma cidade bem, que **tem que interagir um pouco mais**. Antigamente era colônia e nós pertencíamos à Castro, **naquela época a colônia era dos holandeses**, era dos alemães, indonésio tinha pouco, mas sempre acompanhava os holandeses, eles não tinham aquele poder de fogo que os holandeses tinham, os De Geus principalmente, eles são uma família grande, porque vieram três irmãos para colonizar, junto com sobrenome Los, Verschoor e Vriesman, esses foram os pioneiros. (Bart Janssen). (grifo do autor).

O convívio com os holandeses sempre foi muito perfeito, mas em relação a cidade é melhor não falarmos, tem seus prós e contras. Eu só sei que antigamente era uma família, mas quando fica maior não é mais, mas convivemos com tudo, temos boas amizades e bom relacionamento com todos. (Yolanda e Walter Degger). (grifo do autor).

Em todos os grupos étnicos eles tiveram sempre a preocupação de manter sua cultura e essa miscigenação acontece de maneira natural, a medida em que as pessoas vão casando com pessoas de fora da colônia, que aquele grupo foi casando essa ideia de colônia vai ganhando, com tantas outras culturas que vai agregando, porque cada um que vem traz junto seu jeito de ver, **sua história e isso vai agregando na colônia**, não significa que perde, mas significa que ela vai agregando e tendo uma outra cara (Pastor). (grifo do autor).

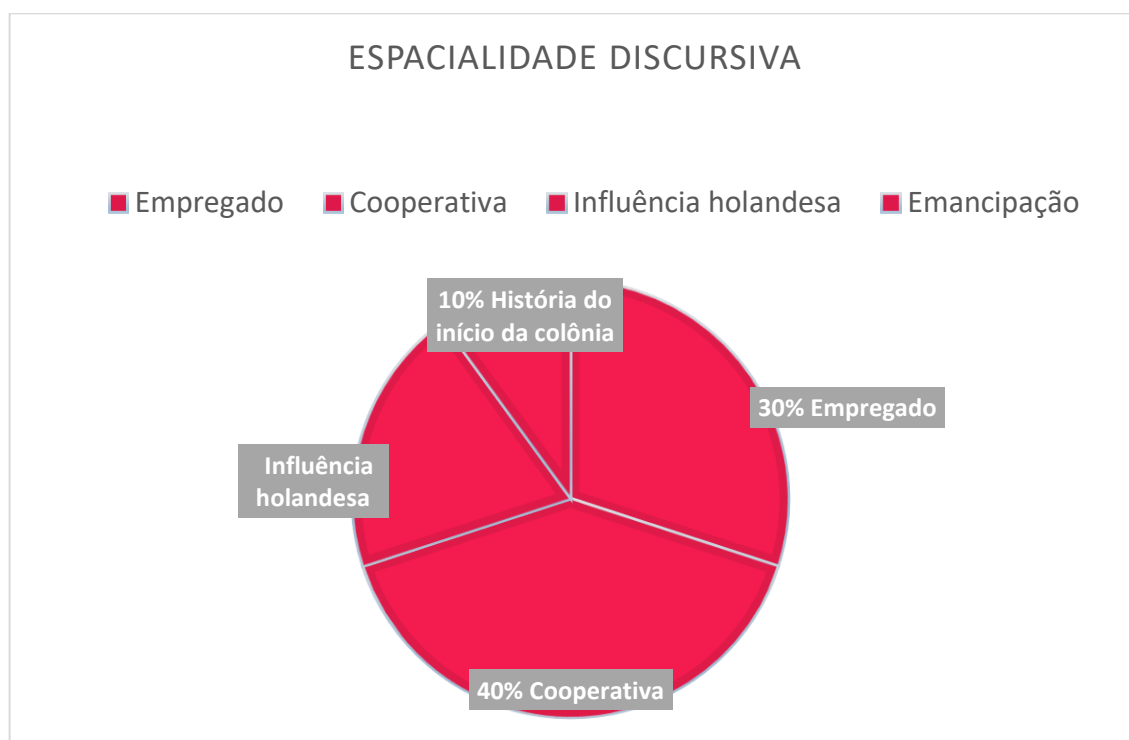
O elemento “etnias” sucede a categoria “formação da colônia”, por estarem imbricadas ao pensar no processo de formação da colônia, não obstante, é visível que a sua historicidade apresenta-se com diferentes etnicidades, concomitantes. Entretanto, é notório que a etnia holandesa é oriunda de ofertar os empregos, criando hierarquicamente uma relação de empregado e empregador, ou seja, muito dessa relação histórica entre as etnias se deu através do trabalho, no vínculo de mão-de-obra, originando e perpetuando essa influência.

Essa relação das etnias, representa a espacialidade discursiva mais citada e seu contraste se faz visível nos discursos, “empregados almoçavam juntos com os patrões”; “pessoas que se aproveitam do poder”; “a casa deles já são diferente da

nossa”; “tem que interagir um pouco mais”; “naquela época a colônia era dos holandeses”. É importante ressaltar que esse contraste se faz visível no processo histórico do município, em diferentes fragmentos ao ser contado sobre a formação da colônia, do contato entre as etnias e o trabalho, a citar como exemplos.

O trabalho é agora a categoria discursiva a ser analisada. Incluso a tríade da colônia através do cooperativismo (maneira pela qual os primeiros colonos se estabeleceram e diminuiu a concorrência entre ambos). Porém, esse item encontra-se melhor detalhado no capítulo II, no subitem 2.1.2, adentrá-lo novamente trará redundância ao estudo.

GRÁFICO 6 Trabalho

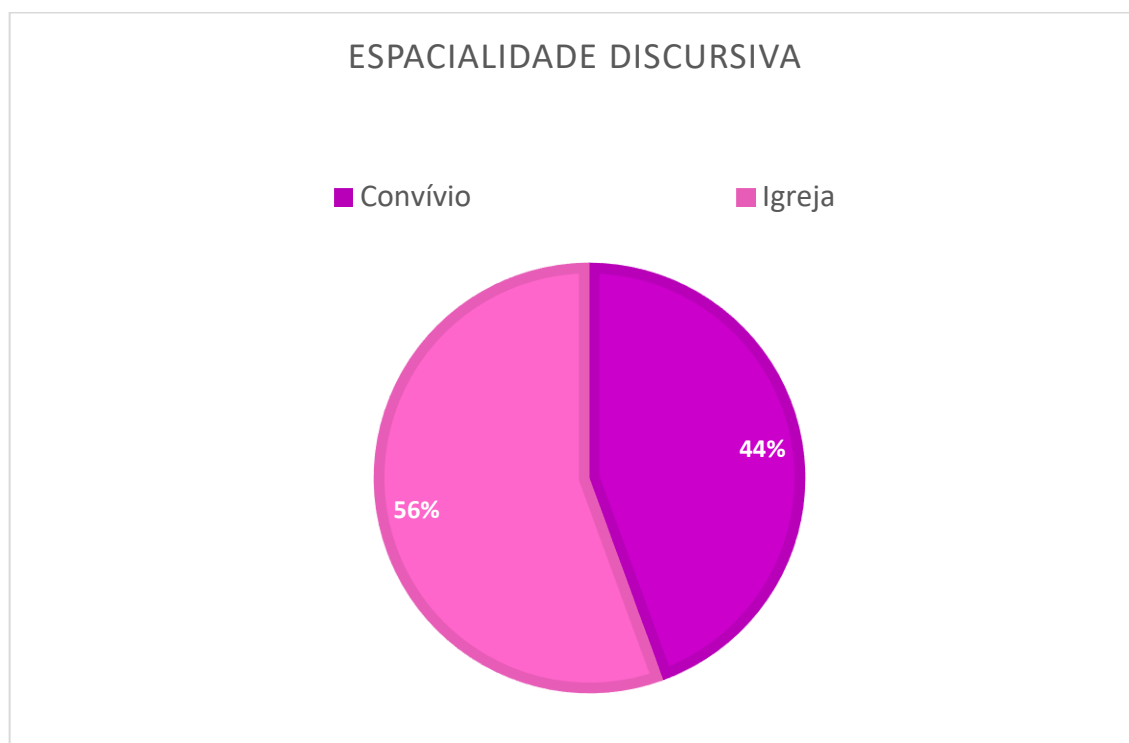


Fonte: A autora. (2019).

A categoria discursiva agora em análise é a “igreja”, estando presente desde o tripé da colônia na forma de religião. Relembrando a passagem do Pastor que comenta sobre os imigrantes holandeses terem se estabelecidos como “igreja”, pois eram tais que repercutiam a palavra à todos da colônia. Nesse mesmo sentido, essas repercussão não se limita a fé, mas se estende a formação da colônia, uma maneira de apresentar os discursos, a valorização da história advinda desses imigrantes, a partir desse ato também se valoriza as relações e a miscigenação étnica.

Essa categoria condiz com as descrições feitas no capítulo II, especificamente por meio da entrevista com o Pastor. Abrangendo a realidade social através da igreja, um ponto do tripé, percebendo o seu valor e força de discurso. “Em todos os grupos étnicos eles tiveram sempre a preocupação de manter sua cultura e essa miscigenação acontece de maneira natural” ... “o reconhecimento existe” ... “todos os povos tenham sua contribuição e dentro do seu estilo de vida”. São trechos ditos pelo Pastor, que intensificam o discurso sobre o papel das etnias no decorrer dos anos. Denota-se que cada qual tem sua parcela de contribuição, estão concomitantes, entretanto não deixam de reafirmar que os holandeses foram pioneiros, na relação trabalho (cooperativismo), na criação da colônia e na sua história.

GRÁFICO 7 Religião



Fonte: A autora. (2019).

No desfecho destas análises com auxílio de gráficos, a pesquisa é novamente atrelada a conceituação de território, enquanto um conceito geográfico, que emana as diversas facetas presentes no município. As interrelações constantemente refeitas, sempre em um estado de devir, nunca se apresentando enquanto um produto acabado. Nessa perspectiva as espacialidades discursivas apresentam-se semelhantes a uma interação entre os fatos e os indivíduos, que despertou nos

entrevistados uma seleção da memória, se moldando conforme as categorias discursivas, que por assim dizer são fatos históricos, elementos norteadores da formação, caracterização do município e no convívio entre as etnias.

Destinando as análises através do olhar do pesquisador, pudemos perceber que a objetivação inicialmente proposta de apresentar as vozes dos sujeitos, de que culminariam para posicionamentos distintos, é descartada, na medida que as entrevistas foram realizadas, todas destinavam a uma única contextualização histórica, com influência da etnia holandesa, enquanto um devir social, de se fazer incluso aquela ambiente. Havia sim, em algumas falas, um descontentamento, mas logo já era minimizado por uma qualidade da cidade, algum fato positivo frente a esse empoderamento.

Não obstante, através das transcrições das entrevistas gerou-se uma nuvem com as palavras mais citadas, excluindo palavras, pronomes que sozinhos não faziam sentido, a citar como exemplo: “eles”, “nós”, “fomos”, “iam”, “mais”, “chegamos” (“chegaram”), “um”, “uma”, “as”, “os” e “que”; para que o resultado final seja de maior demonstração das palavras que mais representam os sujeitos do município.

Para criar a nuvem de palavras, foi feito um programa na linguagem Python com auxílio das bibliotecas Matplotlib e WordCloud, todos gratuitos e livre para uso. Os primeiros passos foram ler um arquivo de texto com uma lista de palavras que sozinhas não fornecem sentido, que ocorrem frequentemente no texto (como pronomes e artigos). Assim foi elaborada uma lógica que extrai todas as palavras do texto base que não estão presentes na lista de palavras para remover. Após a criação dessa nova lista de palavras, elas foram salvas em um arquivo de texto e então as bibliotecas Matplotlib e WordCloud foram usadas, gerando 1397 palavras, seguindo exemplos presentes na documentação oficial e enviando para parâmetro o arquivo criado nesse processo. Conforme figura 6.



Fonte: A autora. (2019)

A nuvem de palavras representa a realidade do município, as palavras mais citadas correspondem proporcionalmente a tal parâmetro. Por assim dizer “holandeses” foi a mais citada, seguida de Carambeí, hoje, tudo e colônia. É possível destacar também as palavras: pessoas, cooperativa, família, vieram, batavo, cidade, tudo (designa aos holandeses), cultura, igreja, trabalho, 1911 e imigrantes.

O objetivo foi a validação das transcrições das entrevistas, enquanto outra maneira de apresentar e analisar essas entrevistas. A dimensão que essas palavras atuam em todas as esferas do município. As análises decorrentes indicam que várias são as parcelas das quais os discursos estão territorializados e se reafirmam independente do tempo.

A fim de atrelar a nuvem de palavras com a pesquisa, apresenta-se um elo entre as palavras com maior frequência (ver apêndice 7) e a transcrição, colocando em pauta o contexto o qual foi dita. Iniciamos com algumas transcrições de “cidade”. Entretanto, seu contexto se estende a outras proporcionalmente mais próximas citadas, exemplo: “Carambeí”, “colônia”, “vieram” e “brasileiro”.

[...], mas aqui na região, como mesmo na **cidade** tinha muita gente analfabeta, então manter a educação, a escola, mesmo nos primeiros vinte anos não havia escola, as crianças eram alfabetizadas em casa, pelos pais, pelos vizinhos ou pelos evangélicos. [...] A partir dos anos 30 já começaram a haver necessidades de alguns colonos que começaram a crescer e precisavam de mão-de-obra, para cá tinha uns peões de fazenda ou na **cidade** de vez em quando aparecia uns. [...] Porque quando **Carambeí** se emancipou e nós lançamos um candidato, não holandês, era um médico que morava aqui, estava integrado a **cidade**, nós gostaríamos que fosse o primeiro prefeito. (Dick Carlos de Geus). (grifo do autor).

A o município aqui onde estou morando, onde meu pai veio morar eu tinha oito anos, mas Carambeí aqui, tinha umas quatro, cinco casas, inclusive tinha uma leiteria, daí foi indo, se emancipou, agora a **cidade** é uma cidade boa, bem tranquila e eu sou do tempo que jogava no Batata, joguei contra o Garrincha, aqui em 1979. Sei como é que criou a **Cooperativa**, a Batavo, agora a **Batavo** é **Frísia**, antes era **Cooperativa de Laticínios Central do Paraná**. A cidade foi mudando, mudando, agora com 22 anos, mas a história boa mesmo, os holandeses mais antigos, porque em 1911 que vieram os primeiros holandeses. [...]; então a influência da **cidade**, das firmas, que tanto as primeiras foram eles que montaram, **eles vieram em 1911**, até hoje a maioria deles falam bem a língua, mas eles têm ainda um tanto mais antigos que falam só em holandês. [...] Agora nem fala que esse é **holandês**, esse é brasileiro, está muito boa a **cidade**. (João Ari Pedroso). (grifo do autor).

Porque a **cidade** cresceu, porque no começo vinha gente de Ponta Grossa, vender as coisas de sacolinhas, vendedor de roupa, calçado, não tinha nada aqui, ai um foi abrindo uma loja, foi evoluindo, agora tem quantas lojonas, foi vindo muita gente de fora morar para cá. **Carambeí** existia uma fama que era

uma **cidade** rica, mas acho que os **brasileiros** também fizeram crescer bastante. (Conceição Kachinski). (grifo do autor).

Não, acho que virou uma **cidade**, daí cada um cuida de si. Não tem mais separação. Eles têm os afazerem deles, nós temos os nossos. (Clara Bachinski Larocca). (grifo do autor).

Nota-se que a palavra em destaque refere-se em seu contexto de fala indicando a realidade em que se vivia, na educação para as crianças, no seu crescimento (relação campo-cidade), nos serviços que a compunha e compõem, como infraestrutura, pavimentação e, ainda com a criação da Cooperativa, proporcionando os primeiros empregos e tornando um lugar bom para morar.

Assim, toma-se a liberdade de relacionar a “cidade” com as demais palavras grifadas e presentes na nuvem de palavras, nas quais intensificam nossa contextualização. “Carambeí”, “Cooperativa”, “Batavo”, “Frísia” (não aparece na nuvem de palavras, mas associa-se a Cooperativa ou erroneamente a Batavo), “eles vieram em 1911”, “holandês” e “brasileiros”. Retirando as três últimas citações, é possível relatar que o seu contexto refere-se ao desenvolvimento (sem adentrar a sua conceituação) da cidade a partir da vinda dos holandeses e o vínculo estabelecido com os brasileiros, migrantes que já se encontravam na antiga colônia.

Na transcrição do senhor Dick Carlos de Geus, ele diz: “A partir dos anos 30 já começaram a haver necessidades de alguns colonos que começaram a crescer e precisavam de mão-de-obra, para cá tinha uns peões de fazenda ou na cidade de vez em quando aparecia uns”.

Em conformidade com as palavras já comentadas, segue-se para “holandeses”, denominação essa que permeia todas as demais, isso constata-se por ser a mais citada, em evidência na nuvem, nos números (apêndice 6.2 e nas transcrições da sequência:

Descendente de **holandeses**... tem duas coisas, hoje já tem uma mãe brasileira, mãe alemã, portuguesa, houve aquela integração entre famílias, não ficou só entre os **holandeses**. Os alemães têm uma tendência de achar companheiro (a) da mesma etnia e os holandeses não tem tanta dificuldade de se integrar. [...] essa talvez é uma característica **dos holandeses**, **eles** são exploradores, antigamente estavam em toda parte do mundo, eu sempre digo, quem está na proa, lá na frente tem uma vista, quem fica atrás ele vai junto. [...] (Dick Carlos de Deus). (grifo do autor).

Mas a história boa mesmo, os **holandeses** mais antigos, porque em **1911** que vieram os primeiros holandeses. [...] Dos **holandeses**, a influência foi que saiu Carambeí. No caso eles vieram, só tinha de movimento a estrada

de ferro que passava, depois que eles vieram cresceu também. [...] Fazem, da sociedade aqui agora é tudo misturado, e misturou bastante as famílias, **brasileiros** com **holandeses**. (João Ari Pedroso). (grifo do autor).

Depois que foram vindo mais **holandeses**, que formou. Era bem pouco, até tinha, meu falecido pai falava, uns **holandeses** morenos, que eram chamados de holandeses pretos. E tinha mais era brasileiro, o Rico Pedroso, uns do Catanduvas que se mudaram para cá, tinha bastante brasileiro que morava aqui, daí que veio vindo os **holandeses**, os **holandeses** eram poucos naquele tempo. [...] Eu me sinto meia, parece que o povo brasileiro, os brasileiros daqui ficaram meio rejeitados, mas eu agradeço a vinda dos **holandeses**, penso assim, que se não fosse os **holandeses**, não era o movimento que tem agora, eles trouxeram **indústrias**, trouxeram a **plantação** da lavoura, havia muito emprego, tinha a **Cooperativa**, a fábrica de queijo, era um pouco de holandês que comandava e tinha **brasileiros** também. (Dalva Maria Dória Kremer). (grifo do autor).

Acredito que os **holandeses** ajudaram muito, também se não fosse os brasileiros os holandeses não iam para frente também, tem que crescer os dois, os **brasileiros** estão para os holandeses e os holandeses para darem serviço para os brasileiros. Mas, **Carambeí** não é dos holandeses, porque acredito que tenha muito mais brasileiro do que holandês. Eles são orgulhosos em dizer que se não fossem eles, não tinha Carambeí, mas acho que se não fossem os dois juntos, uma aliança, não tinha. (Conceição Kachinski). (grifo do autor).

Aqui dependia dos **holandeses**. (José Francisco Martins). (grifo do autor).

Os **holandeses** são os fortes de **Carambeí**, muitos saíram, mas os fortes são eles. (Bassai). (grifo do autor).

Observa-se que “holandeses” permeia as diferentes categorias discursivas (formação da colônia, etnias, trabalho...) e frações da população, consequentemente espacialidades sociais e lugares de representação de poder. A citar o Parque Histórico de Carambeí, que apresenta no discurso do senhor Dick Carlos de Geus, em contraponto a outras falas:

Pelo Parque nós fazemos essas integrações, a gente faz questão de privilegiar todas as etnias, manter viva a cultura de cada um, para deixar bem claro que aqui não é um núcleo de holandês, aqui é um município, que se formou com holandês e hoje, dentro do contexto do Estado, da Nação e é mais uma de tantas outras cidades [...] Nós fazemos questão de deixar bem claro que isso aqui é um Parque Histórico de Carambeí, poderia ser Parque Histórico Holandês, mas não, conta história de tudo, então fazemos muitos e muitos eventos que não tem tanto ou nada a ver com a imigração holandesa, mas sim com a cultura, com os costumes com a gastronomia, tudo isso aqui nós damos valor muito grande. (Dick Carlos de Geus).

Nota-se que nos discursos, há uma intenção de deixar claro que o próprio Parque não é um ambiente de valorização da etnia holandesa, porém se é preciso esse esforço é porque há motivo para essa reafirmação. Condiz assim:

Onde gosto de ir é no Parque deles, lá é bonito, é tudo estilo deles, para nós aqui não tem. (Bassai).

Alguns não se vêm pertencente a essa ou a outra determinada espacialidade. Tratam como se fosse algo exclusivo a sua história. Nesse âmbito, os discursos sintetizam a realidade carambeiense, em que se encontram desconformidades nas falas, nos posicionamentos. Dão visibilidade a relatar a dualidade existente, que, entretanto, soam como naturais, já triviais e que se revigora.

A título de sintetização, tais análises (elo entre transcrições, gráficos e figuras) corroboram para a compreensão multifacetada da veracidade do município de Carambeí. Onde se encontram vínculos enraizados historicamente, mas que se colocam em evidência a serem dialogados. De um modo crítico, percebeu-se que essa influência de uma única etnia na fala de todos os sujeitos entrevistados, culminam para dois apontamentos, o primeiro que a solidificação da história interpretada a partir da chegada dos holandeses, permeia todas as parcelas sociais e; segundo, essa admiração é feita de uma maneira naturalizada, mas que no caminhar da sociedade, na emancipação para cidade, permeia-se um discurso de que Carambeí não é só ligado aos holandeses, mas com diversas etnias que se fazem visíveis e requerem seu valor de participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão final desta dissertação ampara inicialmente na contextualização do município de Carambeí, aliada a contextos históricos e sociais decorrentes do início do século XIX, com a vinda de imigrantes, principalmente europeus, para o Brasil e especificamente na região dos Campos Gerais, onde encontra-se o município. Estes imigrantes que se fixaram, aliaram seu modo de vida (hábitos) aos recursos advindos e adquiridos nesses pousios, nos quais foram administrativamente chamados de colônia.

Para tanto a proposta da pesquisa baseou-se na constituição dessa colônia por diferentes etnias e na sua formação ao longo dos anos, obtendo através da seleção da memória as percepções dos sujeitos ao tomar como base o município do qual reside. As discussões apresentadas nos três capítulos cernem a percepção dos sujeitos ao pensar no processo histórico de formação do município, com a miscigenação oriunda e como tais se veem nessa história.

Portanto, os movimentos migratórios, considerando imigrantes europeus e migrantes brasileiros, foram determinantes na configuração de Carambeí, na miscigenação cultural, que estruturaram(am) toda sua constituição, tendo o trabalho como principal elo entre as etnias, mais especificamente imigrantes (empregadores) migrantes (empregados).

Disso posto, a prática empírica define-se nas vivências e decorrentes entrevistas que representam os fatores principais nas quais a pesquisa se estruturou. Dialogou-se com pessoas de diversas etnias e posições sociais, entre os dados e representasse fielmente, ou melhor se aproxime da realidade. Dito isso, é contundente que a consideração ampara-se no termo evocado de “atores hegemônicos” (holandeses) e “atores não hegemônicos”.

Essa conceituação reforça com os resultados obtidos, através das entrevistas, gráficos e nuvem de palavras. Por assim dizer, tópicos questionados aos entrevistados, como por exemplo: história da formação do município, etnias existentes e influência holandesa; apresentam discursos semelhantes, de valorização aos holandeses, colocados como etnia originária do município e essa visão se concentra principalmente através do trabalho, ou seja, para os moradores, o município existe graças ao trabalho advindo do sistema cooperativista implantado pelos holandeses.

A consideração se estende a colocar em evidência, em um mesmo patamar, a neutralidade e o apontamento, percebidos com as análises das transcrições das entrevistas. Sobre isso, discorre-se que os entrevistados oralizavam em torno de sua história de vida, experiências e a partir delas, no seu contato, posição (papel) na sociedade guiavam as entrevistas e consequentes respostas. Seus vínculos, perspectivas individuais ora davam margem a críticas ora davam margem a admiração.

Assim, visível com maior destaque no segundo capítulo, os atores postos como “não hegemônicos”, diferenciado inicialmente pela sua etnia não holandesa, se enquadrava no mesmo discurso daqueles rotulados enquanto “hegemônicos”. Reafirma-se a propósito, dois parâmetros, o primeiro que a conceituação “atores hegemônicos” não concentra-se apenas a etnia holandesa e sim, se estende a diferentes etnias, entretanto não homogêneo, e segundo, a história de formação da colônia e posteriormente município, é reafirmada pelo entrevistados, permeia-se uma única perspectiva de formação, aquela oriunda dos holandeses, enquanto pioneiros, que trouxeram o trabalho e beneficiaram a todos.

Essa única direção que as diferentes vozes destacadas no estudo destinaram, simbolizam a partir da própria estrutura e convívio no município, nas práticas sociais, relações e tradições mantidas. Na visível preservação de uma identidade, que se organiza por discursos que representam a tríade da comunidade. Esse convívio é a fonte para a gerir-se o poder, como afirma Arendt (1999, p.213) “o único fator indispensável para a geração do poder é a convivência entre os homens”.

A tríade se especializa no município, presentes em categorias, das quais, facilitam a permanência e relação do sujeito centrando a história em uma única direção. São espaços, dos quais se traduzem essa intermediação de sujeito-história. São modos de apropriações que integram as diferentes facetas e território(os), que articulam categorias, espacialidades, formas sociais, e exprimem padrões de identidades as formas culturais que se reafirmam consciente e inconscientemente, que organizam práticas de representações dos sujeitos e permitem sua identificação.

Nesse sentido, a maior dificuldade da pesquisa foi análise e consequente discussão teórica, das entrevistas, elencando partes e/ou palavras que melhor captam o que o entrevistado quis dizer nas entrelinhas ou como anteriormente citado, uma neutralidade do discurso.

Com a construção do referencial teórico certificamos a dimensão do objeto de estudo, sendo assim preservou-se a estrutura inicial, com discussões abarcando a conceituação de território, que ora vinculava-se ao de espaço, ora embasava a relação campo-cidade e, ainda como base para identidades e memória.

Pudemos perceber que são concomitantes os discursos a cerca do objeto (município de Carambeí), podendo se estruturar essas semelhanças a característica geral do município, que apresentam perspectivas, formam substratos de relações entre os diferentes espaços, sejam espaços institucionalizados (igreja) ou participativos, portanto, verificamos a consolidação das falas entre os diferentes sujeitos, sejam eles caracterizados pela sua etnia e/ou local de moradia, mas sobretudo pela sua posição na relação de trabalho.

Constata-se, que o município possui características históricas determinantes no seu processo de formação que perdura até os dias de hoje, na divisão sócio-cultural, na miscigenação étnica, representadas em formas de poder, pela oralidade, pela representatividade local, relação de trabalho e memória. São elementos que se materializam e vivenciam em espacialidades, nas quais a sociedade se identifica.

Nesse enlace, a presente pesquisa, obteve êxito ao encontrar vozes das quais apresentam desconformidades, posicionamentos controversos, oralidades que trazem seu posicionamento, mesmo que as vezes mascarados, a respeito da tradição do município em representa-lo por meio de uma única etnia. Vozes que precisavam e precisam ser enaltecidas, afim de respaldar os espaços, convívio, reproduções que se linearizam no sentido de permanência e estabilidade, mantidas pela aliança social e trabalho.

Os territórios constituídos em Carambeí enraízam-se por meio de discursos, tradições e relação de trabalho. Estes, não são criteriosamente distintos pela etnia, mas sim pela espacialidade, vivências e papel no município. É uma heterogeneidade no processo de formação, propícia a reconstrução de uma sociedade com vínculos que se estendem a etnia, que se fortalece nas práticas tradicionais e na própria estrutura cotidiana do município.

Portanto, o trabalho vem para elucidar um município fundado em contraposição a um município formado, amparado em discursos competentes, em uma hierarquia social e hierarquia cultural, com ênfase na escala local, que se faz pertinente tanto no local de estudo, quanto para a produção científica.

REFERÊNCIAS

- ACI – Aliança Cooperativa Internacional. **Declaração sobre a identidade cooperativa**. 1998. Disponível em: <<http://www.ica.coop/ica/pt/ptprinciples.html>>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- ALBUQUERQUE, E. M de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.
- ALVES, A.R.C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Revista Lua Nova**. São Paulo, 80, p.71-96, 2010.
- APHC. **Almanaque Imigrantes, immigranten**. Fascículo nº5, 4 jul. 2010.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997, 225 p.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M.B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação. PUCPR: Curitiba, **Anais...** 07 A 10 de novembro de 2011.
- BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. **As cooperativas agropecuárias e o BRDE: Histórico, situação atual e perspectivas**. Porto Alegre: BRDE, 2003.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento**. 24ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BIAZZO, P. P. **Campo e Rural, Cidade e Urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária**. 4º ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – ENGRUP, São Paulo, p. 132-150, 2008.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CHAVES, N. B. (Org.). **IMIGRANTES, immigranten: história da imigração holandesa na região dos Campos Gerais 1911/2011. Perspectivas da Imigração holandesa no Brasil: quatro séculos do patrimônio**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2010.

CHAVES, N. B. (Org.). **IMIGRANTES, imigrantes:** história da imigração holandesa na região dos Campos Gerais 1911/2011: falando de histórias I: sociabilidades, religiosidade, mulheres, arquitetura, arte e cultura, cooperativismo. Ponta Grossa: APHC Editorial, 2011.

CHAVES, N. B. (Org.). **IMIGRANTES, imigrantes:** história da imigração holandesa na região dos Campos Gerais 1911/2011: falando de histórias II: imigração, educação, culinária, meio ambiente, tecnologia, memórias. Ponta Grossa: APHC Editorial 2011.

CÔRREA, R.L. Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia. **Terra Plural**. Ponta Grossa, 1(1); 9-22, jan-jul., 2007.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CÔRREA, R.L. ROSENDHAL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

ENDLICH, A.M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M.E.B (Org.). **Cidade e campo:** relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expresso Popular, 2006.

FAJARDO, S. Tendências e perspectivas da Geografia Agrária no Paraná: alguns pontos para reflexão. In: ROSAS, C. A. R. da F. **Perspectivas da geografia agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 39-50.

FERNANDES. B.M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais:** contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista Nera, n.6. jan./jun. 2005. p. 14-34.

FERNANDES. B.M. Sobre a tipologia dos territórios. In: SAQUET, M. A; SPÓSITO, E. S. **Territórios e territorialidade:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

FERRÃO. J. **Relações entre mundo rural e mundo urbano:** evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. EURE (Santiago- Chile), v.26, n. 78, set.2000. p.123-130.

GAMALHO, N. P. Narrativas do espaço nas histórias de vida: os desafios das metodologias qualitativas na geografia. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Claudia Luísa Zeferino. (orgs.) **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra I, 2016, p 35-47.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios à multiterritorialidade. 6ªed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**. v.14, n.28. p.08-39. 2012.

HESPANHOL, Rosangela Ap. de Medeiros. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Revista Mercator**, v.12, número especial (2)., p.103-112, set. 2013.

KOWARICK, Lúcio. Trabalho e vadiagem. **A origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LOPES, J. C. V. **Fazendas e sítios de Castro e Carambeí**. Curitiba: Torre de Papel, 2004.

LEFEBVRE. H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

MONASTIRSKY, L.B. **Ferrovia: Patrimônio Cultural. Estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais (PR)**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC/CFH/PPGGeo, 2006.

MONTENEGRO, A.T. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1994.

NETTO, L. R. **Carambeí um pouco de sua história**. 1994.

NÚCLEO DE MÍDIA E CONHECIMENTO. **Parque Histórico de Carambeí: Catálogo**. Curitiba: Farol dos Reis, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ. **Cooperativismo e Agroindústria no Paraná**. Curitiba: OCEPAR, 1986.

PEREIRA, M.J. Os imigrantes de origem alemã no Paraná: debate sobre a presença teuta no estado. p. 117- 156. *In*: PRIORI, A; BERTONHA, J. F. **IMIGRAÇÃO e colonização**: conflitos pela terra no Paraná e São Paulo entre os séculos XIX e XX. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Editora Ática S.A. São Paulo. 1993.

ROSAS, C. A. R da F. As interfaces da relação campo-cidade: notas para debate. In: ROSAS, C.A.R. da F. **Perspectivas da geografia agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 119- 138.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.

SANTOS, M. **Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade do Salvador**. In: Boletim Paulista de Geografia. Nº8. Julho 1959. p. 17-30.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira.; FALCADE, Ivanira (Orgs.). **Tradição versus tecnologia**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SATO, Á. de J. *Et al.* **Formação histórica de Carambeí**: etnias, cultura e território. Carambeí: Prefeitura Municipal de Carambeí, 2008. 170p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEYFERTH, G. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. **Reunião Brasileira de Antropologia**, 1 - 4 jun. 2008. Porto Seguro. Disponível em :<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf>. Acesso em 06 dez. 2018.

SOUZA, M. L. J. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

VEIGA, Jose Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

WILHEIM, J. **O substantivo e o adjetivo**. Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

WILLIANS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Apêndice A – Tópico guia pré-elaborado de entrevistas

Nome: _____

Idade _____ Nacionalidade _____

Entrevistado nº _____

Há quanto tempo reside no município? Sabe o motivo da vinda?

1- Inicie a entrevista pedindo para o entrevistado comentar sobre a história do município.

2- Você se sente representado historicamente?

3- Como você sente-se parte dessa construção social?

5- Para você o que a cidade significa?

6- Quais lugares você costuma frequentar? Por que?

Apêndice B – Família Ventura



Apêndice C – Tereza Ventura na casa Sinhara



Apêndice D – Tereza Ventura, Família Spinardi e Deodoro Nogueira



Apêndice E – Banco de dados (Análise de Conteúdo)

Banco de dados_Dissertação.odb : Geral (1) - OpenOffice Base: Database Form

Ficheiro Editar Ver Inserir Formatar Tabela Ferramentas Janela Ajuda

Nome Etnia

Categoria Discursiva Espacialidade Discursiva

Sujeito (Relação) Resumo da Evocação

Evocação

Apêndice F – Análise de conteúdo na base de dados

ID	Nome	Etnia	Categoria Discursiva	Especialidade Discursiva	Sujeito	Resumo da Evocação	Evocação
1	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Colônia		Formação da colônia	Eu não vim para Carambei, eu nasci aqui. Meus pais vieram para cá. Minha mãe em 1909, para Irati, em uma colonização de holandeses que não deu a
2	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Colônia		Formação da colônia	Estava correndo pela Holanda um projeto de colonização do Brasil, que era bem interessante, bem atrativo, dizendo que no Sul do Brasil tem um clim
3	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Colônia		Formação da colônia	Então foi assim Layane, eles chegaram aqui nessa área de Carambei, estava em construção uma ferrovia, era a única oportunidade que eles tinham d
4	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Trabalho	Cooperativa		Início da Cooperativa	Grças a compra de uma Cooperativa em 1925 que isso fortaleceu.
5	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Trípé da colônia			E o segundo fator, então educação e o trabalho e o terceiro em 1925 a Cooperativa.
6	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Trípé da colônia			Esses três fatores extremamente importantes para que essa colonização desse certo e tantas outras pelo interior do Paraná, interior de Santa Catarina,
7	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Formação da colônia	Projeto de povoamento			em Carambei houve um projeto que começou antes, em 1908, em Irati, mas eram uns duzentos e poucos holandeses, só que foi um fracasso total, o
8	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Cooperativa	Empregados			O interessante é que essas pessoas que vieram aqui fazer parte, no começo que era só funcionários das propriedades que eles se integraram muito be
9	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Povos	Descendências			O que posso dizer que brasileiro não, porque todo mundo é descendente de alguma coisa, porque naquele tempo aqui era muito, principalmente de
10	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Emancipação	Prefeito			E uma pena, foi com esse primeiro prefeito, que falava "essa holandesa, pensam que mandam, aqui quem manda somos nós", essa conversa assi
11	Dick Carlos de Geus	Holandesa	Holandeses	Percentual			A gente estima, nunca foi feito um levantamento, a gente fica chutando entre 15 e 20 percento, mas não, já fomos a maioria, pequena, mas hoje n
12	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Formação da colônia	Colônia			Sei como é que criou a Cooperativa, a Batavo, agora a Batavo é Frísia, antes era Cooperativa de Laticínios Central do Paraná. A cidade foi mudando, n
13	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Formação da colônia	Influência holandesa			Dos holandeses, a influência foi que saiu Carambei. No caso eles vieram, só tinha de movimento a estrada de ferro que passava, depois que eles viera
14	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Formação da colônia	Influência holandesa			Até hoje a influência, eles que são os empresários, toca o movimento bem alto, leiteira, bastante lavoura, então a influência da cidade, das firmas, qu
15	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Trabalho	Empregado			toda vida trabalhava de pedreiro, carpinteiro, conheço todos os descendentes de holandês, De Geus, Viçman,
16	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Povos	Miscigenação			Fazem, da sociedade aqui agora é tudo misturado, e misturou bastante as famílias, brasileiros com holandeses. Agora nem fala que esse é holandês, i
17	João Aníbal Pedroso	Portuguesa	Povos	Miscigenação			Sim, agora misturou, todas as famílias, está tudo tipo normal, tem as origens diferentes uma das outras, mas não tem mudança, não tem discriminaç
18	Dalva Maria Dória Ki		Formação da colônia	Colônia			Essa vida mudou muito, desde a Avenida do Ouro, não tinha nada, era uma rua só assim, não era asfaltado, vila para cá não tinha nem luz. Depois enc
19	Dalva Maria Dória Ki		Formação da colônia	Colônia			Isso há quarenta anos atrás, porque antes só vinham vender, vinha de Catanduva e aí se embora. Depois que foram vindo mais os holandeses, que for
20	Dalva Maria Dória Ki		Povos	Influência holandesa			Eu me sinto mais, parece que o povo brasileiro, os brasileiros daqui ficaram meio rejeitados, mas eu agradeço a vinda dos holandeses, penso assim, c
21	Dalva Maria Dória Ki		Povos	Influência holandesa			Quando nós viemos aqui, não tinha praticamente nada. Essa Avenida do Ouro era só umas barracões, não tinha água encanada, não tinha nada. N
22	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Colônia			A sim, porque na verdade se não fosse os holandeses, Carambei não crescia, cresceu por causa deles, da fábrica e tudo mais que eles trouxeram. Qu
23	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até hoje a influência, eles que são os empresários, toca o movimento bem alto, leiteira, bastante lavoura, então a influência da cidade, das firmas, qu
24	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Influência holandesa			Eu me sinto mais, parece que o povo brasileiro, os brasileiros daqui ficaram meio rejeitados, mas eu agradeço a vinda dos holandeses, penso assim, c
25	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Influência holandesa			Quando nós viemos aqui, não tinha praticamente nada. Essa Avenida do Ouro era só umas barracões, não tinha água encanada, não tinha nada. N
26	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Influência holandesa			A sim, porque na verdade se não fosse os holandeses, Carambei não crescia, cresceu por causa deles, da fábrica e tudo mais que eles trouxeram. Qu
27	Conceição Kachinski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até hoje a influência, eles que são os empresários, toca o movimento bem alto, leiteira, bastante lavoura, então a influência da cidade, das firmas, qu
28	João Francisco Marti		Povos	Influência holandesa			Eu me sinto mais, parece que o povo brasileiro, os brasileiros daqui ficaram meio rejeitados, mas eu agradeço a vinda dos holandeses, penso assim, c
29	Comélia Helena	Holandesa	Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
30	Comélia Helena	Holandesa	Formação da colônia	Colônia			Essa vida mudou muito, desde a Avenida do Ouro, não tinha nada, era uma rua só assim, não era asfaltado, vila para cá não tinha nem luz. Depois enc
31	Clara Bachinski Lari	Holandesa	Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
32	Clara Bachinski Lari	Holandesa	Formação da colônia	Relacionamento das etnias			A gente respeita, porque afinal foram eles que começaram, não tenho nada contra, mas damos com todos. Não sei se é nosso jeito de ter amizade co
33	Henrique Harms	Holandesa	Emancipação	Colônia			Faz 60 anos que moro aqui. A gente pertencia a Castro, depois passamos a ser um distrito de Castro, mais tarde foi emancipado. Não sei se foi bor
34	Henrique Harms	Holandesa	Formação da colônia	Colônia			Os primeiros imigrantes vieram fugindo de uma crise que tinha na Europa, tinha uma empresa que estava construindo uma estrada de ferro e precisa
35	Henrique Harms	Holandesa	Formação da colônia	Cooperativa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
36	Henrique Harms	Holandesa	Povos	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
37	João Chagas Maciel		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
38	João Chagas Maciel		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
39	João Chagas Maciel		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
40	João Chagas Maciel		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
41	João Chagas Maciel		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
42	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
43	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
44	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
45	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
46	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
47	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
48	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
49	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
50	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
51	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
52	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
53	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
54	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
55	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
56	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
57	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
58	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
59	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
60	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
61	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
62	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
63	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
64	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
65	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
66	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
67	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
68	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
69	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
70	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
71	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
72	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
73	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
74	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
75	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
76	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju
77	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
78	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
79	Paulo Baninski		Formação da colônia	Influência holandesa			Até a criação da Cooperativa, foi crescendo, mas em um ritmo lento, aí nos anos entre 1950 e 1960 que começaram a agricultura que se desenvolveu
80	Paulo Baninski		Formação da colônia	Relacionamento das etnias			E uma coisa até interessante, porque os primeiros, os pioneiros, que era meu avô, a maioria tinha empregados brasileiros, empregados alemães ju

Apêndice G – Análise de conteúdo na base de dados

ID	Nome	Etnia	Categoria Discursiva	Especialidade Discursiva	Sujeito	Resumo da Evocação	Evocação
38	José Chagas Maciel		Formação da colônia	Colônia			Mudou por causa que a população vai crescendo, na época aqui era de bastante serviço, nas firmas eles precisavam de gente, bastante gente de fora,
39	José Chagas Maciel		Formação da colônia	Influência holandesa			E aqui mais cresceu por causa dos holandeses, se não fossem os holandeses não tinha nada, eu acho que não, porque eles formaram no caso bastan
40	José Chagas Maciel		Trabalho	Influência holandesa			Tem alguns que não gostam muito, acham que holandês é a holandês, mas tem que valorizar eles. Eu acho que se não fossem eles a gente, eu não t
41	José Chagas Maciel		Povos	Relacionamento das etnias			Aqui Carambei, é um lugarzinho bom, hoje em dia tem as pessoas que se aproveitam do poder, mas isso é irrelevante. Tem alguns holandeses que g
42	Paulo Baninski		Formação da colônia	Colônia			Eu vim em 1994, quando eu vim não tinha nem asfalto, o primeiro foi na Avenida do Ouro e estou até hoje. Não mudou muito, quer dizer aumentou
43	Paulo Baninski		Trabalho	Empregado			O conhecimento me é grande, dos holandeses principalmente porque ficaram freqüentes, não sou agrupado com eles, apenas trabalho para eles. M
44	Paulo Baninski		Trabalho	Empregado			Não época que vim para cá era distante, eles os patrões nós os empregados, mas hoje dá para dizer que é tudo compatível, existe outro jeito.
45	Paulo Baninski		Trabalho	Influência holandesa			São, mas pode dizer que sim, mas são eles que dão trabalho para o pessoal aqui de Carambei, vamos falar a verdade, sem eles acho que nós também
46	Jaime		Formação da colônia	Colônia			Quando eu vim para cá era só uma vilinha, agora já cresceu bastante. Eu vim em 1978. Não tinha asfalto, aqui tudo era terra, aí depois que foi crescer
47	Jaime		Povos	Influência holandesa			Dos holandeses a gente quase não sabe, não tinha muito contato, mas eles toda vida foram forte, até hoje eles são. Eles assim são gente boa, mas n
48	Bessai		Formação da colônia	Colônia			É, vim para procurar emprego, trabalhar na Batavo, morava em Castro. Aqui era uma cidade pequena.
49	Bessai		Trabalho	Emancipação			O que falta em Carambei é emprego, indústria, só ficou naquilo lá da Batavo e mais nada. Desde a emancipação não teve indústria
50	Bessai		Povos	Influência holandesa			A sim, eles que sustentam Carambei, tem granja, lavoura, dali que vem o sustento do povo, do comércio, porque eu vendo bateria e vendo bateria p
51	Bessai		Povos	Relacionamento das etnias			E boa, eles são mais fechados, não se misturam, alguns, mas se chegar conversar com eles, são tranquilos. Não tenho queixa. A casa deles já são dife
52	Bessai		Povos	Influência holandesa			Os holandeses são os fortes de Carambei, muitos saíram, mas os fortes são eles.
53	Deodoro Nogueira		Imigração	Início da colônia holandesa			A imigração data de 1911, oficial 4 de Abril de 1911 foi a instalação da colônia. Eu vim para cá nos anos sessenta, aqui tinha a Cooperativa Batavo e a
54	Deodoro Nogueira		Emancipação	Relacionamento das etnias			O que eu observava aqui é que não havia esse entrosamento de famílias, os holandeses não se misturavam com os brasileiros, por exemplo um bras
55	Deodoro Nogueira		Formação da colônia	Colônia			Quando vim para cá Carambei tinha, se tivesse cinco mil habitantes e não era município. A emancipação foi em 1995, 13 de Dezembro de 1995, porq
56	Deodoro Nogueira		Trabalho	Cooperativa			É, eles criaram a Cooperativa e só composta de associados. Tinha duas Cooperativas a Batavo e a Central de Laticínios. Batavo fabricava mais ração
57	Deodoro Nogueira		Trabalho	Cooperativa			- Podia, para ser associado sim, até porque eles precisavam de mão de obra, então os chacareiros tinham os leiteiros lá que eram brasileiros, a famíli
58	Deodoro Nogueira		Trabalho	Cooperativa			São três Cooperativas hoje Capal, agora aqui é Frísia, porque eles venderam para outras empresas, hoje está aqui a Perdigão, a JBS, BR Foods, Lactalis,
59	Deodoro Nogueira		Povos	Convívio			Eu acredito que agora é tudo misturado.
60	Bart Janssen	Polonesa	Povos	Convívio			Hoje eu vejo uma cidade bem, que tem que interagir um pouco mais. Antigamente era colônia e nós pertencíamos a Castro, naquela época a colôni
61	Volanda e Walter De Alemá		Formação da colônia	Colônia			Nossa família, antepassados estão há mais de 130 anos no Brasil, então já somos brasileiros. Os holandeses vieram em 1911, mas antes disso já tinha
62	Volanda e Walter De Alemá		Trabalho	Cooperativa			Nossa produção sempre foi para a Cooperativa, até hoje, a maioria aqui dos rancheiros é só para a Cooperativa. Nós ganhamos um prêmio de 65 an
63	Volanda e Walter De Alemá		Povos	Convívio			O convívio com os holandeses sempre foi muito perfeito, mas em relação a cidade é melhor não falarmos, tem seu pros e contras. Eu só sei que ant
64	Pastor		Formação da colônia	Colônia			O início da colônia aqui aconteceu em 1911, quando um grupo de pessoas vieram para Carambei, convidados para trabalhar nessa estrada de ferro q
65	Pastor		Formação da colônia	Igreja			Naquela época Carambei ainda era um distrito de Castro ou uma colônia de Castro, por isso a igreja aqui é conhecida como a igreja da colônia e hoje
66	Pastor		Formação da colônia	Colônia			Não, no começo da colônia ela se formou com um grupo que veio da Holanda, depois vieram outras pessoas para Ponta Grossa, onde tem etnia de u
67	Pastor		Formação da colônia	Cooperativa			No início um pouco fechada, porque toda colônia logo no início, depois aberta para todo o comércio por causa da Cooperativa Batavo, que se form
68	Pastor		Religião	Igreja			Ela sempre foi aberta para todas as pessoas, só que ela era conhecida como a igreja dos holandeses, porque no início aqui só tinha holandeses, depoi
69	Pastor		Religião	Igreja			A igreja mantém trabalho com a creche Batel, que é uma creche que originalmente foi formada pela igreja, e hoje ainda é administrada por ela, com
70	Pastor		Religião	Igreja			Tem outro trabalho em uma instituição chamada ESCOLA, que é uma escola de contraltos, onde as crianças que não tem idade para estar na ci
71	Pastor		Povos	Convívio			Em todos os grupos étnicos eles tiveram sempre a preocupação de manter sua cultura e essa miscigenação acontece de maneira natural, a medida e
72	Pastor		Religião	Convívio			Não é objetivo, nem da igreja nem da colônia de ter aquela característica de que "somos assim e vocês diferentes", tanto que nesses trabalhos na esc
73	Pastor		Religião	Convívio			Não há nenhuma separação, restrição e nunca houve, às vezes a questão cultural ela separa por si mesma, porque um diz "ai eu sou dessa, sou daque
74	Pastor		Religião	Convívio			O reconhecimento existe, mas aqui você vê não só holandeses, mas indonésios que vieram juntos, são os alemães, poloneses que contribuíram. No i
75	Pastor		Religião	Igreja			Não sei se essa valorização de uma ou outra etnia, é a coisa mais própria a se fazer, até pode se dizer que a cultura holandesa teve a sua parcela de co
76	Pastor		Religião	Igreja			O que eu posso te dizer é que o nosso objetivo é esse, é viver como uma igreja não com um patamar diferente junto com o povo na construção de u
77	Pastor		Religião	Igreja			mas a realidade é de falar sobre tudo isso como um grupo, isso sendo o município mesmo, até porque todos tem suas vozes, talvez um grupo que es
78	Pastor		Religião	Igreja			
79	Pastor		Religião	Igreja			
80	Pastor		Religião	Igreja			

Apêndice H – Código do programa desenvolvido

```
#!/usr/bin/env python
# -*- coding: utf8 -*-

from wordcloud import WordCloud
import matplotlib.pyplot as plt
import re
import numpy as np
from PIL import Image

source = open('./stopwords.txt', 'r')
trabalho = open('./trabalho.txt', 'r')

final = []

for line in trabalho:
    for match in re.finditer(r'(?i)([a-záâãäåæçèéêëìíîïðñóôõö÷øùþ|[\0-9]+)', line, re.IGNORECASE):
        final.append(match.group(0).lower())

for stopword in source:
    stopword = stopword.strip()
    for word in final:
        if word == stopword:
            final.remove(word)

joinedtext = ''
wordfreq = []
for w in final:
    wordfreq.append(final.count(w))
    joinedtext += w + ' '

print('\nNumber of words: ' + str(len(final)))
pairs = dict(zip(final, wordfreq))

wordcloud = WordCloud(font_path='./Montserrat-Medium.ttf', width=1920, height=1080, margin=10,
    colormap='PuRd', max_words=30000).fit_words(pairs)

plt.imshow(wordcloud, interpolation='bilinear')
plt.axis("off")
plt.margins(x=0, y=0)
plt.show()
```

Apêndice I – Lista de nuvem de palavras e frequência

PALAVRA	FREQUÊNCIA
Holandeses	34
Carambeí	26
Tudo	17
Hoje	17
Colônia	17
Pessoas	16
Vieram	14
Holandês	13
Cooperativa	12
Bem	11
Todos/ Dizer/ Cidade/ Brasileiros/Agora/Acho	10
Gente/ Brasileiro/ Batavo	9
Parte/ Outras/ Cultura	8
Trabalho/ Junto/ Igreja	7
Sempre/ Primeiros/ Parque/ Grupo/1911	6
Imigrantes	5
Povo	4
Imigração	3
Povos/ Patrimônio/Miscigenação	2
Tradição/ Reconhecimento/ Associado	1

Apêndice J – Cessão gratuita de direitos de depoimento oral

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL **

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Wlad Carlos de Jesus

RG: 3920381

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP):

Rua Sibagi, 320 - Centro - Carambeí

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schmidt, 344, apartamento 1, Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em 01/03/2018, como subsidio à construção de sua dissertação de **Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa**. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----

Local e Data:

12 de maio de 2018

(assinatura do entrevistado/depoente)

** Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Dalva M. Doria Bremer

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1, Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. _____

Local e Data:

_____ de _____ de _____

Dalva M. Doria Bremer
(assinatura do entrevistado/depoente)

**Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Clara Larocca

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1, Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. _____

Local e Data:

_____ de _____ de _____
Clara M. Larocca
 (assinatura do entrevistado/depoente)

**Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Leopoldo Geraldo Ranz

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

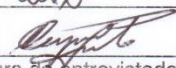
CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1. Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de suadissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----

Local e Data:

_____, 10 de Abil de 2018


 (assinatura do entrevistado/depoente)

**Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Luiza Souza Antti

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1, Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----

Local e Data:

_____, 10 de Abril de 2018

Luiza Souza Antti
 (assinatura do entrevistado/depoente)

**Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): LAYANE HELENA CHARLOTTE VAN DEN BROECKAARD THOMAS

RG: 904492-2,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

ESTADA ANTIGA EL CASINO - CHICADA ITAIPU

CEP 84145-000

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1. Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em / / , como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----

Local e Data:

_____ de _____ de _____

 (assinatura do entrevistado/depoente)

**Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL **

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Roxeli Spinardi Gousses (Filha)

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schmidt, 344, apartamento 1. Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. _____

Local e Data:

Carambeí, 18 de maio de 2018

Roxeli Sp. Gousses
(assinatura do entrevistado/depoente)

** Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL **

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): Sergio Ventura

RG: _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder à Pesquisadora:

Layane de Souza Onofre,

CPF:428.550.968-71 RG:48.785.449-4, domiciliado/residente em:

Rua Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 344, apartamento 1. Ponta Grossa, Paraná,
84031-029

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Carambeí, Estado Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. _____

Local e Data:

_____, 18 de Maio de 2018

Sergio Ventura
(assinatura do entrevistado/depoente)

** Modelo para depoimento em que a identidade do entrevistado possa ser revelada.

Anexo A – Regulamento da Brazil Railway Company

BRAZIL RAILWAY COMPANY
Abteilung Landbau und Colonisation, Carambehy.
REGLEMENT
REGULAMENTO – 7/9/1911

I

A Brazil Railway Company, denominada neste regulamento como “Companhia”, coloca a disposição do colono se estabelecendo neste lugar, de imediato depois de sua chegada: um lote de terras, uma casa, uma canga de bois e também 3 vacas leiteiras. No momento em que a Direção da Colônia de Carambehy definir a capacidade do colono na sua sustentação do gado, a “Companhia” aumentará o total das vacas leiteiras até 9. A “Companhia” também fornecerá sementes e adubos para a primeira sementeira nesta parte do terreno, satisfatoriamente preparado pelo colono na opinião da Direção.

II

A “Companhia” obriga-se, caso o colono isto deseje, comprar a produção do colono ao preço do mercado.

III

O colono obriga-se amortizar a sua dívida com a “Companhia”, proveniente da compra do lote de terras e do material fornecido conforme cláusula 1 do Regulamento da seguinte maneira:

A “Companhia” descontará durante 10 anos da produção do colono uma certa importância anual, que nunca poderá ultrapassar a metade da produção bruta do gado e do leite.

IV

Quando o total do leite produzido e entregue na Usina da Companhia não der resultados satisfatórios, ficando em média abaixo da população dos outros colonos de Carambehy, a direção terá o direito em prolongar o contrato com tal prazo, até que o total do leite entregue chegue a média normal fornecida.

V

O rendimento da safra de milho, centeio, alfafa, etc.; pertence ao colono a contar do dia do seu estabelecimento no lote.

VI

No décimo primeiro ano, o arrendatário torna-se proprietário do lote, do gado, da casa e também dos utensílios agrícolas e recebe no mesmo tempo uma escritura definitiva da “Companhia”.

VII

Na sua chegada na colônia de Carambehy, o colono deve possuir em dinheiro no mínimo uma importância de um conto de réis (1.000,000 Mil réis) equivalente à 1.350,00 marcos, qual importância lhe permitirá viver até a primeira safra porque a “Companhia” não fornecerá gêneros alimentícios ao colono. O colono só poderá fazer as suas compras de gêneros alimentícios nas casas de comércio, controladas pela Companhia quanto aos preços e a qualidade dos produtos. Além disso o colono deverá pagar como sinal à “Companhia” para garantir o seu contrato uma importância de 100,000 mil réis, equivalente à 270,00 marcos.

VIII

O colono obriga-se com a assinatura do contrato de aluguel, cumprir pontualmente as seguintes exigências:

- 1.º) Nunca vender, arrendar ou desviar numa outra maneira o inventário, conforme o contrato recebido da Companhia, antes da amortização total do contrato, ou em outros casos só com o consentimento, por escrito, da “Companhia”.
- 2.º) Pontualmente seguir as indicações técnicas da Companhia de um manejo eficaz na parte das lavouras, seja na plantação, sementeação, adubação, etc.
- 3.º) O colono obriga-se entregar toda a sua produção de leite na Usina da Companhia durante o tempo do seu contrato e receberá pelo leite o preço do mercado (preço do leite usado para a fabricação de manteiga em São Paulo). O colono terá permissão para reter diariamente 3 litros para uso doméstico.

IX

O colono obriga-se sempre a conceder á construção de estradas no seu lote, pela Companhia. A Companhia neste caso descontará o valor do terreno usado, na dívida do colono.

X

A “Companhia” sempre terá direito de inspecionar as casas. O gado e os utensílios de tempo em tempo.

XI

Em caso de uma construção nova, o colono tem a obrigação de entregar à Direção, um plano de construção e um orçamento de custo. Só poderá ser iniciada uma tal construção, depois da aprovação e autorização por escrito pela direção.

XII

Em caso de desobediência ao regulamento por parte do colono, a Direção terá o direito de dissolver o contrato. Neste caso a “Companhia” pagará ao colono, que vai sair, somente o preço do mercado para a safra ainda não colhida.

A Direção.

KOOY, H, A. **Carambeí 75 anos: 1911-1986**. Castro: Kugler, 1986.

Anexo B – Título definitivo de propriedade pela Brazil Railway Company aos colonos



Fonte: Acervo Fotográfico de Irati.

Anexo C – Hino de Carambeí

Somos povo de glória e trabalho
 Ante as metas dos nossos ancestrais.
 Grande empenho almejando o progresso,
 Compromisso que honramos demais.
 Somos gratos porque pertencemos
 A um berço de histórias reais:
 Dos tropeiros a pousadas Sinhara
 Integramos os campos gerais.

Salve, Salve, Carambeí
 Seu nome é tupi-guarani.
 Verdes campos, rios e matas
 De beleza igual nunca vi
 Salve, Salve, Carambeí
 Pedacinho de chão encantado,
 Que nos dá o trabalho e sustento
 E por Deus foste abençoado.

Desbravando o chão com carinho,
 Semeamos, cultivamos com amor
 O trigo, a soja e o milho,

São as bases do agricultor
Verdes pastos, bacia leiteira,
Orgulho de toda geração
São os frutos da luta constante,
Que engrandece a todo cidadão

Continuamos perseverantes
Mantendo vivo nossos ideais.
Harmoniosa integração de etnias,
Nos permite sermos iguais.
Cada um com seu credo e esperança,
Confiança, fé e louvor.
Nosso desejo é sempre mantermos
Igualdade, respeito e amor.

Autores: Bart Janssen e Sérgio Rodrigues da Luz, 1997.